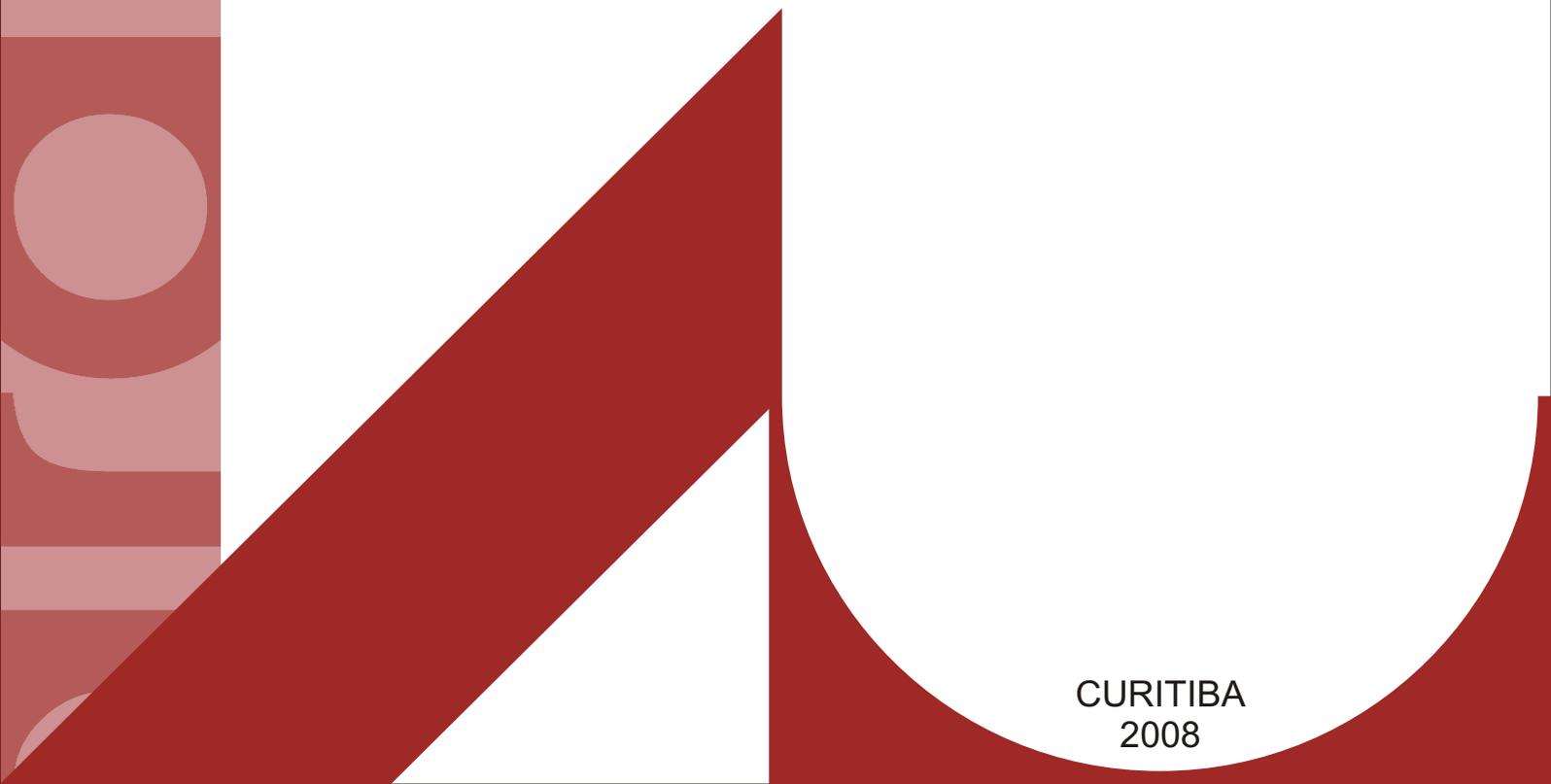


JULIANA EMY HIRAI

ALBERGUE DA JUVENTUDE

Tema Final de Graduação
Curso de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Paraná

Prof. Orientador: José La Pastina Filho



CURITIBA
2008

JULIANA EMY HIRAI

ALBERGUE DA JUVENTUDE

Trabalho Final de Graduação
apresentado à disciplina de Orientação
de Pesquisa do Curso de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal do
Paraná, ministrada pelo professor Key
Imaguire Jr.

Orientador: Prof^o José La Pastina Filho

CURITIBA

2008

RESUMO

Esta pesquisa consiste na primeira parte do Trabalho Final de Graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná, com o tema “Albergue da Juventude”. O objetivo principal deste trabalho é criar subsídios para a segunda etapa: o desenvolvimento do projeto arquitetônico de um Albergue da Juventude, na cidade de Curitiba, a partir da reciclagem de um edifício de valor histórico, hoje abandonado e sem uso, e da proposta de um novo bloco anexo. Para isso, são expostos e analisados os aspectos de maior relevância que envolvem este tema, a partir de levantamento de dados, revisão bibliográfica e webgráfica, visitas a locais de interesse, análise crítica de exemplos compatíveis e entrevistas. A pesquisa abrange o estudo dos conceitos relacionados ao turismo e à hospedagem, que possibilitam a compreensão global do movimento alberguista. A reciclagem na arquitetura também é apresentada, visando o entendimento desta questão e seus princípios na atualidade. Com base nestas análises, são realizados os estudos de caso e a interpretação da realidade do local de inserção do projeto proposto. O resultado final deste trabalho consiste na concepção das diretrizes gerais para o projeto do Albergue da Juventude.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| RESUMO | ii |
| SUMÁRIO | iii |
| | |
| 1 INTRODUÇÃO | 05 |
| 1.1 OBJETIVO GERAL | 06 |
| 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 06 |
| | |
| 2 CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA | 07 |
| 2.1 TURISMO | 07 |
| 2.1.1 Aspectos conceituais | 07 |
| 2.1.2 Aspectos históricos | 08 |
| 2.1.3 O turismo no Brasil | 09 |
| 2.1.4 O turista | 10 |
| 2.1.5 Segmentos do turismo | 11 |
| 2.1.5.1 Turismo de jovens | 13 |
| 2.1.5.2 Turismo cultural | 13 |
| 2.2 HOSPEDAGEM | 15 |
| 2.2.1 Aspectos conceituais | 15 |
| 2.2.2 Aspectos históricos | 15 |
| 2.2.3 A hospedagem no Brasil | 16 |
| 2.2.4 Os meios de hospedagem | 18 |
| 2.3 O MOVIMENTO ALBERGUISTA | 20 |
| 2.3.1 Aspectos conceituais | 20 |
| 2.3.2 Aspectos históricos | 21 |
| 2.3.3 O movimento alberguista no Brasil | 25 |
| 2.3.4 <i>A International Youth Hostel Federation</i> | 28 |
| 2.3.4.1 Filosofia Alberguista | 29 |
| 2.3.4.2 Os Albergues da Juventude | 32 |
| 2.3.4.3 Os alberguistas | 38 |
| 2.4 RECICLAGEM NA ARQUITETURA | 39 |
| 2.4.1 Aspectos conceituais | 39 |

| | |
|--|------------|
| 2.4.2 Aspectos históricos | 40 |
| 2.4.3 Cartas Patrimoniais e Recomendações | 42 |
| 2.4.4 O processo de reciclagem | 45 |
| 2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 48 |
| | |
| 3 ESTUDOS DE CASO | 49 |
| 3.1 CURITIBA ECO HOSTEL | 49 |
| 3.2 ALBERGUE DAS LARANJEIRAS | 60 |
| 3.3 INDIGO HOTEL | 70 |
| 3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 82 |
| | |
| 4 INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE | 84 |
| 4.1 O ESTADO DO PARANÁ | 84 |
| 4.2 A CIDADE DE CURITIBA | 86 |
| 4.3 O BAIRRO SÃO FRANCISCO | 89 |
| 4.4 O SÍTIO E SEU ENTORNO IMEDIATO | 92 |
| 4.5 O EDIFÍCIO EXISTENTE | 98 |
| 4.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 110 |
| | |
| 5 DIRETRIZES GERAIS DE PROJETO | 111 |
| 5.1 JUSTIFICATIVA DO PROJETO | 111 |
| 5.2 A PROPOSTA | 112 |
| 5.3 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO | 113 |
| 5.4 ORGANOGRAMA E SETORIZAÇÃO | 116 |
| 5.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 116 |
| | |
| 6 CONCLUSÃO | 117 |
| | |
| REFERÊNCIAS | 119 |

1 INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade de grande importância socioeconômica e cultural em todo o mundo. As viagens de lazer têm se tornado cada vez mais constantes para parte da população. Dentro deste contexto encontra-se o movimento alberguista, que a cada dia conquista novos adeptos devido à sua filosofia única. O alberguismo desenvolve-se nos Albergues da Juventude, meio de hospedagem cujo principal objetivo é incentivar o turismo responsável e o intercâmbio cultural entre seus hóspedes, os alberguistas, geralmente jovens. Além disso, o movimento também procura despertar o sentido da cidadania, da solidariedade e da responsabilidade entre seus adeptos. O engajamento social é outro aspecto desta filosofia, que contempla questões como a conscientização ambiental, a valorização dos aspectos tradicionais das cidades, dentre outros. Outro ponto interessante do alberguismo é o preço da diária bastante reduzido, o que o torna mais democrático e acessível a todos.

A proposta da instalação de um novo Albergue da Juventude na cidade de Curitiba surge dentro deste contexto, a partir da constatação da realidade local e da demanda crescente por este tipo de hospedagem. A opção pela reciclagem de um edifício antigo que hoje não cumpre sua função social deve-se ao seu valor histórico-cultural e à importância desta questão para a sociedade, visando a requalificação do entorno. Além disso, este estabelecimento configura-se como um ponto de encontro e troca de experiências entre os jovens alberguistas. O Albergue da Juventude será um estabelecimento que possibilitará a realização das atividades turísticas para um maior número de pessoas, valorizando a cidade e transmitindo sua cultura aos visitantes. O movimento alberguista ganhará mais um espaço para seu desenvolvimento, contribuindo para a formação individual principalmente dos jovens, em busca de uma sociedade melhor, mais justa e consciente.

1.1 OBJETIVO GERAL

Realizar a parte de pesquisa do Trabalho Final de Graduação, visando criar embasamentos e estabelecer as diretrizes gerais para o projeto do Albergue da Juventude a ser desenvolvido.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- § Analisar as principais questões relacionadas ao turismo e à hospedagem, como seus aspectos históricos e conceituais e a realidade no país;
- § Estudar os conceitos que envolvem o movimento alberguista, como sua filosofia, a *International Youth Hostel Federation* e seus princípios e os Albergues da Juventude e seus usuários;
- § Apresentar e compreender os princípios da reciclagem na arquitetura e sua importância para a sociedade;
- § Estudar exemplos de edifícios compatíveis com a ideia do projeto a ser desenvolvido;
- § Analisar a realidade do local onde será proposta a inserção do Albergue da Juventude partindo de uma escala mais abrangente para a específica;
- § Estabelecer diretrizes gerais e um programa de necessidades para o projeto do Albergue da Juventude como resultado final deste trabalho.

Estes objetivos específicos serão desenvolvidos respectivamente nos capítulos 2, 3, 4 e 5 deste trabalho.

2 CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA

Este capítulo refere-se à revisão bibliográfica que irá fornecer subsídios para o desenvolvimento do projeto proposto. Para compreender o que são e como funcionam os Albergues da Juventude, parte-se do estudo de uma escala mais ampla. Desta forma, nos dois primeiros subcapítulos serão apresentados os principais aspectos que envolvem o turismo e a hospedagem. Estes assuntos criarão embasamento necessário para a compreensão do movimento alberguista, que será conceituado no terceiro subcapítulo. Finalizando este capítulo, será abordada a questão da reciclagem na arquitetura. A compreensão e a análise de todos estes aspectos contribuirão para direcionar a concepção do projeto arquitetônico do Albergue da Juventude.

2.1 TURISMO

2.1.1 Aspectos Conceituais

O turismo representa a possibilidade da fantasia, do descanso, dos encontros e do prazer. É um fenômeno socioeconômico e cultural muito importante para a sociedade contemporânea, uma vez que estabelece a comunicação e a troca de culturas entre povos, tanto dentro como fora do país. A atividade proporciona ao turista um reencontro consigo mesmo, que, fora da sua rotina, pode construir seu próprio tempo e realizar aquilo que deseja.

Segundo Trigo (2001), o turismo é um dos diversos ramos do lazer, o qual compreende todas as atividades realizadas fora do contexto do trabalho, das obrigações sociais, religiosas e familiares. Sendo assim, esta atividade é um direito legítimo de toda a população. Ainda de acordo com o autor, nem todas as viagens podem ser consideradas turismo, uma vez que esta atividade engloba apenas aquelas realizadas por prazer, motivadas por razões não-econômicas, e com duração superior a 24 horas.

Sob a ótica econômica, o turismo é uma atividade terciária, do setor de serviços. Neste contexto, Andrade (2001, p.12) conceitua turismo como: “conjunto de serviços que tem por objetivo o planejamento, a promoção e a execução de viagens,

e os serviços de recepção, hospedagem e atendimento aos indivíduos e os grupos, fora de suas residências habituais”.

2.1.2 Aspectos Históricos

Embora o turismo fosse praticado desde a Antiguidade, a atividade turística organizada, conforme Trigo (2001), surgiu a partir da Revolução Industrial, em meados do século XIX. O contexto socioeconômico deste período favorecia os burgueses, que dispunham de mais tempo livre, dinheiro e vontade de viajar. Outro fator que concorreu para a expansão do turismo foi o desenvolvimento da tecnologia, a qual possibilitou grandes construções com estrutura de ferro que mudaram a aparência das cidades e revolucionaram os meios de transporte, como navios e trens. É neste contexto que, em 1841, Thomas Cook, considerado o pai do turismo moderno, promoveu a primeira viagem organizada da história. Um trem fretado levou cerca de 570 pessoas da cidade de Leicest para Loughborough, Inglaterra, onde aconteceu um congresso antialcoólico.

Até o século XIX, o principal tipo de turismo era o residencial, que consistia no deslocamento da família por um determinado período (geralmente uma estação) para sua segunda residência ou a residências de amigos e familiares. A partir de meados do século XIX, o turismo passou por um processo de mudanças, quando muitas das viagens passaram a ser motivadas por grandes cassinos de luxuosos hotéis. Neste período, também se desenvolveu o turismo denominado “paisagístico”, que compreendia as viagens realizadas com destino às montanhas, principalmente aos Alpes suíços. Além dessas atrações, outro motivo que levava os turistas a planejarem suas viagens era a saúde. Para isso, deslocavam-se para estações de tratamento e *spas*, destinados à recuperação da saúde física e/ou mental.

Ainda de acordo com Trigo (2001), a atividade turística foi atenuada com o advento das Guerras Mundiais e retomada somente na década de 50, com características do turismo de massa. Além do fim das guerras, a expansão do setor também foi decorrente das conquistas sociais dos trabalhadores, como a instituição de férias pagas e a elevação da renda. Nesta época, a valorização do lazer e o reconhecimento do direito de todos ao seu usufruto aliados à mudança dos hábitos

de consumo das sociedades concorreram para o aumento do desejo das viagens entre a população.

O turismo se transforma hoje em um setor cada vez mais importante no mundo, seja pelos aspectos socioeconômicos ou pelos culturais. Segundo Almeida (2007), esta situação começou a se consolidar principalmente a partir da década de 90, quando a globalização passou a se intensificar.

Desde o início do século XX, a atividade turística conta com o apoio da OMT (Organização Mundial do Turismo), agência das Nações Unidas que debate sobre as principais questões relacionadas ao turismo. Com sede em Madri, a instituição congrega 150 países, com membros que representam o setor privado, instituições educacionais, associações etc.

Atualmente, o turismo é a atividade do setor terciário que mais cresce no mundo, movimentando cerca de U\$ 4 trilhões, de acordo com dados de 2004 da OMT.

2.1.3 O Turismo no Brasil

O turismo organizado pode ser considerado uma atividade recente no Brasil. De acordo com Almeida (2007), a atividade turística no país teve duas grandes fases de expansão. A primeira delas ocorreu juntamente com a criação da Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo), em 1966, quando o turismo foi uma das formas encontradas para combater a propaganda negativa decorrente da ditadura militar e para colaborar com o crescimento da economia nacional. Nesta época, através de incentivos do governo, foi desenvolvida uma estrutura razoável para o turismo, que envolvia desde cursos superiores até a instalação de grandes redes hoteleiras. Esta fase, entretanto, resultou em fracasso. Fatores como a crise econômica do país e a falta de planejamento dos profissionais do ramo, que não deram a devida atenção a questões como a formação de profissionais qualificados e a qualidade do serviço prestado, concorreram para uma crise do turismo nacional, que pendurou até meados da década de 90.

Com o estabelecimento da abertura econômica do país, inicia-se a segunda fase de expansão do turismo, que encontrou condições favoráveis ao seu desenvolvimento. Em 1996, a Embratur estabeleceu a Política Nacional de Turismo,

a qual incentivou investimentos em hotéis, parques temáticos e projetos de entretenimento. Outro importante fator para o desenvolvimento desta segunda fase foi a privatização das telecomunicações e das rodovias, que proporcionaram melhores condições para os turistas. Além disso, a formação profissional tornou-se mais qualificada e novos cursos relacionados com o lazer surgiram no país. Neste contexto, as viagens tornaram-se objeto de desejo entre a população, que passou a compreender a importância da atividade turística como forma de lazer e desenvolvimento social.

Nos últimos anos, o governo vem realizando planos e políticas públicas para o desenvolvimento do setor. Uma mostra disso é o programa Vai Brasil, projeto do Ministério do Turismo que possui como objetivo principal fomentar a comercialização de pacotes turísticos em períodos de baixa temporada, desenvolvendo infraestrutura turística e aumentando a divulgação do país no exterior. Apesar da segunda fase do turismo no Brasil ser considerada de sucesso, há algumas questões a serem analisadas. De acordo com Trigo (2001), embora a atividade esteja em expansão, o Brasil ainda não está explorando todo seu potencial turístico. Alguns fatores que concorrem para este fato são a falta de infra-estrutura e de profissionais do ramo capacitados.

Segundo dados da Embratur (2006), o setor turístico é responsável pela entrada de mais de 5 milhões de turistas/ano no Brasil, vindos de países como a Argentina, Estados Unidos, Portugal, Itália etc. A receita cambial turística é crescente a cada ano, sendo que a gerada em 2006 foi de aproximadamente U\$ 3,8 milhões.

2.1.4 O Turista

O turista é aquele que pratica o turismo, ou seja, “é o viajante que se desloca para um ou mais lugares diferentes de sua residência habitual e lá permanece por mais de 24 horas, mas com intenção de retorno. Além disso, não participa do mercado de trabalho no destino” (ALMEIDA, 2007, p. 17). Assim, o turista é aquele que viaja voluntariamente para recrear-se, por período delimitado.

Não se deve confundir o conceito de turista com o de viajante. Assim como nem toda viagem pode ser considerada turismo, nem todo viajante é um turista. Este

é assim considerado quando se desloca por prazer, e em seu tempo livre. Já aquele possui inúmeras outras motivações, como negócios, fixação de residência em outro lugar, motivos políticos etc.

Ao deixar seu lugar normal de trabalho e moradia, o turista geralmente procura por experiências prazerosas diferentes das do cotidiano. Segundo Andrade (2001), são vários os motivos que o turista contemporâneo possui para viajar, como:

- § O desejo de evasão, de conhecer novos lugares, culturas e pessoas;
- § A necessidade de evasão: as pessoas possuem necessidade de trocar de ambiente físico e de mudar suas relações sociais;
- § O espírito de aventura;
- § A aquisição de status: a prática do turismo confere uma sensação de prestígio entre a população;
- § A necessidade de tranquilidade e descanso das atividades do cotidiano;
- § A motivação cultural;
- § A motivação comercial.

2.1.5 Segmentos do Turismo

Atualmente, devido à necessidade de especialização exigida pelo mercado, percebe-se um processo de segmentação do setor turístico, cujas tipologias podem ser determinadas de diversos modos.

Segundo Andrade (2001), o turismo pode ser classificado de acordo com os usuários, separando-o em turismo de elite, de massa e alternativo. O de elite é o voltado à minoria, à parcela da população que possui alto poder aquisitivo e pode garantir mais conforto e luxo em suas viagens. O turismo de massa é atualmente o predominante, que se caracteriza por programações individuais ou em grupos através de pacotes turísticos mais econômicos. Os turistas de massa são representados pela classe média e empresários de médio e pequeno porte. Por fim, o turismo alternativo, que se distingue dos demais pelo fato dos turistas possuírem um itinerário de viagem flexível e não convencional e utilizarem hospedagens simples e econômicas, como *campings* e albergues. Os turistas alternativos geralmente são jovens e estudantes com espírito de aventura e muita vontade de conhecer novos lugares e pessoas.

Já Almeida (2007) classifica o turismo de acordo com a motivação do deslocamento do turista. Segundo a autora, os principais tipos de turismo são:

- § Turismo cultural: é a vivência e o conhecimento de novas culturas através de elementos como o patrimônio histórico e cultural da sociedade;
- § Turismo de estudos / intercâmbio: deslocamento com o motivo principal de realizar atividades que envolvam a ampliação do conhecimento e o desenvolvimento pessoal;
- § Turismo social: “caracteriza-se pela forma de conduzir e praticar a atividade turística promovendo a igualdade de oportunidade, a eqüidade, a solidariedade e o exercício da cidadania na perspectiva da inclusão”, ou seja, é o turismo acessível a todos;
- § Ecoturismo: “segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente”, definido pela Embratur. Segundo Giaretta (2003), os Albergues da Juventude, uma vez que apresentam baixo impacto ambiental, são meios de hospedagem importantes para atender a demanda deste segmento do turismo;
- § Turismo rural: é o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária e agregando valor a produtos e serviços;
- § Turismo de esportes: “compreende as atividades turísticas decorrentes da prática, envolvimento ou observação de alguma modalidade esportiva”, de acordo com o Ministério do Turismo;
- § Turismo de saúde: “praticado por pessoas que se deslocam em busca de climas ou estações de tratamento onde possam recuperar a saúde física e/ou mental”, segundo a Embratur;
- § Turismo religioso: é o turismo decorrente da busca espiritual e da prática religiosa, como as peregrinações, romarias, retiros espirituais etc;

A seguir serão aprofundados os conceitos de turismo de jovens, que pode ser inserido no turismo alternativo, e o de turismo cultural, ambos considerados de grande importância para o desenvolvimento do tema em questão.

2.1.5.1 Turismo de Jovens

A juventude, definida por Giaretta (2003) como o período de vida entre os 16 aos 26 anos, é muito importante para a formação e transformação de cada um. Geralmente, é nesta fase que se despertam o espírito de aventura, o desejo de conhecer o novo e o diferente e a busca pela liberdade.

Atualmente, os jovens constituem um segmento promissor no cenário do turismo mundial. Estes turistas são estudantes em sua maioria, com perfil pouco exigente e com capacidade média de consumo. São importantes divulgadores dos locais visitados, incentivando outras pessoas a conhecerem os mesmos. Algumas características são predominantes entre os turistas jovens, como a prática do turismo alternativo, que envolve o gasto reduzido por dia, a utilização de transportes econômicos, a hospedagem extra-hoteleira, em locais como albergues e *campings* e a preferência por locais naturais ou com atrações artísticas e históricas.

Entre os jovens existe um grupo denominado de “mochileiros” ou *backpackers*, como são conhecidos mundialmente. Giaretta (2003) define-os como “pé-na-estrada”, já que viajam de modo independente, fora dos esquemas convencionais do turismo de massa. A principal motivação dos mochileiros é a busca pela liberdade, pelo conhecimento e pela diversão. Estes turistas geralmente possuem espírito de aventura e praticam um turismo responsável, uma vez que procuram conhecer de fato o lugar visitado e sua cultura, respeitando o meio ambiente e os moradores locais. Viajam geralmente sozinhos ou em pequenos grupos e constituem grande parte dos usuários dos meios de hospedagem alternativos, como os Albergues da Juventude.

Segundo dados da OMT, citados por Giaretta e Faria (2006), o turismo internacional de jovens é constituído atualmente por cerca de 80 milhões de viajantes, que representam 17% de todos os desembarques. Esse segmento do turismo é o que mais cresce nos últimos anos.

2.1.5.2 Turismo Cultural

O turismo cultural pode ser considerado, atualmente, um dos principais segmentos da atividade turística. Segundo Almeida (2007, p. 19), que transcreve a

definição adotada pelo Ministério do Turismo, “o turismo cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura”. De acordo com a reportagem de Chiozzini (2006), este setor do turismo está em expansão, e hoje se encontra em terceiro lugar entre as preferências dos turistas que viajam pelo Brasil.

Conforme Albano e Murta (2002), o turismo cultural deve incentivar a valorização e revitalização do patrimônio bem como a preservação dos bens culturais, os quais revelam a identidade do lugar e ajudam o visitante a captar sua essência. É um recurso educacional, que possibilita a interação do turista entre o presente e o passado e o conhecimento dos aspectos culturais da comunidade, trazendo grandes benefícios para a própria população local, que passa a conhecer seus bens e assim valorizá-los. O Ministério do Turismo ressalta que o uso turístico deve sempre atuar no sentido do fortalecimento das culturas.

De acordo com Almeida (2007), existem alguns princípios básicos para o desenvolvimento do turismo cultural, como:

- § Preservação, conservação e originalidade dos bens;
- § Desenvolvimento com base local (inclusão social da comunidade);
- § Qualidade da experiência do turista;
- § Parcerias entre agentes do turismo e gestores dos espaços culturais.

Os principais atrativos palpáveis do turismo cultural são sítios e edificações históricos, museus, centros de cultural, festas e eventos locais, gastronomia típica, artesanato, feiras tradicionais, festivais etc. Atualmente, de acordo com entrevista realizada com Karla Lemos, diretora da APRAJ (Associação Paranaense de Albergues da Juventude), o turismo cultural é um dos principais motivos dos deslocamentos realizados pelos alberguistas do Brasil.

Conforme o Ministério do Turismo (2006), existem dois tipos de turista cultural. O primeiro deles é aquele que possui interesse específico na cultura local e pretende se aprofundar no conhecimento desta. É considerado o público principal para o Ministério do Turismo. O segundo tipo pode ser definido por aquele turista que apresenta apenas um interesse ocasional na cultura e possui outros motivos que o atraem ao destino visitado.

2.2 HOSPEDAGEM

2.2.1 Aspectos Conceituais

A hospedagem, por meio dos hotéis e estabelecimentos afins, representa um serviço essencial para o desenvolvimento do setor turístico. O principal papel dos meios de hospedagem é o de abrigar pessoas que estão fora de seus lares e longe dos elementos de seu cotidiano. Desta forma, necessitam de um lugar acolhedor, seguro e que ofereça determinados serviços durante este período.

A Deliberação Normativa nº 433 de 30 de dezembro de 2002 da Embratur define:

“Os serviços de hospedagem são aqueles prestados por empreendimentos ou estabelecimentos que ofertam alojamento temporário para hóspedes, mediante adoção de contrato, tácito ou expresso, de hospedagem e cobrança de diária pela ocupação da UH (unidade habitacional)”. (ALMEIDA, 2007, p. 13)

2.2.2 Aspectos Históricos

Segundo Andrade, Brito e Jorge (2004), a oferta de hospedagem deu-se inicialmente devido às rotas comerciais da Antiguidade, muitas das quais originaram núcleos urbanos e centros de hospedagem aos viajantes.

Na Idade Média, os viajantes eram geralmente abrigados em mosteiros e abadias. Posteriormente, com a proliferação do Regime Monárquico em vários países europeus, a hospedagem, para os mais abastados, passou a ser realizada nos palácios da nobreza ou ainda nas instalações militares e administrativas. Os que não podiam contar com as regalias do Regime eram instalados em precárias estalagens. Foi somente no contexto da Revolução Industrial, no final do século XVIII, que a hospedagem passou a ser vista como uma atividade comercial.

Após a Segunda Guerra Mundial, ainda de acordo com Andrade, Brito e Jorge (2004), o turismo passou por uma grande transformação devido à expansão da economia mundial e ao aumento da renda de grande parte da população. Esses fatores proporcionaram mais tempo e recursos para o lazer da sociedade, que

passou a contar com melhorias nos sistemas de transporte e comunicação. Este contexto ampliou significativamente o setor de turismo, o grande promotor dos meios de hospedagem.

A história da hospedagem possui importantes marcos, a seguir:

- § Antiguidade: Estâncias hidrominerais foram implantadas pelos romanos na Inglaterra, na Suíça e no Oriente Médio. Existência de pontos de paradas e de caravanas.
- § Idade Média / Era Moderna: Abadias e mosteiros acolhiam os hóspedes (cruzados e peregrinos).
- § 1790: Surgem hotéis na Europa e nos Estados Unidos estimulados pela Revolução Industrial.
- § 1850: Áreas próximas às estações ferroviárias passam a concentrar hotéis.
- § 1870: Introdução do quarto com banheiro privativo pelo suíço César Ritz no primeiro hotel em Paris.
- § 1920: Prosperidade econômica possibilita surgimento de grande quantidade de hotéis.
- § 1950: Os novos aviões a jato e a expansão do turismo mundial concorrem para um novo surto de construção de hotéis.
- § 1970: O surgimento da aeronave Boeing 747, com grande capacidade para passageiros, impulsiona os fluxos turísticos.

2.2.3 A Hospedagem no Brasil

De acordo com Andrade, Brito e Jorge (2004), os primeiros hóspedes brasileiros - os viajantes do período colonial - eram instalados nas casas-grandes dos engenhos, nos casarões nas cidades, nos conventos e nos ranchos à beira das estradas. A esses ranchos foram sendo agregados estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, muitos dos quais originaram povoados, os quais evoluíram para vilas e posteriormente cidades.

Já no século XVIII, no Rio de Janeiro, surgiram as primeiras estalagens, que ofereciam alojamentos aos viajantes. Com a chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808, o país passou a receber um grande fluxo de estrangeiros, que vieram ao país exercer suas funções diplomáticas, científicas e comerciais. Casas

de pensão, hospedarias e tavernas abriram suas portas aos viajantes, já que era escassa a quantidade de hotéis existentes. Visando solucionar esta questão, o governo criou, em 1907, o Decreto nº 1.100 isentando por sete anos dos impostos municipais os cinco primeiros hotéis que se instalassem no Rio de Janeiro. Esta medida resultou na inauguração do Hotel Avenida (na figura abaixo) o primeiro grande hotel da cidade com 220 apartamentos, e impulsionou a construção de outros estabelecimentos.



FIGURA 1 – Hotel Avenida

FONTE: ANDRADE; BRITO; JORGE (2004).

Entretanto, a atividade turística no país era considerada incipiente até então, conforme Andrade, Brito e Jorge (2004). Como visto no subcapítulo anterior, somente na década de 1960 é que se inicia de fato a primeira fase da hotelaria no país, marcada pela criação da Embratur. O surto hoteleiro provocou muitas mudanças nas leis de zoneamento das capitais, que se tornaram mais favoráveis à construção de grandes hotéis. Desta forma, a partir da década de 70, foram instaladas no Brasil redes hoteleiras internacionais, que trouxeram muitas novidades referentes a serviços e preços. Esses novos hotéis eram em sua maioria de luxo e de grande porte, resultando em uma demanda por hotéis de categoria média e econômica, como os albergues.

Atualmente, a indústria hoteleira do Brasil apresenta uma perspectiva promissora, já que a economia nacional está relativamente estabilizada e a atividade turística está em expansão.

2.2.4 Os meios de Hospedagem

Atualmente, a oferta dos meios de hospedagem é muito variada em relação a aspectos como tipos de serviços oferecidos, arquitetura do edifício, filosofia do estabelecimento, preço das diárias etc.

No Brasil, o órgão responsável por normatizar e fiscalizar os estabelecimentos de hospedagem é a Embratur, que, no seu “Regulamento Geral de Meios de Hospedagem”, apresentado por Castelli (1992), define as seguintes condições aos estabelecimentos:

- § Ser licenciado pelas autoridades competentes para prestar serviços de hospedagem;
- § Ser administrado ou explorado comercialmente por empresa hoteleira e que adote, no relacionamento com os hóspedes, contrato de hospedagem;
- § Oferecer serviços mínimos necessários aos hóspedes, consistentes em:
 - Recepção para atendimento e controle de acesso;
 - Guarda de bagagens ou pertencentes dos hóspedes em local apropriado;
 - Manutenção e limpeza dos ambientes, instalações e equipamentos do meio de hospedagem.

Segundo Andrade, Brito e Jorge (2004), a estrutura dos meios de hospedagem é constituída basicamente pelos seguintes elementos:

- § Hospedagem: apartamentos, quartos e suítes;
- § Áreas sociais ou públicas: salas de estar, salas de TV, restaurantes, bares, salões de eventos;
- § Administração: recepção, gerência, reservas, contabilidade, recursos humanos;
- § Áreas de serviço: cozinha, lavanderia, vestiários, estoque e manutenção;
- § Áreas destinadas aos alimentos e bebidas;
- § Equipamentos e infra-estrutura do edifício;
- § Recreação e lazer: quadras de esportes, piscinas, salões de jogos.

Ainda de acordo com Andrade, Brito e Jorge (2004), os meios de hospedagem passaram a se adaptar para suprir a demanda atual dos novos segmentos do turismo. Assim, dentro desta perspectiva de crescimento do setor, a tendência é a qualificação e especialização dos serviços de hospedagem.

Segundo Montejano, citado por Giaretta (2003), os meios de hospedagem podem ser classificados em dois tipos: as hospedagens hoteleiras e as extra-hoteleiras. No Brasil, as hospedagens hoteleiras, os hotéis, estão sujeitas a normas e critérios rigorosos da Embratur. Estes estabelecimentos são avaliados anualmente pelo Conselho Técnico Nacional, que emite novo certificado de classificação. Já as hospedagens extra-hoteleiras são assim consideradas por serem um meio de hospedagem alternativo. São classificadas como “simples”, de acordo com a Embratur, e avaliados a cada dois anos pelo Conselho Técnico Nacional. Estes meios de hospedagem se diferenciam dos hotéis devido a aspectos como sua ordenação legal, infra-estrutura, preços (geralmente são mais baratos), filosofia. As principais hospedagens extra-hoteleiras são: *campings*, pensões, pousadas, casa de hóspedes e albergues.

A Resolução CNTur nº 1 023, artigo 11 citada por Castelli (1992), classifica de modo mais específico os meios de hospedagem:

- § H – Hotel: “Estabelecimento comercial de hospedagem, que oferece aposentos mobiliados, com banheiro privativo, para ocupação eminentemente temporária, oferecendo serviço completo de alimentação, além dos demais serviços inerentes à atividade hoteleira”;
- § HR – Hotel Residência: “Estabelecimento de hospedagem enquadrado na categoria de hotel, dispo de Unidades Habitacionais, serviços de alimentação parciais, sendo o aluguel básico a semana completa”. Atualmente são conhecidos como *flats*;
- § HL – Hotel de Lazer: “Estabelecimentos enquadrados na categoria de hotel, que possuam serviços e equipamentos de lazer e repouso adequados à sua especial localização”;
- § P – Pousada: “Estabelecimento comercial de hospedagem, instalado total ou parcialmente em edifício de valor histórico ou de significação regional, ou local reconhecido pelo poder público, e que alugue, para ocupação temporária, aposentos mobiliados com serviços de alimentação parciais, oferecendo ainda outros serviços complementares da indústria brasileira”;
- § M – Motel: “É o meio de hospedagem que aluga apartamentos mobiliados, possuindo também serviços completos de alimentação, situado à margem das rodovias federais e estaduais, fora das zonas urbana e suburbana”;

- § PA – Parador: “Estabelecimento comercial de hospedagem que aluga quartos ou apartamentos mobiliados, com banheiro privativo e serviço completo de alimentação, localizado nas zonas urbana e suburbana das cidade, dispendo de garagem ou estacionamento coletivo, coberto ou descoberto”;
- § HO – Hospedaria: “Estabelecimento de hospedagem, com serviços parciais de alimentação, no qual se alugam quartos, ou vagas, com banheiros privativos ou coletivos, asseguradas as condições mínimas de higiene e conforto”;
- § AT – Albergue de Turismo: “É o estabelecimento de hospedagem com serviço de alimentação parcial, no qual se alugam quartos e dormitórios coletivos, asseguradas as condições mínimas de higiene e conforto”.
- Esta última tipologia, o Albergue, será analisada no capítulo a seguir.

2.3 O MOVIMENTO ALBERGUISTA

2.3.1 Aspectos Conceituais

O movimento alberguista, ou alberguismo, pode ser definido como o movimento que envolve os usuários dos Albergues da Juventude, regidos por uma filosofia própria no mundo inteiro. Complementando este conceito, a FBAJ – Federação Brasileira dos Albergues da Juventude (2008) define o alberguismo como um grande promotor do intercâmbio cultural entre pessoas de diferentes lugares do mundo inteiro, principalmente àquelas que possuem recursos limitados, já que se trata de um meio de hospedagem econômico. Por fim, citado por Giaretta (2003, p. 78), Joaquim Trotta, um dos fundadores do movimento alberguista no Brasil, define:

“Os Albergues da Juventude Internacionais existem para ajudar jovens a viajar, conhecer e amar a natureza e apreciar os valores culturais das pequenas cidades e grandes metrópoles. Estes variam de região para região, mas as características gerais são as mesmas. Ofertam dormitórios, toaletes separados por sexo, sala de estar e cozinha e são regidos por uma filosofia mundial”. TROTTA (1978, p.381)

Todos os Albergues da Juventude, ou *hostels*, como são conhecidos mundialmente, são associados à rede IYHF (International Youth Hostel Federation), detentora da marca HI (Hostelling International), e possuem um padrão de qualidade mundial. Existem também os albergues independentes, que não são filiados a nenhuma rede. Para a realização deste trabalho, foi escolhido o estudo sobre o Albergue da Juventude, filiado à IYHF, que será apresentado a seguir.

2.3.2 Aspectos Históricos

A história do movimento alberguista é relativamente recente. Seu início ocorreu no século XIX, na Alemanha. Segundo Giaretta (2003), o precursor foi o professor Richard Schirmann, que possuía como método didático ministrar algumas aulas em ambientes externos, organizando para seus alunos pequenas viagens de estudos. Em agosto de 1909, em uma dessas excursões, uma tempestade atingiu o local visitado, o que levou o professor a procurar abrigo em uma escola na cidade de Brol Valley (Alemanha). A partir desta experiência, Schirmann teve a idéia de utilizar as escolas como alojamentos nos períodos de férias, a qual aplicou na escola onde lecionava, em Nette (Alemanha). Desde então, começou a escrever em periódicos alemães e divulgar sua idéia, conquistando vários simpatizantes. Assim, em 1912 na cidade de Altena (Alemanha), surge de fato o primeiro Albergue da Juventude, que funciona até hoje em um edifício histórico restaurado (ver FIGURA 2). Ainda neste ano aconteceu a “Primeira Conferência do Conselho de Turismo da Juventude” e foi publicado o primeiro guia de albergues na Alemanha, que já apresentava 40 estabelecimentos.



FIGURA 2 – *Hostel de Altena*

FONTE: *Hostelling International* (2008)

No ano de 1913, ainda conforme Giaretta (2003), já existiam 301 albergues na Alemanha, quantidade que cresceu rapidamente em 535 no ano seguinte, em 1914. Neste ano, Schirmann encontrou-se com Baden-Powell, fundador do movimento escoteiro, para juntos iniciarem a expansão do alberguismo para além das fronteiras alemãs. Porém, o movimento ficou praticamente estagnado com o início da Primeira Guerra Mundial, e só foi retomado na década de 20, quando foi realizada a segunda publicação sobre albergues, que apresentava 700 estabelecimentos.

Em meados da década de 20, o movimento alberguista já era bastante conhecido e passou a receber contribuições financeiras de governos, indústrias e simpatizantes. Em 1926, Schirmann publicou um manual que orientava sobre a construção dos albergues e estabelecia critérios como simplicidade, funcionalidade e preservação da paisagem. Nos anos seguintes, de acordo com a FBAJ (2008), o movimento alberguista se difundiu pela Europa. Em 1927, foram criados albergues na Suíça e na Polônia; em 1929, na Holanda; em 1930, na Inglaterra, Noruega e França, e, em 1931, na Irlanda, Bélgica e Escócia. Em 1932 foi criada a IYHF (*International Youth Hostel Federation*) - Federação Internacional de Albergues da Juventude, concorrendo para a expansão do movimento a nível mundial.

Em 1934, o movimento chegou no continente americano, onde surgiu o primeiro Albergue da Juventude nos Estados Unidos. Quatro anos depois, surge o primeiro canadense.

Em 1937, segundo Giaretta (2003), Schirmann é obrigado pelo partido nazista a renunciar seu cargo de presidente da IYHF e teve seu passaporte retido. Em sua renúncia, pronunciou um discurso que continha a seguinte mensagem:

“A Federação Internacional de Albergues da Juventude existe com o objetivo de estender o albergue da juventude das distintas nações, fazendo um Alberguismo de povo a povo, mútuo e frutífero e capaz de estar em todas as nações da Terra e converter-se em uma instituição provedora de benefícios no mundo inteiro”. (GIARETTA, 2003, p.84).

Novamente a prática do alberguismo foi praticamente interrompida com o advento da Segunda Guerra Mundial, quando muitos albergues foram utilizados como abrigos de emergências e outros foram destruídos. A partir de meados da

década de 40, com o fim da guerra, Schirmann e simpatizantes do movimento viajaram pela Europa e deram início a um processo de reconstrução e reabertura de vários Albergues da Juventude.

Em 1946, ainda conforme GIARETTA (2003), Schirmann organizou uma conferência internacional na Escócia e promoveu um curso de capacitação para líderes de grupos caminhanes, com o objetivo principal de conquistar mais aliados para o movimento alberguista. Houve um grande crescimento do alberguismo entre as décadas de 50 e 70, quando foram registrados mais de 10 mil Albergues da Juventude espalhados pelo mundo. Neste período iniciou-se a contratação de mão-de-obra especializada para trabalhar nos albergues, substituindo os voluntários.

Na década de 80, com o aprimoramento da tecnologia, os Albergues da Juventude passaram por muitas transformações. Algumas das principais delas foram a implantação de um sistema mundial de reservas e a elaboração de um plano de marketing de abrangência mundial. O ano de 1990 foi muito importante para o movimento, quando o albergue Le d'Artagnan (FIGURAS 3 e 4) foi inaugurado em Paris, marcando um período de modernização dos Albergues da Juventude. O albergue, cujo edifício foi construído para abrigar este fim, possuía restaurante, discoteca, quartos considerados modernos na época, lavanderia, recepção informatizada etc.



FIGURA 3 – Recepção *Hostel Le d'Artagnan*
 FONTE: *Hostelling International* (2008)



FIGURA 4 – Quarto *Hostel Le d'Artagnan*
 FONTE: *Hostelling International* (2008)

Em 1991, segundo GIARETTA (2003), no Seminário Internacional de Marketing da Federação Internacional de Albergues da Juventude, realizado em Dublin, foram apresentados os pontos fortes e fracos do alberguismo, como:

Pontos fortes:

§ Organização internacional;

- § Boa infra-estrutura em diversos países;
- § Prestígio e crédito internacional;
- § Organização única baseada em ideais relevantes e justos.

Pontos fracos:

- § Sistema de administração ultrapassado;
- § Demora nas respostas de solicitações;
- § Falta de reforço à cooperação internacional.

Em agosto de 1992, a IYHF lançou seu sistema de reservas *online*, denominado IBN (*International Booking Networking*), abrangendo 51 países e 390 estabelecimentos. Através de uma página na internet, os usuários podiam sair de seus países com a reserva de sua hospedagem e informações sobre este estabelecimento. Os Albergues da Juventude que desejassem participar deste sistema teriam que apresentar um determinado padrão de qualidade verificado pela IYHF.

Ainda na década de 90, de acordo com a FBAJ (2008), foi inserida no guia internacional dos Albergues da Juventude uma carta ambiental destinada aos alberguistas e albergues, tratando de questões como o cuidado com a natureza, com a água, a utilização do transporte público etc. Estas questões serão discutidas mais adiante, no subcapítulo sobre a IYHF.

Em 1994 a Conferência Internacional foi realizada na Austrália e tratou de questões como o padrão de qualidade e a modernidade da rede. A partir de 1996, as carteiras de sócio passaram a ter um modelo único no mundo inteiro, possibilitando um controle maior por parte da IYHF sobre as federações dos países. Em 1997, a IYHF lançou o “Manual de Construção de Albergues da Juventude” e no ano de 2000, elaborou o mais recente plano estratégico para a organização, apresentado no Seminário de Marketing de Nova Iorque.

No ano 2003, ainda segundo Giaretta (2003), foi lançada a campanha “Albergues da Juventude pela Paz e Entendimento Internacional”, realizada em parceria com a Unesco (United Nations Scientific and Cultural Organization), que consiste no incentivo ao voluntariado como promotor da paz. Ainda neste ano ocorreu, na cidade de Buenos Aires, a reunião internacional de marketing promovida pela IYHF, cujo principal objetivo foi o estabelecimento da padronização mundial do material de marketing da rede.

Os Albergues da Juventude representam, atualmente, uma oferta importante de meio de hospedagem alternativo. Devido a questões como o contexto socioeconômico e o sucesso da filosofia alberguista, o movimento está em processo crescente de expansão e possui um papel bastante significativo no cenário internacional do turismo e do Brasil .

2.3.3 O Movimento Alberguista no Brasil

O movimento alberguista chegou no Brasil somente na década de 1960, por iniciativa do casal de professores Joaquim e Yone Trotta, segundo Giaretta (2003). O primeiro contato que tiveram com o alberguismo foi em 1956, quando estudavam na França. Já no ano seguinte, em 1957, o casal levou um grupo de brasileiros para uma viagem pela Europa, utilizando os Albergues da Juventude como meio de hospedagem. Quando retornaram ao Brasil, o casal passou a divulgar o movimento em escolas e universidades através da realização de palestras. Esta é considerada a primeira fase do movimento no país, denominada “teórica”.

A segunda fase do alberguismo teve seu início em 1961, quando o casal Trotta decidiu implantar Albergues da Juventude no Brasil. Para isso, realizou vários contatos com federações européias com o objetivo de adquirir mais conhecimento sobre o movimento. Assim, em 1965 é inaugurado o primeiro Albergue da Juventude no país, na cidade do Rio de Janeiro, que recebe o nome de “Residência Ramos”. Com 36 leitos, o estabelecimento funcionou até 1973, recebendo turistas brasileiros e estrangeiros vindos de países como Uruguai, Chile, Alemanha, Suíça e Inglaterra. No ano seguinte, em 1966, foi instalado o primeiro Albergue da Juventude na cidade de São Paulo.

Ainda segundo Giaretta (2003), o casal Trotta foi convidado, em 1970, para participar da “Conferência Internacional de Albergues da Juventude”, realizada na Finlândia. Este acontecimento foi marcado como a primeira participação do Brasil no movimento internacional. Ao retornar ao Brasil, os dois deram várias entrevistas e palestras, divulgando desta forma o alberguismo no país.

Em 1971, com sede no Rio de Janeiro, foi criada a FBAJ (Federação Brasileira dos Albergues da Juventude), filiada à IYHF, de muita importância para o desenvolvimento do movimento no país. Ainda neste ano, foi realizado o primeiro

encontro do Cidajal (Centro de Informação e Desenvolvimento de Albergues da Juventude na América Latina), já com a participação da FBAJ.

O movimento alberguista brasileiro teve um expressivo desenvolvimento na década de 80, conforme Giaretta (2003). Isso ocorreu devido a vários fatores como o apoio da Embratur ao alberguismo, a criação do Plano Nacional de Albergues da Juventude, a formação de uma equipe de técnicos responsável pela implantação e manutenção das instalações dos estabelecimentos do país e, o principal deles, o empenho de João Dória Júnior, então presidente da Embratur. Nesta época, vários técnicos da Embratur e das Secretarias Estaduais de Turismo receberam treinamento por parte da IYHF, que apresentou a filosofia do alberguismo através de exemplos de outros países, onde o movimento já era mais consolidado.

Em julho de 1980, ainda de acordo com Giaretta (2003, p. 94), foi elaborado o “Regulamento dos Albergues da Juventude” pela FBAJ, que continha princípios como:

- § “Os Albergues da Juventude são destinados à acolhida de jovens associados em viagens por período de curta duração”;
- § “Destinam-se a aproximar jovens de todo o mundo e incentivar o turismo da juventude”;
- § “Os Albergues da Juventude podem ser temporários ou permanentes, da cidade ou do campo. São considerados temporários aqueles que só funcionam nas férias ou em datas especiais, como festivais, congressos etc”;
- § “Devem obedecer aos requisitos mínimos da IYHF, sendo: sala de estar, dormitórios, banheiros com duchas, local para guardar bagagem, cozinha”;

Em 1984, novamente conforme Giaretta (2003), foi criada a APAJ (Associação Paulista de Albergues da Juventude), que recebeu apoio político do governo na época. A partir daí, o movimento passou a ganhar mais força no estado de São Paulo, onde foram inaugurados vários Albergues da Juventude. Logo depois, filiaram-se à FBAJ os estados do Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina.

No ano de 1986, através de João Dória Jr, o movimento se fortificou mais ainda, devido o trabalho conjunto entre instituições ligadas ao alberguismo e órgãos oficiais de turismo do Brasil. Em 1987 foi lançada uma campanha do alberguismo na Brasil, cuja marca principal era um casal de “mochileiros” (ver figura a seguir). Um vídeo de 30 segundos foi exibido em canais de televisão dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, bem como divulgações em jornais, pôsteres e outras formas da

mídia foram realizadas. Essa campanha concorreu para o aumento do número de alberguistas e de Albergues da Juventude por todo o país.



FIGURA 5 – Cartaz da primeira grande campanha do alberguismo no Brasil
 FONTE: GIARETTA (2003)

Em 1988, conforme Giaretta (2003), a Embratur promoveu o primeiro Enbergue (Encontro Nacional de Albergues da Juventude), quando os estatutos das associações estaduais foram reformulados e padronizados. Em 1989, em São Paulo, foram realizados cursos de capacitação destinados a proprietários e funcionários de estabelecimentos e técnicos de órgãos estaduais e da Embratur.

A primeira metade da década de 90 também foi muito importante para o desenvolvimento do alberguismo. Alguns dos principais fatores que propiciaram a consolidação do movimento foram: determinação de padrões mínimos de qualidade e elaboração de parâmetros para o controle de qualidade dos estabelecimentos; criação do “Manual de abertura e operação de Albergues da Juventude”; divulgação dos princípios ambientais do movimento.

Em 1992, a FBAJ realizou o primeiro controle de qualidade dos estabelecimentos conveniados, excluindo aqueles que não atendiam aos padrões previamente estabelecidos e divulgados. Já em 1994, na “Conferência Internacional de Albergues da Juventude” realizada em Sidney, o então presidente da FBAJ, Sérgio Cabral Filho, foi eleito membro executivo da IYHF, sendo o primeiro representante da América Latina a ocupar o cargo. Foi neste mesmo ano que se deu

o início da operação do sistema de reservas *online* no país, propiciando o aumento do número de alberguistas.

Entretanto, de acordo com Giaretta (2003), o ano de 1995 não foi muito favorável ao movimento, que sofreu as conseqüências do Plano Real, o qual elevou os preços dos serviços e o custo de vida da população em geral. Além disso, o marketing alberguista não teve sucesso e a rede ainda passou a enfrentar forte concorrência contra as novas pousadas que surgiam, principalmente na região Nordeste do país.

Em 1996, a FBAJ ganhou novas forças com a primeira realização da reunião do Comitê Internacional da IYHF no país. Nesta época, a FBAJ passou a classificar os Albergues da Juventude em três categorias: “muito bom”, “bom” e “regular”, excluindo da rede aqueles que não conseguiram alcançar a pontuação mínima para o “regular”.

Segundo a FBAJ (2008), atualmente são realizadas campanhas periódicas em escolas, feiras de turismo e através da mídia, além de parcerias com instituições governamentais e privadas. A maioria dos Albergues da Juventude brasileiros está sofrendo ou já passou por um processo de modernização e adaptação às regulamentações da FBAJ. O início do século XXI é marcado pelo constante crescimento do movimento no país, que, segundo Giaretta e Faria (2006), atualmente conta com 86 albergues cadastrados pela FBAJ e mais de 70 mil sócios ativos, espalhados em todas as regiões do Brasil.

2.3.4 A International Youth Hostel Federation

Os Albergues da Juventude, segundo Giaretta (2003), possuem caráter de turismo associativo, uma vez que estão organizados por associações ou federações dos países, que por sua vez são filiados à IYHF (*International Youth Hostel Federation*) - Federação Internacional de Albergues da Juventude.

Criada em 1932 em Londres, a IYHF, detentora da marca HI (*Hostelling International*), é uma entidade internacional que possui como principal função estabelecer a política mundial da rede de Albergues da Juventude. De acordo com Fuster, citado por Giaretta (2003, p.78), a IYHF tem como missão: “desenvolver a

rede em todos os países; estimular o espírito de compreensão entre as nações; propiciar viagens a todos os jovens do mundo”.

A IYHF é representada nos países-membros pelas federações filiadas, e entre elas está a FBAJ, detentora da marca HI no país e responsável por credenciar e normatizar todos os Albergues da Juventude do Brasil. Segundo Giaretta (2003), o objetivo principal da FBAJ é incentivar e divulgar o movimento alberguista no país, através do estabelecimento de políticas nacionais e do trabalho em conjunto com as associações estaduais de Albergues da Juventude, que são em seis no caso do Brasil. Para isso, busca parcerias, participa de encontros internacionais promovidos pela IYHF e é responsável por manter a qualidade da rede brasileira. Além disso, a FBAJ representa o elo do movimento no país com o internacional.

Uma das principais metas atuais da entidade, ainda conforme Giaretta (2003), é desenvolver a rede com qualidade, incentivando o alberguismo a se expandir para novas terras. Segundo a FBAJ (2008), a HI é considerada hoje a maior rede de hospedagem do mundo, contando com mais de 4 mil Albergues da Juventude em 87 países, espalhados pelos 5 continentes. Ao total, são cerca de 3,7 milhões de associados à rede, que geram uma renda média de US\$ 1,5 bilhão por ano para a economia do turismo mundial.

No Brasil, a grande maioria dos meios de hospedagem deste tipo é associada à rede IYHF, sendo poucos os albergues independentes. Segundo entrevista com Karla Lemos, diretora da APRAJ, a escolha pela filiação se dá devido à credibilidade da rede. A partir da associação do estabelecimento, o mesmo ganha automaticamente divulgação internacional, recebendo hóspedes do mundo inteiro. O próprio Albergue da Juventude torna-se um atrativo turístico, já que muitos alberguistas escolhem seus destinos a partir do meio de hospedagem de seu agrado.

2.3.4.1 A Filosofia Alberguista

A filosofia alberguista teve seu início em 1909, quando o professor Richard Schirmann idealizou meios de hospedagem econômicos para estudantes, na Alemanha. Os Albergues da Juventude, através da IYHF, são regidos por uma filosofia única de integração sócio-cultural e desenvolvimento do espírito comunitário.

Estes princípios estão enraizados no movimento, concorrendo para o sucesso e expansão do alberguismo no mundo inteiro.

A filosofia mundial, segundo a IYHF, citada por Giaretta (2003), propõe:

“Promover a educação para jovens de todas as nações, mas especialmente para jovens com condições econômicas limitadas, encorajando-os ao desenvolvimento do conhecimento, amando e cuidando da região, apreciando os valores culturais nos lugares , promovendo os Albergues da Juventude e desenvolvendo o melhor entendimento entre os homens no seu país e fora dele”. (GIARETTA, 2003, p. 103)

O movimento alberguista ainda incentiva a busca pela relação harmoniosa do ser humano consigo mesmo e com os demais, através do intercâmbio cultural. Além disso, segundo a FBAJ (2008), o alberguismo preza pelo espírito de amizade, sentido de solidariedade e respeito. Ser alberguista é ter vontade de viajar, de aprender e de conhecer as diferenças do mundo e seus povos.

Outro importante princípio desta filosofia é a contribuição do movimento à formação pessoal do jovem e o incentivo ao engajamento social dos alberguistas. Atualmente, questões como o cuidado com o meio ambiente, a paz mundial e a importância da cidadania e dos valores culturais são promovidos pela FBAJ. Alguns dos pontos principais desta filosofia serão apresentados a seguir.

O Alberguismo e a Unesco

Desde abril de 2003, segundo a FBAJ (2008), a HI vem promovendo a campanha “Albergues da Juventude pela Paz e Entendimento Internacional”, em parceria com a Unesco. Através de um *memorandum*, a Unesco nomeou os Albergues da Juventude como “Centros de Cultura de Paz”, título conquistado devido à filosofia alberguista e sua contribuição na formação de jovens comprometidos com a paz e o bem da sociedade.

Em setembro deste mesmo ano, segundo a APAJ (2008), a HI lançou seu “Programa Internacional de Voluntariado”. Este programa é concretizado principalmente através de missões realizadas no período de três meses por

voluntários, os embaixadores da paz, os quais se direcionam a diversas regiões que necessitam de todo tipo de ajuda.

O Alberguismo e o Meio Ambiente

A FBAJ procura incentivar a consciência ecológica entre seus associados, já que o cuidado com a natureza é um dos fatores mais importantes e difundidos da filosofia alberguista. Com esse objetivo, a FBAJ (2008) estabeleceu uma carta ambiental, que apresenta princípios a serem seguidos pelos Albergues da Juventude e usuários, como:

- § Conservação da energia: os albergues associados devem controlar periodicamente o consumo de energia, evitando seu desperdício. A FBAJ apóia os projetos de fontes renováveis de energia;
- § Reciclagem: os Albergues da Juventude devem utilizar, sempre que possível, produtos total ou parcialmente reciclados. A separação do lixo pelos alberguistas é de extrema importância;
- § Redução do consumo: os Albergues da Juventude e alberguistas são alertados no sentido da economia dos produtos e da água, principalmente. Os produtos devem ser adquiridos de forma consciente, optando-se preferencialmente pelos chamados produtos ecológicos;
- § Transporte: os associados devem incentivar, quando houver infra-estrutura local disponível, o uso do transporte coletivo, das bicicletas e os passeios a pé;
- § Natureza: a FBAJ apóia a criação de reservas naturais, parques e áreas verdes. Parte do terreno dos albergues deve ser destinada a jardins e áreas abertas;
- § Educação ambiental: os Albergues da Juventude devem possuir instrumentos didáticos e/ou espaços específicos destinados à educação ambiental.

2.3.4.2 Os Albergues da Juventude

O Albergue da Juventude, ou *hostel*, como é conhecido mundialmente, pode ser considerado um meio de hospedagem alternativo, extra-hoteleiro. Segundo a Embratur (1987), citada por Giaretta (2003, p. 77), o Albergue da Juventude pode ser definido como “meio de hospedagem peculiar de turismo social, integrado ao movimento alberguista internacional, que objetiva proporcionar acomodações comunitárias de curta duração e baixo custo com garantia de padrões mínimos de higiene, conforto e segurança”.

O Albergue da Juventude é, portanto, o espaço físico onde a filosofia alberguista desenvolve-se. São hospedagens simples, que oferecem o mínimo de conforto, com segurança e limpeza, através de ambientes informais e descontraídos que constituem verdadeiros pontos de encontros. Podem ser encontrados em edifícios reciclados, como a maioria, ou em espaços inusitados, como barcos, ilhas, fazendas e até antigas prisões e ainda em edifícios construídos para abrigar este fim. Cada estabelecimento possui suas peculiaridades, que variam de acordo com a cultural local e os condicionantes socioeconômicos. Todos os estabelecimentos cadastrados são identificados com a marca da IYHF, que traz o símbolo de uma casinha (ver figura a seguir).



FIGURA 6 – Marca mundial da IYHF utilizada atualmente

FONTE: GIARETTA (2003)

Todos os Albergues da Juventude devem seguir normas e critérios internacionais estabelecidos pela IYHF e suas federações, que visam garantir um padrão internacional de atendimento e controle de qualidade nos estabelecimentos credenciados. Alguns princípios básicos estabelecidos pela FBAJ devem estar presentes em todos os Albergues da Juventude do Brasil, os quais serão

apresentados a seguir. Além destas normas, os Albergues da Juventude devem cumprir a carta do meio ambiente da IYHF, apresentada anteriormente.

Normas e Princípios da Federação Brasileira dos Albergues da Juventude

A FBAJ, através do seu “Manual de Abertura e Operações dos Albergues da Juventude”, estabelece normas e recomendações a serem seguidas por todos os estabelecimentos credenciados. Algumas das principais são:

- § Higiene, limpeza e conforto;
- § Privacidade e segurança para os alberguistas;
- § Oferecer no mínimo 40 leitos;

Em relação aos ambientes do Albergue da Juventude, a FBAJ também apresenta determinados princípios a serem seguidos, como:

Recepção:

- § Deve possuir acesso direto a partir do exterior;
- § Deve apresentar murais com informações turísticas e sobre o estabelecimento;
- § O dimensionamento deste espaço deve ser adequado para um funcionário trabalhar confortavelmente.

Escritório:

- § Acesso restrito aos funcionários, destinado à administração do estabelecimento;
- § Área mínima de 5 m².

Dormitório Coletivo:

- § Devem ser separados por sexo;
- § Área mínima de 2,80 m² por leito (1 beliche = 2 leitos);
- § Armários com cadeado (também podem estar localizados em área comum);
- § Máximo 08 leitos por quarto.

Dormitório Casal:

§ Área mínima de 8 m².

Dormitório Família:

§ Deve oferecer 1 cama de casal e 1 beliche ou 4 leitos;

§ Área mínima de 14 m².

Alojamento para funcionário residente:

§ Deve conjugar quarto, banheiro e cozinha;

§ Área mínima de 20 m².

Banheiros:

§ Podem ser privativos (1 por quarto) ou coletivos;

§ Devem ser separados por sexo;

§ Se coletivos, localizados próximos à área dos dormitórios.

Áreas de Convívio:

§ É uma das áreas mais importantes do Albergue da Juventude, e deve ser tratada como tal;

§ Pode oferecer espaço para leitura, para jogos, para multimídia, acesso à internet etc.

Cozinha Comunitária:

§ É considerada uma área de convivência, podendo ser utilizada por todos os hóspedes;

§ Área mínima de 0,5 m² por leito;

§ Deve oferecer todos os utensílios e equipamentos básicos.

Local para Refeições:

§ Localizado próximo ou anexo à cozinha comunitária;

§ Capacidade mínima de 50% do número de leitos oferecidos.

É muito comum a instalação de estabelecimentos de serviço junto ao Albergue da Juventude, administrado pelo próprio proprietário. Geralmente são cafés, lanchonetes, bares e restaurantes que podem ser usados de forma

compartilhada. No café da manhã, por exemplo, são utilizados exclusivamente pelos alberguistas e, durante o resto do dia, o público em geral também é bem-vindo.

Depósito / Almojarifado:

- § Acesso restrito aos funcionários;
- § Estocagem de materiais diversos.

Lavanderia:

- § Deve possuir no mínimo 02 tanques ou 1 tanque a cada 20 leitos.

Rouparia:

- § Utilizada para guarda de roupa limpa de cama e banho;
- § Localizada próxima à recepção, facilitando o controle e fornecimento aos alberguistas.

A FBAJ ainda estabelece determinados serviços a serem oferecidos pelos Albergues da Juventude, como:

Obrigatórios:

- § recepção com funcionamento 24 horas ou sistema que permita o acesso dos alberguistas no período noturno com segurança;
- § serviço de limpeza;
- § café da manhã servido pelo Albergue da Juventude;
- § roupa de cama e banho aos hóspedes;
- § serviço de cofre para guarda de valores e de documentos pessoais;
- § acesso à internet aos alberguistas;
- § participar do sistema de reserva das Associações;

Desejáveis:

- § telefone público e caixa de correios;
- § loja de conveniência com venda de produtos de primeira necessidade;
- § serviço de lanches rápidos ou refeições;
- § lavanderia *self-service*;
- § prestação de serviços turísticos próprios ou de terceiros aos alberguistas;

- § atividades e equipamentos de lazer;
- § serviço de internet aberto ao público;
- § reserva e venda de ingressos para shows, teatros, festivais etc.

Associação dos Albergues da Juventude

Todo “Albergue da Juventude” do Brasil é cadastrado pela FBAJ, de acordo com parâmetros estabelecidos. Para utilizar a marca HI, o estabelecimento deve possuir autorização da FBAJ ou da associação estadual do local e seguir as normas da rede.

Essa autorização é concedida por meio de um processo rigoroso de análise por parte da FBAJ, de acordo com Giaretta e Faria (2006). O pedido de cadastramento se inicia através de uma carta consulta enviada pelo estabelecimento interessado para a FBAJ ou associação estadual. Em seguida, a entidade emitirá um parecer sobre a possibilidade de abrir ou não o Albergue da Juventude em questão, após diversas análises realizadas, como:

- § Local de implantação: o estabelecimento deverá situar-se em um município de interesse turístico, em local de fácil acesso e próximo a um ponto de parada do transporte coletivo;
- § Imóvel: poderá ser adaptado ou construído para este fim e deve ser adaptado de acordo com as normas da FBAJ;
- § Viabilidade econômica: a demanda local é analisada e é exigido o mínimo de 40 leitos por estabelecimento pela FBAJ.

Caso seja previamente aceito, o estabelecimento receberá uma visita técnica de um inspetor da FBAJ, que emitirá parecer sobre a viabilidade e as adequações necessárias para o imóvel funcionar de acordo com as normas da rede. Cumpridos todos os requisitos, a FBAJ enviará documento de credenciamento ao novo Albergue da Juventude e a placa oficial da HI, mediante pagamento de uma taxa de R\$ 2450, 00. Ao ingressar na rede, o empreendedor automaticamente adquire uma grande clientela e é divulgado mundialmente pela IYHF, através da mídia, guias e *sites*.

Depois de credenciados, conforme Giaretta e Faria (2006), os Albergues da Juventude devem enviar relatórios mensais para a FBAJ, que anualmente

inspeciona e verifica a qualidade do estabelecimento. Caso o nível mínimo não seja alcançado, o mesmo corre o risco de sofrer descredenciamento da rede.

Administração dos Albergues da Juventude

Os Albergues da Juventude devem ser administrados de acordo com os princípios da FBAJ, que através de manuais e planilhas repassa aos proprietários seus deveres e direitos e as normas internacionais da rede. A responsabilidade pela administração do Albergue da Juventude é do proprietário, geralmente pequenos empreendedores, que deve cumprir certas funções como:

- § participação em cursos e seminários da FBAJ;
- § cuidado com a infra-estrutura do estabelecimento;
- § controle das finanças e prestação de contas à FBAJ;
- § realização de publicidade divulgando seu Albergue da Juventude;
- § coordenação de todos os setores do estabelecimento.

Além do administrador, o Albergue da Juventude deve possuir um corpo de funcionários devidamente especializado.

A maioria dos Albergues da Juventude, de acordo com entrevista realizada com Karla Lemos, diretora da APRAJ, são economicamente independentes, e utilizam recursos próprios para seu funcionamento. A partir de apresentação do projeto, podem vir a receber financiamento da Fungetur (Fundo Geral de Turismo) ou do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). Os estabelecimentos associados ainda devem repassar mensalmente uma taxa equivalente a 5 pernoites no leito coletivo por mês para a FBAJ.

Reservas e Diárias

As reservas podem ser feitas no próprio Albergue da Juventude escolhido, ou ainda por telefone, fax ou pelo *síte* do estabelecimento ou da HI (através do IBN), que apresenta a disponibilidade de leitos de todos os albergues credenciados do mundo inteiro. O valor das diárias é considerado de baixo custo. No Brasil, segundo a FBAJ (2008), as tarifas variam entre R\$ 18 e R\$ 48.

Os usuários podem encontrar a relação dos albergues associados da HI através do *site* da HI ou ainda pelo “Guia Internacional 2007” da HI, que apresenta Albergues da Juventude do mundo inteiro. O custo do guia é de R\$ 40, e pode ser requerido via *site* ou através da FBAJ e associações estaduais.

A maioria dos Albergues da Juventude, conforme Giaretta (2003), determina aos usuários um período máximo de hospedagem de duas semanas, com o objetivo de possibilitar a utilização do estabelecimento por um número maior de turistas, um dos princípios da filosofia alberguista.

2.3.4.3 Os Alberguistas

Segundo Giaretta (2003), o alberguista é o usuário dos Albergues da Juventude, que os utiliza como meio de hospedagem em suas viagens, geralmente motivadas pelo lazer. Embora o movimento alberguista tenha sido criado para atender os jovens, desde a década de 1990, segundo Giaretta e Faria (2006), não existe idade limite para se hospedar e/ou se associar a Albergues da Juventude. São todos bem-vindos, sem distinção de raça, nacionalidade, cor, religião, sexo, classe social ou opiniões políticas. Entretanto, ainda são os jovens que predominam entre os alberguistas, em sua maioria universitários entre os 20 e 30 anos de idade.

De acordo com Andrade (2001), grande parte destes usuários pode ser caracterizada como turista itinerante, uma vez que sua programação engloba o maior número possível de lugares a serem visitados em uma mesma viagem. Geralmente, a estadia em cada lugar é curta e os deslocamentos entre estes são realizados através de trens ou ônibus, no caso do Brasil. Estes jovens são conhecidos como mochileiros, grupo conceituado anteriormente. Por questões de praticidade, a maioria destes turistas traz consigo poucos pertencentes, guardados em uma mochila que carregam durante toda a viagem.

Segundo Giaretta (2003), os turistas escolhem os Albergues da Juventude como meio de hospedagem devido a aspectos como:

- § credibilidade da rede;
- § padronização dos serviços;
- § satisfação no atendimento às suas necessidades;
- § facilidade para fazer novas amizades;

§ preço acessível.

Há ainda nichos de públicos nos Albergues da Juventude, como famílias, pessoas de terceira idade e adolescentes, que vêm se intensificando nos estabelecimentos alberguistas nos últimos anos.

Associação dos Alberguistas

No Brasil, o órgão responsável pela adesão de novos membros à HI é a FBAJ. Segundo a FBAJ (2008), qualquer pessoa, a partir dos 14 anos, pode associar-se à rede. O interessado deve preencher uma ficha, o que pode ser feito através do *site* da FBAJ ou nos próprios albergues filiados. Mediante pagamento, o alberguista recebe uma carteira, que pode apresentar abrangência nacional (custo de R\$ 20) ou internacional (custo de R\$ 40). A carteirinha é válida por um ano e confere o direito da hospedagem em qualquer albergue da HI com descontos nas diárias. Além de preços mais baratos, os associados ainda podem ganhar descontos ao utilizar serviços de empresas conveniadas a HI, relacionadas no *site* da rede.

Há ainda a possibilidade de se associar à rede através da carteira família. Essa carteira permite ao titular se hospedar com um(a) companheiro(a) e filhos com até 18 anos. O valor do modelo nacional é de R\$ 30.

A maior parte dos Albergues da Juventude aceita hóspedes não associados à rede, ou seja, que não possuem a carteirinha de alberguista. Entretanto, os preços das diárias variam, chegando a custar 30% a mais da paga pelo associado, segundo entrevista realizada com Karla Lemos.

2.4 RECICLAGEM NA ARQUITETURA

2.4.1 Aspectos Conceituais

O interesse e a busca pelo conhecimento do passado são inerentes ao ser humano que, através da história, pode compreender sua existência e construir sua própria identidade, uma vez que são as memórias e referências que sustentam uma cultura.

Nas últimas décadas, percebe-se um despertar especial pelos elementos do passado. Segundo Freire e Pereira (2002), as razões para este fenômeno são diversas, como a velocidade das transformações na sociedade atual e seu impacto na identidade tanto individual quanto coletiva. As rápidas mudanças geram muitas vezes um sentimento de perda e de desenraizamento, concorrendo para a necessidade da procura pela memória do passado. Outro motivo que explica este fenômeno é a busca pela compreensão de questões socioeconômicas do presente, que podem ser entendidas através da evolução da história dos povos.

A constatação da importância dos elementos históricos para a sociedade gerou a preocupação com a preservação do patrimônio cultural. Entende-se por patrimônio cultural, de acordo com a Constituição Brasileira de 1988, citada por Martins (2005), “os bens materiais e imateriais (...) portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Um dos principais elementos que constituem o patrimônio cultural de uma sociedade é sua expressão arquitetônica, cuja preservação pode representar o contato do presente com o passado.

A arquitetura, através das edificações, possui o poder de materializar e transmitir momentos e histórias de seu povo. Devido ao seu caráter utilitário, conforme La Pastina Filho (1989, p.01), “de todas as artes, a arquitetura é aquela mais sujeita a alterações e adaptações (...)”. Novos valores são agregados aos antigos edifícios, à medida que sofrem modificações. Isso ocorre devido ao constante processo de mudança das necessidades e atividades desenvolvidas pelo homem, exigindo assim a adaptação da arquitetura. Este processo de intervenções em edifícios denomina-se reciclagem, isto é, “o início de um novo ciclo de vida do objeto”. (LA PASTINA FILHO, 1989, p.01)

2.4.2 Aspectos Históricos

Ao longo da história, percebe-se que o passado era interpretado e compreendido de diversas maneiras conforme cada civilização. Segundo Lyra (2005), apesar de já na Antiguidade, com os romanos, existir uma certa preocupação em documentar a cultura e acontecimentos da sociedade, foi somente no Renascimento que o interesse pelo passado de fato floresceu. Os renascentistas,

inspirados pela Antiguidade Clássica e sua referência artística, passaram a se preocupar em resgatar e preservar os elementos do passado remanescentes naquela época.

O conceito de historiografia hoje adotado consolidou-se apenas no final do século XVIII, com o Iluminismo na Europa. Esta constatação da importância de preservar a história teve seu início com a França, chocada com a destruição de obras de arte e da arquitetura advinda da Revolução, e com a Inglaterra, onde as modificações socioeconômicas trazidas pela Revolução Industrial eram rápidas e profundas. Desta forma, em ambos os países a preocupação com a preservação do patrimônio ganhava forças. É neste contexto que surgem importantes personagens como o arquiteto francês Eugène Viollet-le-Duc e o inglês John Ruskin.

Viollet-le-Duc apresentava uma linha interventiva de restauração e defendia que “restaurar um edifício é restituí-lo a um estado completo que pode nunca ter existido num momento dado” (VIOUET-LE-DUC, 2006). Uma das principais preocupações do arquiteto era com a prolongação da vida do monumento. Segundo Castro (2002), para ele os monumentos antigos eram testemunhas do sistema histórico obsoleto e o passado estaria morto. Já o romântico Ruskin apresentava uma postura totalmente oposta à de Viollet-le-Duc. O teórico defendia a não intervenção e afirmava que o monumento deveria mostrar as transformações sofridas ao longo de sua existência, as quais faziam parte de sua essência. Para ele, a restauração era um atentado à autenticidade da obra e acreditava como válida apenas a conservação do edifício com objetivo de retardar seu arruinamento.

Outro importante personagem neste contexto foi o engenheiro italiano Camillo Boito que, em seu escrito “Os Restauradores”, propôs uma relação dialética entre as duas posturas citadas anteriormente. De Ruskin extraiu o conceito de autenticidade e do respeito pelas transformações sofridas pelo edifício e de Viollet-le-Duc o apoio às intervenções eventualmente necessárias. Desta forma, Boito priorizava o presente e fazia dos monumentos verdadeiros registros da civilização.

No fim do século XIX, o arquiteto austríaco Camilo Sitte levantou a questão dos monumentos inseridos no contexto urbano. Para ele, ainda segundo Castro (2002), a preservação dos tecidos urbanos tradicionais era essencial, pois concorria para evitar o isolamento do monumento. Na época, sua postura foi bastante criticada e considerada retrógrada por personagens do urbanismo moderno.

A partir das teorias de Boito, o arquiteto e historiador Gustavo Giovannoni continuou o estudo em torno do restauro estilístico de Viollet-le-Duc *versus* a pura conservação. Propôs a conservação antes da restauração, aceitando as tecnologias modernas nas intervenções necessárias. Em seus estudos, categorizou o restauro em quatro tipologias: consolidação, recomposição, de liberação e de complemento e renovação. Suas recomendações são divulgadas através da Carta de Antenas, de 1931. Giovannoni também teve importante papel no planejamento urbano, através da proposta de valorização de centros históricos e de integração entre a parte nova e a antiga da cidade.

A pós-guerra trouxe consigo a preocupação em torno dos monumentos e centros históricos atingidos. Foram necessárias reflexões profundas acerca de como deveriam ser recuperados estes edifícios. Neste contexto surge Cesare Brandi, um dos teóricos modernos mais importantes. Em sua obra “Teoria da Restauração” define: “A restauração constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dupla polaridade estética e histórica, com vistas a sua transmissão ao futuro” (BRANDI, 2004, p.30). Defendia que o restauro deveria ser realizado com o objetivo de restabelecer a obra de arte, evidenciando as marcas do tempo e sem cometer falso artístico ou falso histórico.

As mudanças mais importantes dos últimos tempos no contexto do patrimônio deram-se através dos diversos documentos resultantes das reuniões de autoridades e especialistas no assunto. Estes documentos apresentam definições e posturas a serem adotadas pelas nações, algumas das quais serão apresentadas a seguir.

2.4.3 Cartas Patrimoniais e Recomendações

A partir do final do século XIX, ocorreram encontros internacionais dos quais surgiram princípios sobre as questões de intervenção e preservação do patrimônio histórico, apresentadas nas Cartas Patrimoniais e recomendações. No Brasil, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) reconhece 42 delas, sendo que as de maior interesse para este trabalho são:

Carta de Veneza – 1964

A Carta apresenta, em seus dezesseis artigos, questões específicas da preservação de patrimônio.

Definiu-se que a conservação e a restauração, que visam salvaguardar a obra de arte e o testemunho histórico, são interdisciplinares, pois dependem de outras ciências que contribuem para o estudo do patrimônio.

A conservação de um monumento sempre é favorecida quando este possui uma função útil à sociedade, a qual não deve, porém, alterar a disposição ou a decoração do edifício ao longo das modificações realizadas. Outra definição apresentada trata da restauração dos monumentos, que deve visar o respeito ao material original e a conservação de seus valores estéticos. Toda intervenção necessária deverá exibir a marca do nosso tempo, diferenciado-se do original e sem falsificações. E quando as técnicas tradicionais não se mostrarem adequadas, as técnicas modernas podem ser empregadas. A Carta ainda defende o respeito pela evolução histórica do monumento e pelas intervenções anteriores, já que a unidade de estilo não é a principal finalidade do restauro.

Todo trabalho de conservação, restauração e escavação deve ser documentado através de relatórios precisos, nos quais será encontrada a descrição das etapas do trabalho. Esta documentação deverá ser encaminhada a um órgão público e permanecer à disposição de pesquisadores.

Carta de Washington - 1986

Através da reunião do ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios) em 1986, surgiu esta Carta Internacional para Salvaguarda das Cidades Históricas, que trata de questões urbanas e da gestão dos centros históricos. Foi elaborada principalmente devido à constatação de que as cidades modernas estavam à mercê da degradação, conseqüência da urbanização decorrente da era industrial. A Carta parte do princípio de que todas as cidades devem ser consideradas históricas, pois são expressões da diversidade da sociedade através da história. Alguns princípios e objetivos apresentados são:

- § Os centros históricos devem ser parte de uma política de desenvolvimento socioeconômico e considerados no planejamento físico-territorial;

- § O caráter histórico e o conjunto de elementos materiais e espirituais da cidade devem ser preservados;
- § A participação da população é essencial para o processo de salvaguarda e deve ser incentivada;
- § As intervenções devem ser realizadas com prudência e cada caso deve ser estudado dentro de suas especificidades;
- § Toda intervenção deve ser precedida de estudos multidisciplinares aprofundados;
- § A conservação das cidades e bairros históricos implica na manutenção permanente das áreas edificadas;
- § As funções surgidas ao longo do tempo devem ser compatíveis com as características da cidade;
- § Caso sejam necessárias transformações ou construções de novos imóveis, estes devem ser realizados de modo a respeitar a organização espacial existente.

Conferência de Nara – 1994

A Conferência, realizada em Nara, no Japão, trata principalmente das questões que envolvem a autenticidade, entendida aqui como conceito intimamente ligado àquilo que é verdadeiro, original, em oposição à idéia de cópia.

Foi debatida a questão da diversidade cultural, considerada fonte de conhecimento sobre a riqueza espiritual e intelectual da humanidade e que deve ser considerada como um dos aspectos essenciais para o desenvolvimento humano. O gerenciamento do patrimônio cultural é de responsabilidade, em primeiro lugar, da comunidade que o gerou, que deve respeitar os princípios contidos nas cartas e convenções internacionais.

A Conferência apresenta a autenticidade como principal fator de atribuição de valores. Seu entendimento possui papel fundamental aos estudos de conservação e restauração. Seu julgamento varia de acordo com cada cultura, sendo impossível estabelecer critérios fixos acerca da autenticidade.

Carta de Brasília – 1995

A Carta também trata das questões relativas à autenticidade do patrimônio, entretanto estas são direcionadas à realidade cultural dos países do Cone Sul. O documento apresenta seis importantes itens, a saber:

- § Autenticidade e identidade: toda herança e valores culturais contribuem para a formação do sentido de identidade e devem ser igualmente respeitados, de modo que o conjunto deles forme um todo, uma cultura singular;
- § Autenticidade e mensagem: o que confere ao edifício o caráter de autêntico, ou seja, verdadeiro, é a sua mensagem, que transmite sua história e circunstâncias sócio-culturais para a comunidade;
- § Autenticidade e contexto: o equilíbrio, sem a ruptura da autenticidade, entre o edifício e seu entorno é essencial;
- § Autenticidade e materialidade: principalmente no caso da arquitetura vernacular e tradicional, a utilização de técnicas e materiais novos é considerada autêntica;
- § Graduação da autenticidade: a interpretação do monumento e sua qualificação no aspecto espacial, edílico, funcional, decorativo etc. varia em função das idéias que deram origem ao bem;
- § Conservação da autenticidade: a intervenção contemporânea deve resgatar o caráter do edifício ou do conjunto, sem transformar sua essência e enaltecendo seus valores. É desaconselhada a preservação apenas das fachadas ou de fragmentos do edifício, pois o bem perderia sua autenticidade intrínseca.

2.4.4 O Processo da Reciclagem

A reutilização de edifícios é hoje considerada por muitos como o meio mais eficaz para preservá-lo e evitar sua degradação física, segundo Lyra (2005). Cada edificação possui suas peculiaridades e assim deve ser tratada, com uma postura que busque sua autenticidade de modo a agregar novos valores ao conjunto, integrando este às novas necessidades contemporâneas.

Para que o edifício possa abrigar um novo uso, são necessários alguns ajustes e alterações, realizados através da inserção de novos elementos. Deve-se prezar pela soma de valores, e nunca a subtração, sendo que o resultado final deve ser um conjunto indivisível, onde o novo complementa o antigo.

Toda ação interventiva deve ser precedida de uma análise do edifício, baseada em levantamentos, estudos das técnicas construtivas utilizadas, pesquisa dos momentos históricos do edifício, leituras compositivas etc. O novo programa também requer uma avaliação, devendo ser compatível com a organização espacial da edificação existente. O reconhecimento dos valores do edifício irá direcionar a intervenção: o existente tem ser compreendido para que o novo possa ser criado.

A intervenção será realizada a partir de estratégias comuns a qualquer outro projeto arquitetônico, com alguns condicionantes específicos ao tema. Cabe ao arquiteto fazer as devidas escolhas projetuais e intervenções de acordo com sua experiência profissional. O processo de reciclagem do edifício não apresenta regras rígidas, contudo alguns princípios de composição podem ser considerados nas intervenções.

Francisco de Gracia, exposto por Castro (2002), apresenta três formas de intervir no edifício através da noção de conjuntos, relacionando o antigo e o novo (ver FIGURA 7, a seguir):

§ Inclusão

O conjunto novo está contido dentro do edifício antigo. Nesta relação, o espaço intersticial, ou seja, o vazio, é essencial para permitir a percepção entre o novo e o antigo.

§ Intersecção

O novo e o antigo possuem alguns elementos em comum, há um compartilhamento de espaços. A área resultante da intersecção pode ser tratada como um elemento da linguagem do novo edifício, do antigo, de ambos ou ainda de modo a possuir sua própria individualidade.

§ Exclusão

Não existem partes em comum entre os edifícios. Entretanto, estabelecem relações visuais e estéticas entre si.

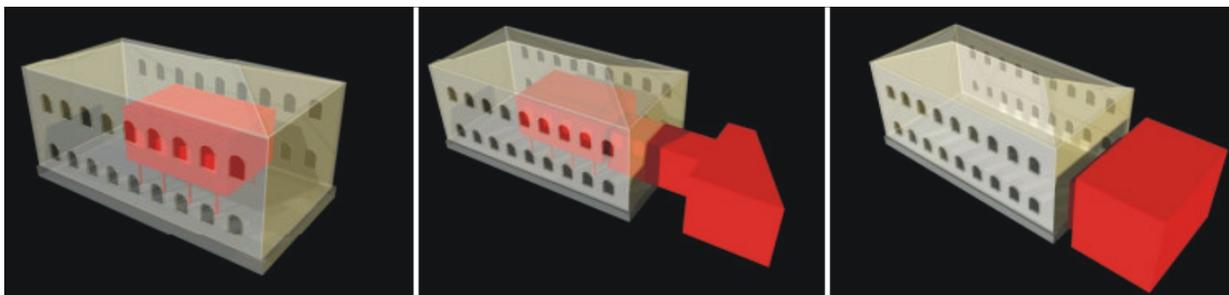


FIGURA 7 – Noções de conjunto: relações de Inclusão, Intersecção e Exclusão
 FONTE: CASTRO (2002)

As intervenções ainda podem ser baseadas em alguns princípios de composição formal, como os apresentados por Castro (2002). A teoria da *Gestalt* (psicologia da forma) define os conceitos de segregação e unificação e de proximidade e semelhança, que permitem, por exemplo, explicitar ao observador aquilo que é antigo e o que é novo. Esta diferenciação também pode ser percebida através do contraste, conceito muito importante na reciclagem de edifícios. Pode ser alcançado através dos elementos de composição como linhas, texturas, cores, planos, proporção e escala. A relação entre estes elementos pode gerar a harmonia ou a desarmonia. No caso da reciclagem, a desarmonia não é necessariamente considerada um aspecto negativo, pois pode conferir dinamismo e destaque a algum elemento do edifício.

Outro importante princípio a ser considerado para as intervenções em edifícios é o de clareza, que permite ao observador a distinção entre o novo e o antigo e a apreensão do todo. Esta intenção pode ser observada no Museu Rodin, dos arquitetos Marcelo Ferraz e Francisco Fanucci, onde a nova “caixa” de concreto estabelece uma relação harmoniosa e legível com o antigo palacete da década de 1910 (ver FIGURA 8). Este princípio também pode ser percebido em outra obra dos mesmos arquitetos, o Conjunto KKKK, cujo interior apresenta contrastes entre o novo e o antigo, através da diferenciação de materiais, cores e formas (ver FIGURA 9). Em oposição à clareza está a ambigüidade, que transmite incertezas e dúvidas, devendo ser evitada.



FIGURA 8 – Conjunto do Museu Rodin
FONTE: SERAPIÃO (2006)

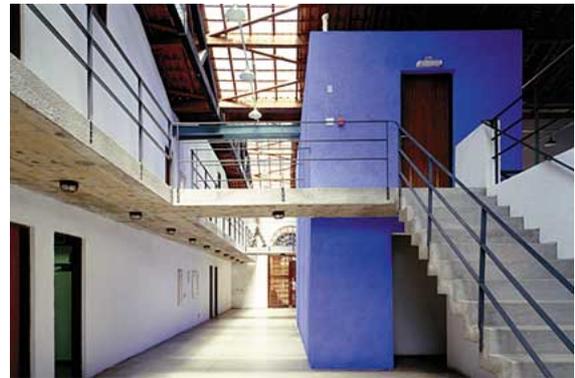


FIGURA 9 – Interior do Conjunto KKKK
FONTE: FANUCCI (2005)

Recentemente, a transparência tem sido bastante empregada como um dos recursos à reciclagem. Esta pode ser utilizada como elemento de inserção, sem prejudicar a leitura da obra antiga, ou ainda como transição entre o existente e o novo. Entre a transparência e a opacidade está o translúcido, que possibilita uma presença mais significativa da nova arquitetura sem prejudicar o conjunto preexistente.

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo foram apresentadas as principais questões que envolvem os Albergues da Juventude. Partiu-se do estudo das atividades turísticas, mostrando sua importância socioeconômica e caracterizando os turistas, em especial aqueles que constituem o universo alberguista. A partir daí, foram estudados os aspectos relativos aos meios de hospedagem e sua classificação, com objetivo de enquadrar o Albergue da Juventude. Este foi conceituado a seguir, com a apresentação do movimento e da filosofia alberguista, da rede IYHF e dos usuários. Percebeu-se o importante papel do alberguismo no contexto mundial, que colabora e incentiva a educação e formação de jovens com sentido de cidadania, o turismo responsável e viável a todos e a experiência do intercâmbio cultural. Finalizando o capítulo, foram expostos os princípios da reciclagem na arquitetura, com objetivo de orientar as intervenções a serem realizadas no projeto proposto. Este capítulo, juntamente com os próximos que serão apresentados a seguir, irá embasar a conceituação da proposta do projeto do Albergue da Juventude.

3 ESTUDOS DE CASO

Neste capítulo serão apresentados exemplos de edifícios compatíveis com o projeto do Albergue da Juventude em questão. Foram escolhidos três estudos de caso, sendo um local, um nacional e um internacional, por acreditar que desta forma seriam analisados aspectos de diferentes realidades. A escolha também foi baseada de acordo com a configuração dos edifícios dos estabelecimentos. O primeiro deles, o Curitiba Eco Hostel, funciona em um complexo de edifícios projetados para receber as atividades de um Albergue da Juventude. O segundo estudo é o do Albergue das Laranjeiras, instalado em edificações antigas recicladas. O terceiro e último exemplo é o do Indigo Hotel, estabelecido em conjunto constituído de edifício antigo reciclado e um novo. Assim, o estudo será completo a partir da análise de um complexo novo, de um antigo reciclado e de um que une os dois: o novo e o antigo reciclado.

A escolha dos estudos de caso deu-se, ainda, a partir da qualidade do espaço arquitetônico e das similaridades destes com a idéia do projeto do Albergue da Juventude. Os exemplos serão apresentados com base em levantamento de dados, coleta de materiais, entrevistas e visitas aos locais, os quais proporcionarão um entendimento global de cada projeto. O método de análise dos estudos de caso será baseado de acordo com o tripé fundamental da arquitetura apresentado por Vitruvius: *firmitas* – solidez; *utilitas* – funcionalidade; *venustas* – plasticidade. Desta forma, acredita-se que os principais aspectos de cada edifício poderão ser analisados e entendidos como um conjunto completo, oferecendo subsídios para o desenvolvimento do projeto do Albergue da Juventude.

3.1 CURITIBA ECO HOSTEL

O Curitiba Eco Hostel será analisado como estudo de caso local, contribuindo para a compreensão da realidade deste tipo de meio de hospedagem na cidade de Curitiba. Foi escolhido principalmente devido ao fato de estar instalado em um complexo de edifícios que foram projetados para abrigar as atividades de um Albergue da Juventude.

Dados:

Local: Curitiba, Paraná, Brasil

Autor do projeto: arquitetos Danilo Cisotto e Sandra Regina Oliveira Neves

Ano da inauguração: 2004

Classificação da FBAJ (2008): Muito Bom

O Curitiba Eco Hostel é um estabelecimento credenciado pela rede IYHF, instalado na cidade de Curitiba, no bairro Campo Comprido. O Albergue da Juventude situa-se em uma região consideravelmente afastada da área central da cidade, em um terreno de 6000 m² com muita área verde e um riacho que atravessa o lote (ver FIGURA 10). Sua proposta principal é permitir o contato direto do turista com a natureza, evidenciada através da arquitetura das edificações. Apesar de sua distância até o centro da cidade, é possível acessar o local facilmente por meio do transporte coletivo, cuja linha “Tramontina” deixa os passageiros em frente ao estabelecimento, identificado por uma placa da rede HI e do Albergue da Juventude.



FIGURA 10 – Vista do terreno do complexo do Curitiba Eco Hostel

FONTE: a autora (2008)

O Curitiba Eco Hostel atrai pessoas do mundo inteiro. Segundo o proprietário e gerente Alexandre Martello, em entrevista realizada, o estabelecimento nunca enfrentou problemas relacionados com a escassez de hóspedes. Cada época do ano possui um atrativo principal, como os festivais, congressos, festas, época de férias etc. Este Albergue da Juventude, como todos os outros, abriga pessoas de todas as idades, principalmente os jovens. O público é bastante diversificado, sendo que metade é proveniente de outros países.

De acordo Martello, o conceito do projeto arquitetônico do complexo foi a integração com a natureza. Além disso, primou-se pela harmonia com as questões ambientais, como a orientação solar dos edifícios, a implantação destes de acordo com a topografia do terreno, o reaproveitamento da água da chuva, a utilização de madeira de reflorestamento nas construções etc.

Os blocos foram implantados de maneira simples e bastante legível no lote. Pode-se dividir o complexo em dois setores: o primeiro, da metade do terreno para a direita, abriga as instalações destinadas aos alberguistas; o segundo, da metade para a esquerda, é onde se localiza o estacionamento e a residência do proprietário do estabelecimento. No centro do terreno existe uma quadra esportiva. Estes elementos estão interligados por “caminhos”. Todas as instalações foram projetadas para abrigar o Albergue da Juventude de acordo com as normas da IYHF, segundo Martello. A implantação deste complexo pode ser compreendida através da figura a seguir.



FIGURA 11 – Implantação do complexo do Curitiba Eco Hostel
 FONTE: GOOGLE EARTH (2008)

Descrição e Análise

Firmitas

Os edifícios do Curitiba Eco Hostel são estruturados de maneira simples e convencional, com madeira de reflorestamento e concreto, predominantemente.

Devido ao conceito do projeto e à necessidade de isolar termicamente as edificações, muitas delas são elevadas do solo através de fundações de concreto e madeira, característica que pode ser percebida no bloco principal (ver FIGURA 12). Este bloco possui fechamento em alvenaria de tijolos e sua cobertura com beirais, estruturada em madeira e revestida por telhas cerâmicas, apresenta-se variando de uma a duas águas. É um edifício dividido em partes escalonadas moduladas, opção resultante dos estudos da topografia do terreno e de sua orientação solar. As escadas e os *decks* de acesso que interligam estas partes também são de madeira. No piso foi empregado revestimento cerâmico, inclusive nos quartos. A residência do proprietário segue este mesmo padrão.

O bloco das suítes, construído sobre uma base de concreto, é estruturado de um modo diferente dos anteriores, embora possua muitas semelhanças. Uma delas é sua divisão em partes escalonadas em módulos e outra é a cobertura com beirais que, com uma água por parte, também é estruturada em madeira e revestida com telhas cerâmicas. A madeira é o material predominante neste bloco, que aparece na estrutura da edificação e no fechamento, feito de ripado de madeira com encaixe macho-fêmea, assim como as divisórias e os pisos (ver FIGURA 13). A edificação ao lado, que abriga o bar, é estruturada da mesma forma que o bloco principal, com concreto, madeira e alvenaria. O *deck* de madeira adjunto é elevado por uma estrutura de concreto e alvenaria de tijolos (ver FIGURA 14).



FIGURA 12 – Bloco principal de concreto, alvenaria e madeira

FONTE: a autora (2008)



FIGURA 13 – Bloco das Suítes de madeira
FONTE: CURITIBA ECO HOSTEL (2008)



FIGURA 14 – Bar com deck de madeira
FONTE: a autora (2008)

Utilitas

O bloco principal situa-se logo no início do terreno para os que chegam do centro da cidade, e é escalonado em quatro partes, setorizando suas diversas funções. A primeira parte da edificação abriga o “coração” do Albergue da Juventude e é dividida em três pavimentos. O térreo, no nível da rua Luiz Tramontin, possui acesso direto a partir desta e abriga espaços aos alberguistas, como:

- Recepção:

É por onde se dá o acesso principal dos alberguistas. Localizada logo na entrada do bloco, possui, além do balcão de atendimento, uma sala de apoio (rouparia), onde são guardadas as roupas de cama e banho, com acesso restrito aos funcionários. Neste espaço também existem sofás, uma mesa, onde os hóspedes podem conectar seus computadores à internet, painéis com informações turísticas e mapas nas paredes, e um telefone público internacional (ver FIGURA 15).

- Refeitório:

O acesso deste espaço ocorre através da recepção ou da área de convivência. É utilizado pelos alberguistas, no café da manhã e à noite, onde fazem lanches rápidos. Separada do salão por um balcão encontra-se a cozinha, um pequeno ambiente onde trabalha apenas uma cozinheira. O fluxo do refeitório é bom, pois é utilizado em horários diversos pelos alberguistas. Além do espaço possuir dimensões adequadas, o layout dos mobiliários apresenta-se bem organizado. A iluminação natural, o pé-direito alto e o forro de madeira propiciam um ambiente agradável (ver FIGURA 16).



FIGURA 15 – Recepção do Curitiba Eco Hostel
 FONTE: CURITIBA ECO HOSTEL (2008)



FIGURA 16 – Refeitório do Curitiba Eco Hostel
 FONTE: CURITIBA ECO HOSTEL (2008)

- Área de convivência:

Divide-se em dois ambientes. O primeiro deles é interno e possui televisão e sofás. Principalmente em dias de frio, à noite, é utilizado juntamente com o refeitório para a confraternização entre os alberguistas. O segundo ambiente é externo e oferece uma mesa de sinuca e redes aos hóspedes, além de mesas e cadeiras. Segundo a filosofia alberguista, esta é uma das áreas mais importantes do Albergue da Juventude, onde ocorre a integração entre os hóspedes (ver FIGURAS 17 e 18).



FIGURA 17 – Varanda Curitiba Eco Hostel
 FONTE: CURITIBA ECO HOSTEL (2008)



FIGURA 18 – Sala de Estar Curitiba Eco Hostel
 FONTE: CURITIBA ECO HOSTEL (2008)

O pavimento superior da primeira parte do bloco principal é acessado somente através de uma escada externa. Encontram-se ali ambientes do setor administrativo, de acesso restrito aos funcionários, como um escritório e uma área

de apoio com copa e banheiro. Este espaço encontra-se onde antes funcionava uma cozinha comunitária, hoje desativada.

O “subsolo” desta parte abriga uma parte do setor de serviço, com almoxarifado e lavanderia, e dois quartos coletivos. As outras três partes do bloco possuem dois pavimentos cada, que abrigam seis dormitórios coletivos ao total, cada um com quatro beliches (oito leitos), sempre utilizados por pessoas do mesmo sexo (ver FIGURA 19). Os ambientes são simples, bem iluminados e ventilados e todos possuem banheiro privativo. O acesso a estes espaços a partir da recepção ocorre somente por meio externo e sem proteção das intempéries, através do caminho que liga os demais blocos e de escadas externas (ver FIGURA 20).



FIGURA 19 – Quarto coletivo Curitiba Eco Hostel
FONTE: CURITIBA ECO HOSTEL (2008)



FIGURA 20 – Acesso aos quartos coletivos
FONTE: a autora (2008)



FIGURA 21 – Planta térreo e Cortes do Bloco Principal

FONTE: material disponibilizado pelo arquiteto Danilo Cisotto (2003)

A partir do bloco principal, através do caminho, chega-se a um outro conjunto de instalações, relativamente distantes do primeiro. Localizada nos fundos do terreno, esta parte do complexo é constituída pelo bloco das suítes, uma piscina e um bar. O bloco das suítes, com dois pavimentos, é dividido em cinco partes, seguindo a topografia do terreno. Construído em período posterior ao bloco principal, abriga dez dormitórios, sendo cinco quartos de casal (ver FIGURA 22) e cinco quartos de família, com uma cama de casal e uma de solteiro. Juntamente com os quartos coletivos, totalizam 89 leitos oferecidos pelo Curitiba Eco Hostel. O acesso ao pavimento superior deste bloco também se dá somente através de duas escadas externas.

Ao lado do bloco das suítes encontra-se o bar “Bareco” (ver FIGURA 23), que conta com uma churrasqueira, uma cozinha e um *deck* com mesas. Este espaço é muito utilizado pelos alberguistas, principalmente em dias de calor. Seu acesso também se dá a partir de uma escada externa, já que é elevado do solo. Devido à sua proximidade com os dormitórios, pode ser utilizado somente até as 23 horas, segundo Martello. Logo em frente está a piscina, descoberta e com área periférica pavimentada, para circulação e banho de sol dos alberguistas (ver FIGURA 24). Além destes espaços destinados ao lazer, o estabelecimento ainda oferece uma quadra esportiva descoberta localizada no centro do terreno (ver FIGURA 25).



FIGURA 22 – Quarto de Casal Curitiba Eco Hostel
FONTE: CURITIBA ECO HOSTEL (2008)



FIGURA 23 – Bar Curitiba Eco Hostel
FONTE: a autora (2008)



FIGURA 24 – Piscina Curitiba Eco Hostel
FONTE: CURITIBA ECO HOSTEL (2008)

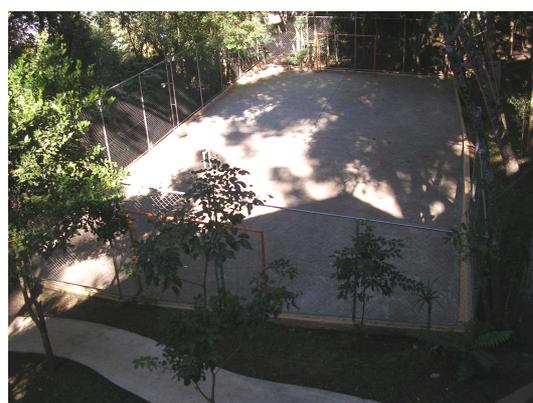


FIGURA 25 – Quadra Esportiva
FONTE: a autora (2008)

Partindo novamente do bloco principal e seguindo à esquerda, encontra-se uma área sem pavimentação que é usada como estacionamento (ver FIGURA 26). Segundo Martello, como 90% dos hóspedes chegam ao Curitiba Eco Hostel com

transporte coletivo, o estacionamento é pouco utilizado. Ao lado esquerdo deste, no extremo do terreno, situa-se a residência do proprietário Rodrigo Martello (ver FIGURA 27). Apesar de estar no mesmo terreno do Albergue da Juventude, sua privacidade é garantida devido à sua localização, afastada das demais instalações.



FIGURA 26 – Área de Estacionamento
FONTE: a autora (2008)



FIGURA 27 – Residência do proprietário
FONTE: a autora (2008)

As esquadrias de todos os blocos são de madeira com vidro transparente. Os edifícios apresentam insolação satisfatória: todos os dormitórios possuem aberturas orientadas para o norte. Estas, em boa quantidade e dimensões, proporcionam ventilação adequada aos ambientes. Contudo, a maior parte dos espaços não oferece conforto térmico ideal, principalmente à noite e no inverno. Isso se deve em grande parte aos materiais utilizados nas edificações, à intensa arborização existente no terreno e à sua topografia característica de fundo de vale. Outra questão apontada pelo próprio proprietário foi a dos ruídos, principalmente no bloco das suítes, que é todo construído com madeira e não possui uma técnica de isolamento acústico satisfatório.

Ao longo da descrição do complexo do estabelecimento percebe-se que o acesso às edificações e a circulação entre elas não se dá de forma adequada: os hóspedes ficam expostos a intempéries e não há acessibilidade aos portadores de necessidades especiais. Como foi visto, a maioria dos acessos ocorre a partir de escadas externas e as poucas rampas existentes não possuem a inclinação mínima determinada pela NBR 9050.

Os blocos e seus espaços apresentam bastante legibilidade aos usuários. Todos os ambientes estão identificados com placas na entrada, caracterizando-os

como público ou de acesso restrito aos funcionários. Os fluxos nos edifícios não são intensos, já que os usuários utilizam os espaços em horários diferenciados. Portanto, o dimensionamento das circulações pode ser considerado satisfatório.

A tranquilidade, a privacidade e as vistas agradáveis são garantidas pelos aspectos analisados anteriormente, como o local do terreno, a implantação dos edifícios e a arborização intensa.

Venustas

A arquitetura dos edifícios foi concebida de acordo com a principal proposta do Curitiba Eco Hostel: a integração com a natureza. Este conceito foi alcançado através da implantação em harmonia com o terreno. Além disso, os blocos são compostos de formas simples e claras, determinando uma unidade entre si, alcançada também através dos materiais, cores das fachadas e repetição de elementos como as esquadrias. A madeira e a cor verde, empregadas em quase todos os edifícios, proporcionam a sensação de contato direto com o terreno arborizado (ver FIGURA 28).

O escalonamento dos blocos confere ritmo ao conjunto e unidade entre as partes. As circulações verticais através das escadas externas, apesar de funcionalmente inadequadas, também conferem um aspecto interessante aos edifícios (ver figura 29). A simplicidade segue a proposta tanto do Curitiba Eco Hostel quanto da IYHF, que visa a economia dentro de certos parâmetros.



FIGURA 28 – Fachada frontal do bloco Principal
FONTE: CURITIBA ECO HOSTEL (2008)



FIGURA 29 – Bloco principal escalonado
FONTE: CURITIBA ECO HOSTEL (2008)

Internamente, os materiais e as formas dos revestimentos, das instalações e do mobiliário configuram um conjunto harmônico que colabora para criar ambientes apropriados ao desenvolvimento da filosofia alberguista. As cores quentes utilizadas também propiciam espaços aconchegantes para a convivência e o encontro entre os hóspedes. Todos os ambientes são muito simples, com elementos que incentivam o intercâmbio cultural proposto pelo alberguismo.

3.2 ALBERGUE DAS LARANJEIRAS

A análise do Albergue das Laranjeiras apresenta-se como estudo de caso nacional, com objetivo de entender como funciona este tipo de estabelecimento no contexto do Brasil. Esta escolha se deu devido a vários motivos. Um dos mais importantes foi a hospedagem previamente realizada no Albergue da Juventude, proporcionando uma percepção como usuária e ao mesmo tempo de estudante sobre o edifício. Outro aspecto que influenciou esta escolha foi o fato do estabelecimento estar abrigado em edifícios reciclados e que possuem dimensões e programa compatíveis com a idéia do projeto a ser proposto. Esta similaridade também se estende à inserção urbana do Albergue das Laranjeiras, situado no centro histórico da cidade.

Dados:

Local: Salvador, Bahia, Brasil

Autor do projeto: arquitetos Naia Alban e Moacyr Gramacho

Ano da inauguração: 1994

Classificação da FBAJ: Muito Bom

O Albergue das Laranjeiras ou Laranjeiras Hostel é credenciado pela rede IYHF, assim como o estudo de caso apresentado anteriormente. O Albergue da Juventude localiza-se no Centro Histórico de Salvador, no Pelourinho, região que hoje é um grande centro de lazer e agitação cultural. Desta forma, sua localização é privilegiada: além da proximidade com bares, cafés, restaurantes, o alberguista possui fácil acesso a diversos pontos turísticos da cidade e às belas praias através do transporte coletivo (ver FIGURA 30).

O estabelecimento encontra-se instalado em um conjunto de esquina, constituído por dois sobrados antigos com características da arquitetura colonial, que foram reciclados e integrados para atender as necessidades do Albergue das Laranjeiras (ver FIGURA 31). Ao contrário do Curitiba Eco Hostel, este Albergue da Juventude é totalmente inserido no contexto urbano, atraindo principalmente turistas culturais, interessados na cultura do povo baiano.



FIGURA 30 – Inserção urbana do Albergue das Laranjeiras
 FONTE: ALBERGUE DAS LARANJEIRAS (2008)



FIGURA 31 – Dois sobrados do Albergue
 FONTE: SETE43ARQUITETURA (2008)

Devido à preservação deste patrimônio histórico da humanidade que é o Pelourinho, não é permitida a circulação de veículos em suas ruas, todas de paralelepípedos. Assim, o acesso direto ao estabelecimento se dá somente à pé. Contudo, no seu entorno existem muitos estacionamentos e pontos de embarque e desembarque do transporte coletivo, que podem ser utilizados pelos alberguistas. O Albergue da Juventude está identificado com placas em ambas as fachadas principais.

Segundo Silva (2005), o público do Albergue das Laranjeiras é constituído em sua maioria por jovens e 80% dos hóspedes são estrangeiros. Isso se deve ao fato da cidade possuir muitos atrativos turísticos aos estrangeiros e ainda à localização do estabelecimento, no Pelourinho. O Albergue da Juventude recebe muitos alberguistas durante o ano inteiro, sendo mais procurado nas épocas das férias escolares e nos feriados de ano novo e carnaval.

Descrição e Análise

Firmitas

As duas edificações antigas foram recicladas para abrigar o Albergue das Laranjeiras. Percebe-se que ambos os sobrados foram construídos a partir de materiais e técnicas tradicionais. As paredes externas são originais, sendo as do pavimento térreo construídas em alvenaria de pedra, provavelmente do século XVIII, e as dos superiores em alvenaria de tijolos, todas com função estrutural. As coberturas também estão configuradas de acordo com seu formato original. Os dois edifícios possuem telhados com duas águas revestidos por telhas do tipo capa canal.

A maior parte das paredes internas, de alvenaria de tijolo, é resultado de intervenções mais recentes, percebidas principalmente pela espessura bem menor, adotada em técnicas contemporâneas. A madeira também foi muito empregada no processo de reciclagem, podendo ser percebida nas escadas, no mezanino, no mobiliário e no pórtico da “Praça do Albergue”. O concreto é outro material que configura os edifícios, utilizado na estrutura e na escada principal. No revestimento dos pisos também foram utilizados diversos materiais, como o petit-pavé nas duas praças, novamente a madeira, no mezanino e a cerâmica nos demais espaços.

Utilitas

As instalações do Albergue das Laranjeiras já sofreram muitas intervenções desde 1994, ano da inauguração do estabelecimento. A mais significativa delas ocorreu a partir de 2003, com a aquisição do imóvel vizinho da rua da Ordem Terceira, também uma edificação antiga que sofreu reciclagem. Através do projeto dos arquitetos Naia Alban e Moacyr Gramacho, o estabelecimento ganhou um anexo com espaços e instalações para atender as novas necessidades que surgiram. Ambas as edificações encontram-se no alinhamento predial, sem recuos frontais e laterais, junto às estreitas calçadas características do Pelourinho. Diretamente integrados, estas duas edificações funcionam como se fossem um só bloco.

Os dois edifícios abrigam o Albergue da Juventude. O primeiro deles, o “original”, possui dois pavimentos, mezanino, subsolo e sótão. O anexo apresenta-se

estruturado quase da mesma forma, pois acompanha os níveis do outro edifício, não possuindo apenas o subsolo. Estes pavimentos setorizam as diversas funções do estabelecimento. O térreo, o mezanino e o subsolo abrigam principalmente o setor social e de convivência e no pavimento superior e no sótão estão os quartos e banheiros.

O acesso ao Albergue das Laranjeiras ocorre pelo edifício de esquina, na rua da Ordem Terceira. Pela porta na esquerda da fachada principal chega-se no térreo da edificação, que abriga espaços como:

- Praça do Albergue:

É o espaço por onde se dá o acesso ao complexo do Albergue das Laranjeiras, responsável por distribuir os fluxos para a recepção, a sua frente, e à creperia, a sua direita. Possui um telefone público e uma “lojinha”, a qual atualmente é utilizada como extensão da creperia, assim como esta praça, onde se encontram algumas mesas e cadeiras. Durante a hospedagem realizada no estabelecimento, percebeu-se que este uso causa um considerável conflito de fluxos entre seus usuários e os hóspedes que estão chegando e se direcionando à recepção. Este ambiente com pé-direito duplo apresenta várias aberturas, tanto portas quanto janelas, integrando-o com o espaço da rua e caracterizando-o como público. Um pórtico de madeira revestido com tecidos regionais divide este espaço do da creperia, conferindo características locais ao estabelecimento e concorrendo para um ambiente descontraído (ver FIGURA 32).

- Praça da Creperia:

Está localizada no bloco anexo, a 50 cm acima do nível da “Praça do Albergue”. Este espaço é utilizado para servir o café da manhã aos hóspedes e durante o resto do dia também é aberto ao público externo. Assim como a praça ao lado, possui pé-direito duplo e muitas aberturas, os quais proporcionam iluminação natural e ventilação satisfatória. Os materiais, as cores e formas utilizadas concorrem para um ambiente agradável que favorece a convivência proposta pela filosofia alberguista (ver FIGURA 33). Junto com a “Praça do Albergue”, é um dos principais espaços do Albergue das Laranjeiras. A creperia conta com um setor de apoio, constituído por uma pequena cozinha com depósito e um banheiro destinado aos usuários. Este complexo estende-se até o outro extremo da edificação, onde encontra-se um pequeno pátio que também pode ser utilizado para refeições.



FIGURA 32 – Praça do Albergue

FONTE: ALBERGUE DAS LARANJEIRAS (2008)



FIGURA 33 – Praça da Creperia

FONTE: ALBERGUE DAS LARANJEIRAS (2008)

- Recepção e Sala de Espera:

Estes ambientes são acessados através da “Praça do Albergue”, por meio de uma escada que vence os 70 cm de desnível existente. As paredes deste espaço apresentam painéis com mapas e informações turísticas, importantes em Albergues da Juventude. Este setor possui um pequeno escritório administrativo e um balcão para atendimento, com acesso restrito aos funcionários (ver FIGURA 34). A sala de espera oferece dois computadores ligados à internet para os hóspedes (ver FIGURA 35). O acesso a este ambiente não está de acordo com a legislação sobre acessibilidade, já que o único modo de chegar ali é através de uma escada.



FIGURA 34 – Recepção

FONTE: ALBERGUE DAS LARANJEIRAS (2008)

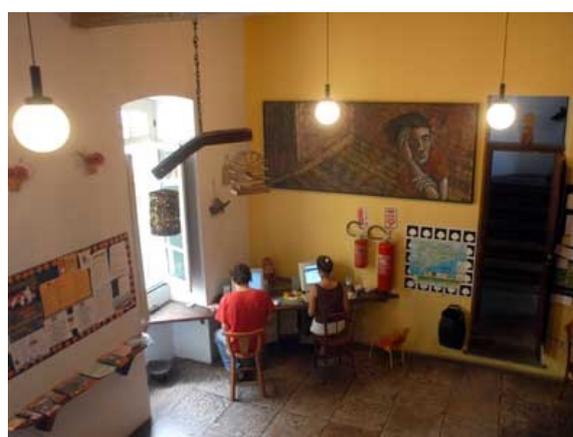


FIGURA 35 – Sala de espera com computadores

FONTE: ALBERGUE DAS LARANJEIRAS (2008)

O mezanino é acessado a partir da sala de espera, por uma escada, e abriga um espaço de convivência com redes, cadeiras e mesas para jogos (ver FIGURA

36). É utilizado para o descanso e confraternização dos alberguistas, que dali possuem contato visual com as demais áreas sociais. Neste nível ainda se encontram duas suítes para três pessoas com aberturas voltadas para o pátio interno. Outro espaço de convivência encontra-se no subsolo, onde também estão uma cozinha comunitária e uma lavanderia com banheiros para os funcionários.

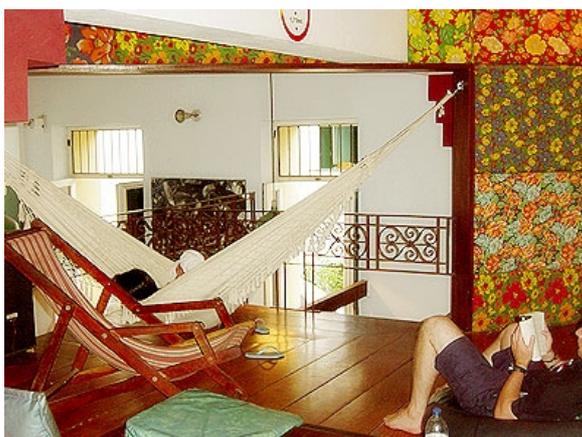


FIGURA 36 – Espaço de convivência (mezanino)



FIGURA 37 – Suíte

FONTE: ALBERGUE DAS LARANJEIRAS (2008)

FONTE: ALBERGUE DAS LARANJEIRAS (2008)

Através da sala de espera chega-se ao hall da escada principal, localizada junto à fachada noroeste do edifício. À sua esquerda encontra-se o pátio interno e à sua direita uma pequena lavanderia com tanques e máquinas de lavar e banheiro integrado, com uso compartilhado entre funcionários e alberguistas.

Por meio da escada principal se dá a circulação vertical para os demais níveis. O pavimento superior e o sótão configuram-se de modo bastante similar: à direita da escada encontra-se um banheiro coletivo (ver FIGURA 38), ligado aos dormitórios por um corredor central, onde ficam os armários utilizados pelos hóspedes. Ao todo, junto com os dormitórios do mezanino, são 17 quartos, totalizando 88 leitos. Estes pavimentos dividem o setor em uma ala feminina (pavimento superior) e uma masculina (sótão), garantindo privacidade aos hóspedes.

Os quartos coletivos (ver FIGURA 38), com pé-direito alto, possuem triliches e abrigam até dez leitos cada um, ultrapassando a quantidade máxima (oito leitos) determinada pela FBAJ. Questionado sobre isso, o funcionário Francisco Paixão respondeu que o estabelecimento está em processo de adaptação às normas da rede. A maioria dos quartos não oferece conforto térmico ideal, principalmente no

verão, devido aos materiais e às dimensões e posicionamento das aberturas. Assim, todos possuem ventiladores. A circulação entre as camas dos dormitórios coletivos não foi dimensionada de modo adequado, causando conflito de fluxos. Os quartos triplos ou de casais (ver FIGURA 39) não apresentam este problema, pois possuem dimensões relativamente maiores. O isolamento acústico também não é satisfatório, o qual é necessário devido aos bares e eventos do Pelourinho que acontecem madrugada afora.



FIGURA 38 – Banheiro e Quarto coletivos



FIGURA 39 – Quarto de casal

FONTE: ALBERGUE DAS LARANJEIRAS (2008) FONTE: ALBERGUE DAS LARANJEIRAS (2008)

Pode-se perceber ao longo da descrição dos edifícios que os acessos e circulações não estão de acordo com as normas de acessibilidade determinada pela NBR 9050. Quase todos os ambientes são acessados somente através de escadas, havendo inexistência de rampas ou elevadores nas edificações.

As cores, materiais e formas empregados, principalmente nos espaços de convivência, concorrem para ambientes confortáveis e agradáveis. A setorização é bastante legível nos edifícios e seus espaços, caracterizados como público ou de acesso restrito aos funcionários principalmente por mobiliário diferenciado, como balcões e divisórias (ver FIGURAS 40 e 41).



FIGURA 40 – Plantas Térreo, Mezanino, Pavimento Superior e Sótão do Albergue das Laranjeiras
 FONTE: material disponibilizado pela arquiteta Naia Alban (2003)

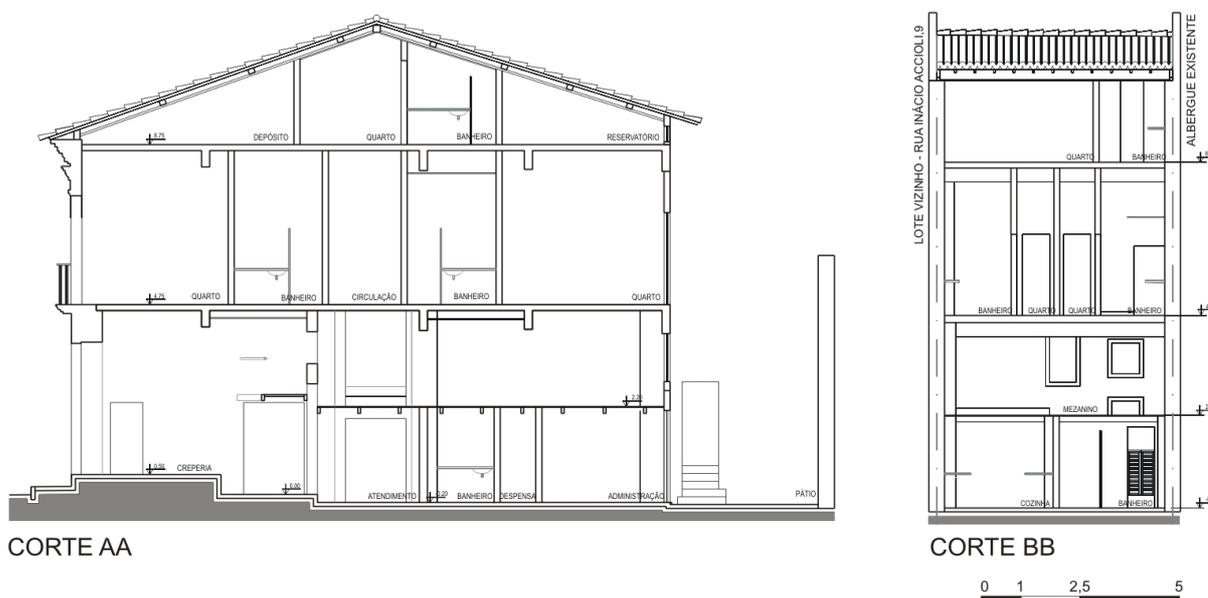


FIGURA 41 – Cortes AA e BB do Albergue das Laranjeiras

FONTE: material disponibilizado pela arquiteta Naia Alban (2003)

Venustas

Os dois sobrados configuram juntamente com outras edificações, de vários períodos da história, o cenário diversificado do Pelourinho. A reciclagem de ambos os edifícios que abrigam o Albergue das Laranjeiras pode ser identificada facilmente: as novas intervenções demonstram-se bastante diferenciadas das antigas.

Nas duas fachadas principais dos edifícios foram mantidas as aberturas originais e as sacadas com guarda-corpo metálico (ver FIGURA 42). Sem acrescentar novos elementos, as duas edificações permaneceram cada uma com sua arquitetura. Apesar de apresentarem muitas semelhanças, as configurações destes edifícios não permitem a identificação de um conjunto existente. A impressão é de que cada um destes blocos abriga uma determinada função.

A unidade que não é alcançada externamente pode ser percebida no interior dos edifícios, principalmente nos espaços de convivência. Materiais, formas e texturas repetem-se em harmonia em diversos ambientes. Um importante elemento de destaque é o pórtico de madeira citado anteriormente, que divide e ao mesmo tempo integra o mezanino com as duas praças do térreo, convidando o usuário para entrar no estabelecimento (ver FIGURA 43). As cores também são responsáveis

pelos espaços agradáveis do Albergue das Laranjeiras, empregadas em tons de alaranjado nas fachadas e em diversas outras tonalidades nos ambientes dos dois edifícios.



FIGURA 42 – Fachada principal

FONTE: ALBERGUE DAS LARANJEIRAS (2008)



FIGURA 43 – Pórtico de madeira com tecidos

FONTE: SETE43ARQUITETURA (2008)

As praças e o mezanino são os principais ambientes do complexo, onde o antigo e o novo são mais evidentes, aparecendo em contraste e harmonia. Uma das paredes da Praça da Creperia não possui revestimento, exibindo as marcas do passado do edifício, percebidas também através das aberturas originais que foram mantidas (ver FIGURA 44). Esta intenção de clareza também é percebida nas paredes do pátio interno, que exibem a antiga técnica construtiva (ver FIGURA 45). O mezanino evidencia o novo, com sua estrutura independente de madeira, conferindo dinamismo à área de convivência. O mobiliário também recebeu atenção especial, e foi elaborado de modo a integrar os espaços conferindo unidade e harmonia. Estes ambientes simples, descontraídos e agradáveis concorrem para o encontro e o intercâmbio proposto pela filosofia alberguista.



FIGURA 44 – Praça da Creperia exhibe o passado
 FONTE: ALBERGUE DAS LARANJEIRAS (2008)



FIGURA 45 – Pátio interno com técnicas antigas
 FONTE: ALBERGUE DAS LARANJEIRAS (2008)

3.3 INDIGO HOTEL

O Indigo Hotel será apresentado como estudo de caso internacional. Apesar do estabelecimento ser um hotel, possuindo uma tipologia um pouco diferenciada de meio de hospedagem, possui várias semelhanças com os Albergues da Juventude, principalmente em relação aos seus edifícios e espaços internos. Desta forma, o objetivo principal deste estudo será a análise da arquitetura das edificações do Indigo Hotel. Além da compatibilidade de dimensões e funções que possui com a idéia do projeto a ser desenvolvido, foi escolhido por estar instalado em um complexo que une um edifício reciclado e um novo, projetado para abrigar a função de hospedagem.

Dados:

Local: Puerto Natales, Patagônia, Chile

Autor do projeto: arquiteto Sebastián Irarrázaval

Ano da inauguração: 2007

O Indigo Hotel localiza-se junto à entrada marítima da cidade chilena de Puerto Natales, lugar com belas paisagens naturais e vistas surpreendentes (ver FIGURA 46). Devido a sua proximidade com o Parque Nacional Torres Del Paine, o hotel é muito procurado por aventureiros e mochileiros do mundo inteiro, tornando-se um ponto de encontro e lazer da região.

O hotel, simples e muito charmoso, é constituído por dois edifícios: uma edificação antiga que foi reciclada para atender as novas necessidades e um novo bloco anexo a este (ver FIGURA 47). Segundo o arquiteto Irarrázaval, o projeto foi concebido a partir de três idéias principais: a descoberta do edifício pelo usuário através de um passeio; a implantação da edificação em harmonia com a paisagem da cidade, conferindo-lhe características locais; a diferenciação de espaços públicos e privados. Estas intenções do arquiteto podem ser percebidas em todo o edifício, que hoje é um ponto de referência da região.



FIGURA 46 – Inserção urbana do Indigo Hotel
 FONTE: INDIGO HOTEL (2008)



FIGURA 47 – Fachadas dos edifícios do Hotel Indigo
 FONTE: INDIGO HOTEL (2008)

Descrição e Análise

Firmitas

A edificação nova, estruturada em concreto armado, apresenta uma grande variedade de materiais, sendo que os mais utilizados foram o concreto aparente e a madeira. Suas fachadas principais foram revestidas com aço corrugado e as laterais com madeira de pinho, materiais estes comumente usados na região de Puerto Natales (ver FIGURA 48).

Internamente, um dos elementos de destaque do edifício é um grande painel vertical de costaneiras de eucalipto, estruturado com perfis metálicos como pode ser visto no detalhe a seguir.



FIGURA 48 – Fachadas frontal e lateral
 FONTE: INDIGO HOTEL (2008)

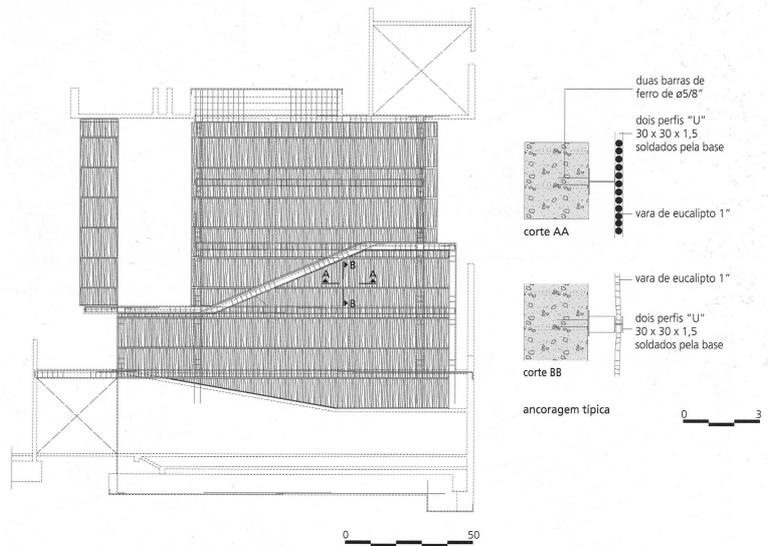


FIGURA 49 – Detalhe painel com estrutura metálica
 FONTE: SAYEGH (2007)

Nos elementos de circulação foram empregados vários materiais: a torre de escadas e rampas junto à fachada sul é metálica; a escada central, também é metálica e tem seus pisos revestidos com pedra; as passarelas são de concreto, com piso e guarda-corpo revestidos com madeira (ver FIGURA 50). Esses materiais também aparecem nos pisos dos ambientes deste edifício, como a pedra na recepção e nos espaços de circulação e a madeira no *spa*. Nos quartos o piso é revestido com carpet, escolha visando o conforto térmico deste ambiente.

A edificação mais antiga, que hoje abriga o bar e o restaurante, foi reciclada e seu interior foi todo demolido, restando apenas a “casca”. Suas paredes externas receberam um reforço estrutural com *steel frame*, para que as novas atividades pudessem ser desenvolvidas de modo seguro. O material predominante nesta parte do hotel é a madeira, que aparece nos revestimentos, na escada, nos guarda-corpos e nas tesouras que estruturam a cobertura (ver FIGURA 51). O piso do primeiro pavimento, o do restaurante, é de concreto queimado com juntas de madeira.



FIGURA 50 – Circulações do edifício novo
 FONTE: INDIGO HOTEL (2008)



FIGURA 51 – Interior do edifício antigo reciclado
 FONTE: INDIGO HOTEL (2008)

Utilitas

A proposta era revitalizar uma antiga hospedaria, agregando em sua lateral um bloco que abrigaria uma nova pousada. Ambas as edificações encontram-se no alinhamento predial, sem recuos frontais e laterais, configurando-se de acordo com os terrenos.

O novo edifício em anexo à antiga construção foi implantado em um lote com formato trapezoidal, de 700 m². A edificação, um volume simples, abriga em seus 1680 m² construídos seis pavimentos que setorizam as áreas de serviço, de recepção e convivência, dormitórios e *spa*.

No térreo encontram-se o setor administrativo, a área de serviço e a cozinha do restaurante, com acesso restrito aos funcionários. Este pavimento está no nível da rua Costanera, pela qual é acessado por uma entrada de serviço. A ligação com os demais pavimentos ocorre através de uma escada junto à fachada sul, um elevador e uma outra escada de serviço, que dá acesso direto ao restaurante ao lado.

O acesso principal a este edifício se dá pela fachada leste, na rua Ladrilleros, através de uma tímida entrada (ver FIGURA 52). Por meio de uma suave rampa, chega-se no primeiro pavimento, onde está a recepção do hotel. Trata-se de um ambiente bastante amplo e agradável, bem iluminado pelas aberturas na fachada

principal. Este espaço é separado sutilmente por pilares inclinados de uma área de convivência e de espera, que possui conjuntos de sofás e mesas (ver FIGURA 53). Ainda neste pavimento existem cinco dormitórios voltados para a fachada oeste.



FIGURA 52 – Acesso principal do edifício novo
FONTE: INDIGO HOTEL (2008)



FIGURA 53 – Recepção e área de convivência
FONTE: INDIGO HOTEL (2008)

No segundo pavimento encontram-se mais oito suítes, cujo acesso vertical se faz pelo elevador e pela torre de escadas e rampas junto à fachada sul, as quais levam a um corredor à oeste ligado a uma passarela que desemboca na circulação à leste. A partir deste nível, o terceiro e o quarto pavimento também podem ser alcançados através de escadas centrais. Estes dois pavimentos também abrigam dormitórios (oito em cada um), totalizando 29 suítes oferecidas, classificadas pelo estabelecimento como:

- § Estándar Esperanza: totalizam 21 suítes, com 20 m² e vista para o mar (ver FIGURA 54);
- § Estándar Dorotea: são 5 suítes, com 35 m² e área de estar, com vista para a paisagem da cidade de Puerto Natales e para a Serra Dorotea, aos fundos (ver FIGURA 55);
- § Córner: totalizam 2 suítes com 23 m², com vistas para o mar (ver FIGURA 56);
- § Suíte Indigo: é uma grande suíte, com 43 m², que possui área de estar e uma banheira integrada com o dormitório, com vistas para o mar e para a cidade (ver FIGURA 57).

Segundo Sayegh (2007), todos os dormitórios são bem ventilados e possuem iluminação natural devido às grandes aberturas, as quais também emolduram belas vistas para os hóspedes. As proporções, o layout e os materiais e cores existentes garantem ambientes confortáveis e aconchegantes aos hóspedes.



FIGURA 54 – Estándar Esperanza
FONTE: INDIGO HOTEL (2008)



FIGURA 55 – Estándar Dorotea
FONTE: INDIGO HOTEL (2008)



FIGURA 56 – Córner
FONTE: INDIGO HOTEL (2008)



FIGURA 57 – Suíte Indigo
FONTE: INDIGO HOTEL (2008)

A cobertura, no quinto pavimento, abriga um *spa* que possui salas de massagem, sauna, vestiários e três pequenas piscinas externas com hidromassagem (ver FIGURA 58). Novamente, as vistas da natureza são deslumbrantes. O acesso a este nível se faz por uma escada central, a partir do quarto pavimento.



FIGURA 58 – Spa com vista para uma das piscinas
FONTE: INDIGO HOTEL (2008)

Percebe-se que a circulação constitui a grande força do projeto desta edificação. As rampas, escadas, passarelas e corredores, junto com o vão livre central conduzem os hóspedes por um passeio pela arquitetura do hotel. Desde a entrada a partir da rua até o *spa*, as circulações verticais e horizontais foram tratadas de modo a surpreender o usuário, que possui várias opções de mobilidade no edifício (ver FIGURA 59). A acessibilidade a todos foi garantida também pelo elevador, que liga todos os pavimentos entre si. As distâncias entre os ambientes são curtas e os fluxos são satisfatórios, garantidos pela grande quantidade e dimensionamento adequado das circulações.

Este jogo composto pelos elementos de circulação aliados a um grande painel de costaneiras de eucalipto que ampara todos os espaços públicos (ver FIGURA 60) propicia a noção de público e privado, um dos três pontos principais abordados pelo arquiteto. As cores, materiais, texturas e formas utilizadas concorrem para ambientes simples, confortáveis e agradáveis, aspectos também garantidos pela orientação do edifício, o dimensionamento dos espaços e suas aberturas, o layout do mobiliário etc.



FIGURA 59 – Circulações do edifício novo
FONTE: INDIGO HOTEL (2008)



FIGURA 60 – Painel de eucaliptos
FONTE: INDIGO HOTEL (2008)

Ao lado do novo edifício encontra-se uma antiga hospedaria de dois pavimentos, que foi reciclada para receber o restaurante e o bar do Indigo Hotel. O primeiro pavimento possui acesso externo pela rua Ladrilleros e conexão direta com a edificação nova através de uma porta na fachada divisória entre ambos os blocos. Neste nível está o restaurante “Pez Glaciar sea & food” (ver FIGURA 61), cuja cozinha localiza-se no edifício ao lado, ligando-se a este através de um montacargas e de uma escada. É constituído por um salão, com mesas para duas e três pessoas e um setor de serviço junto à fachada sul, com uma pequena área de apoio (com acesso restrito a funcionários) e instalações sanitárias. O café da manhã e demais refeições são servidos aos hóspedes e também ao público externo neste espaço.



FIGURA 61 – restaurante “Pez Glaciar sea & food”
FONTE: INDIGO HOTEL (2008)

A circulação vertical também recebeu destaque neste edifício. O acesso ao segundo pavimento se dá através de uma escada central, que se projeta sob um grande vazio com formato de “Y”. Neste nível, que possui pé-direito duplo, encontra-se o “Pisco Sour café & bar”, o qual possui balcões dispostos conforme o guarda-corpo em “Y” e layout de mobiliário descontraído. O setor de serviço projeta-se na fachada sul e possui instalações sanitárias e uma pequena copa, aonde chega o monta-cargas. Este espaço também é aberto para o público externo, tornando-se um verdadeiro ponto de encontro e convivência entre os hóspedes e os moradores de Puerto Natales.

A cobertura do edifício possui algumas aberturas zenitais, as quais, juntamente com as janelas, proporcionam iluminação natural aos ambientes, que também são bem ventilados. Os materiais e formas empregados no interior do edifício são os mesmos ou semelhantes aos utilizados no outro bloco e conferem, além de unidade, charme e conforto ao ambiente.

O Indigo Hotel não possui estacionamento próprio. Segundo o arquiteto Irrarázaval, através de troca de *e-mails*, devido à localização do estabelecimento, a grande maioria dos hóspedes chega à cidade através de ônibus ou aviões. Os que vão de automóvel particular podem deixá-los em estacionamentos comerciais existente no entorno.

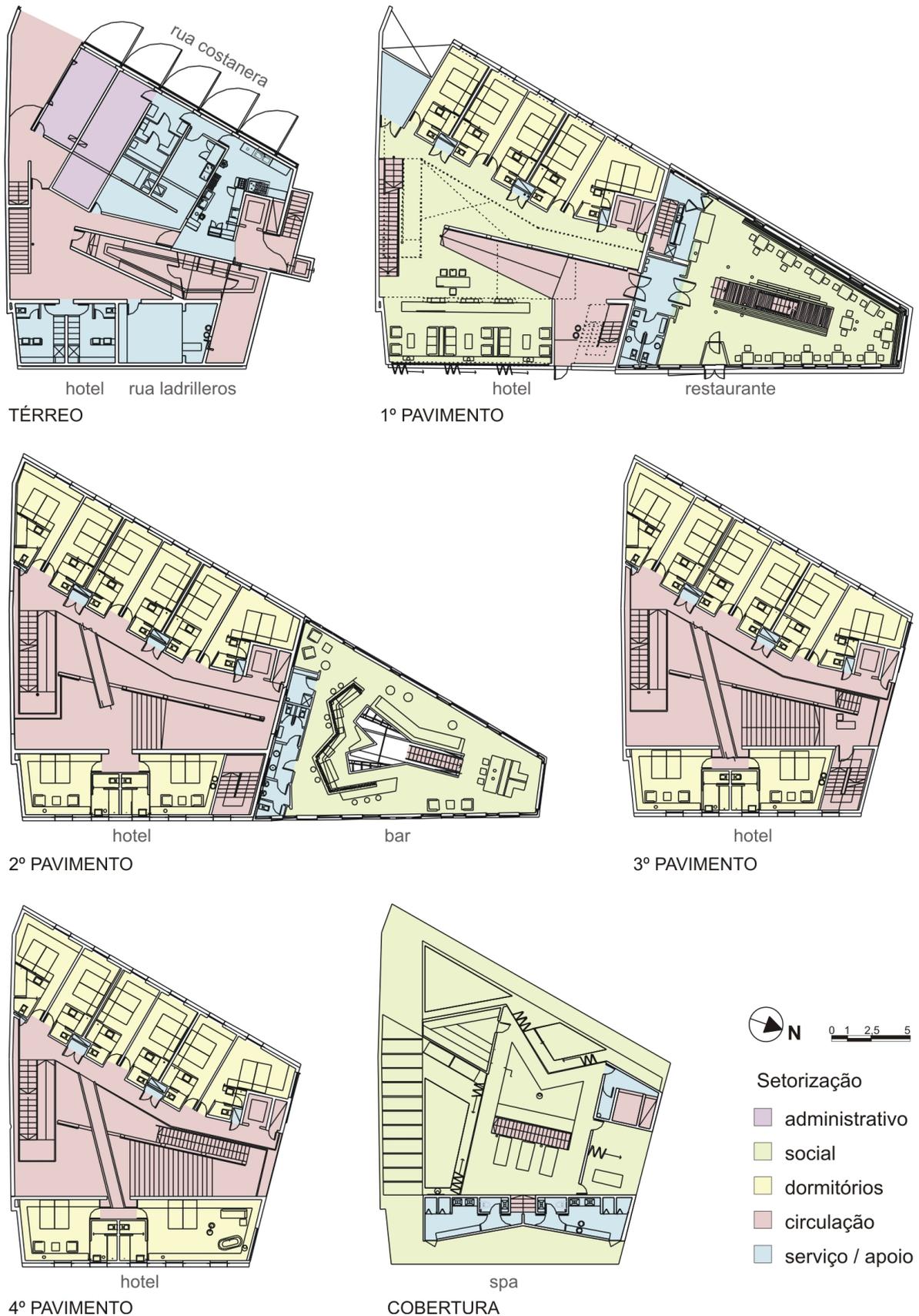


FIGURA 62 – Plantas Térreo, Primeiro ao Quinto Pavimento e Cobertura do Indigo Hotel

FONTE: material disponibilizado pelo arquiteto Sebastián Irrarzával (2005)

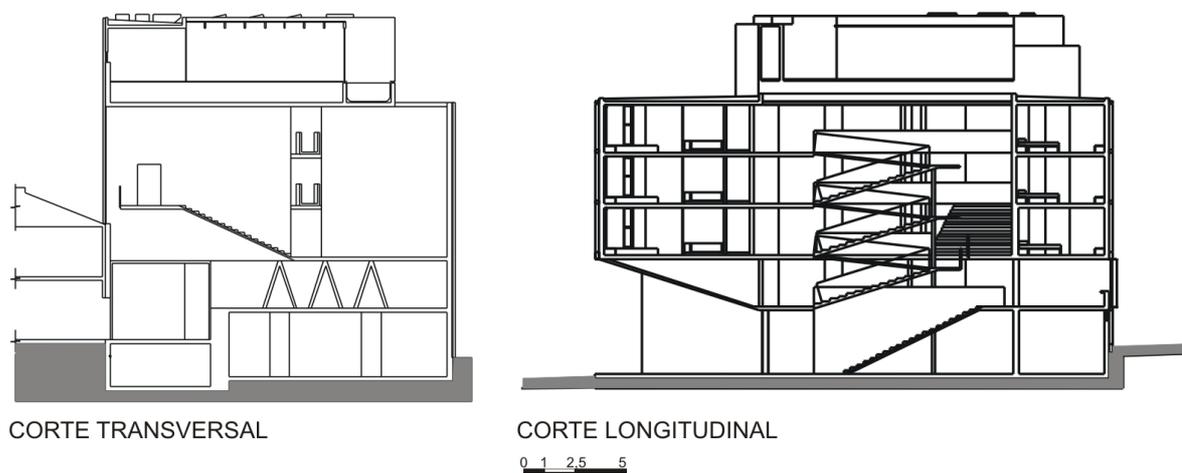


FIGURA 63 – Cortes Transversal e Longitudinal do Índigo Hotel

FONTE: material disponibilizado pelo arquiteto Sebastián Irarrázaval (2005)

Venustas

O edifício novo do Indigo Hotel é um marco na paisagem de Puerto Natales. As fachadas principais chamam a atenção por sua referência aos contêineres de navios de carga, devido tanto ao projeto arquitetônico quanto ao gráfico A cor vermelha, muito utilizada na Patagônia, uma vez que permite que as edificações sejam vistas de longe, juntamente com o ritmo das aberturas e os símbolos conferiram o caráter desejado pelo arquiteto (ver FIGURA 64).



FIGURA 64 – Fachada em vermelho do edifício novo

FONTE: INDIGO HOTEL (2008)

Seu interior é simples, contudo surpreendente. A variedade de materiais (muitos deles locais), cores e formas em meio a uma paisagem deslumbrante encantam os visitantes. A começar pelos vãos e elementos de circulação, dispostos de forma a conferir dinamismo, ritmo e movimento à arquitetura do edifício (ver FIGURA 65). Percebe-se que a verticalidade das paredes da circulação contrasta com a horizontalidade das ripas de madeiras das passarelas que ligam corredores de mesmos níveis. Esta intenção do arquiteto concorreu para conferir a sensação de alargamento dos ambientes e expansão das alturas.

Um dos elementos de destaque, como já citado anteriormente, é o painel vertical de eucaliptos dos espaços públicos, que contrasta com a horizontalidade das ripas de pinho dos quartos. Além disso, o uso de materiais como o concreto aparente branco, a pedra em tons de cinza dos pisos, o metal e a madeira formaram um conjunto de contrastes e harmonia com ares de modernidade. As esquadrias metálicas também colaboraram para este aspecto, proporcionando ritmo e unidade às fachadas principais.

Um espaço tratado de modo muito especial pelo arquiteto foi o *spa*, na cobertura do edifício. Os ambientes são todos revestidos de madeira e as divisórias são de vidro transparente, proporcionando muita iluminação natural e uma vista da paisagem que complementa a beleza da arquitetura do edifício (ver FIGURA 66).



FIGURA 65 – Torre de rampas e escadas
FONTE: INDIGO HOTEL (2008)



FIGURA 66 – Interior do *spa*
FONTE: INDIGO HOTEL (2008)

O edifício novo e o reciclado são bem diferentes externamente, dando a impressão de que não fazem parte de um mesmo estabelecimento. Esta diferenciação talvez tenha sido proposital, pois desta forma fica evidente qual deles é novo e qual é o antigo. Entretanto, poderiam existir elementos que conferissem unidade ao conjunto. Esta, contudo, é alcançada internamente, onde formas, materiais e cores repetem-se em ambas as edificações.

No bloco do restaurante e bar, a madeira também é muito utilizada. A estrutura aparente da cobertura, o vazio central em formato de “Y” e o pé-direito duplo do mezanino conferem um caráter interessante ao espaço (ver FIGURA 67). O mobiliário, as aberturas e os demais materiais também concorrem para um ambiente aconchegante e apropriado para promover o encontro e a convivência entre as pessoas.

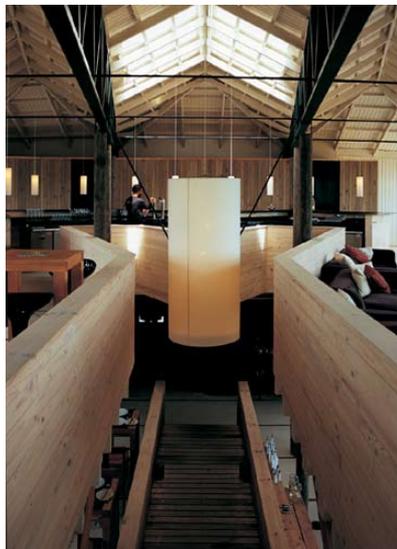


FIGURA 67 – Vazio em “Y” integrando bar e restaurante
FONTE: INDIGO HOTEL (2008)

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal intenção deste capítulo foi estabelecer bases para desenvolver o projeto do Albergue da Juventude através do estudo de exemplos compatíveis. Devido à carência de referências bibliográficas sobre arquitetura de Albergues da Juventude, procurou-se compreender e interpretar a arquitetura de cada caso de modo aprofundado, analisando como os aspectos expostos no capítulo anterior

foram materializados e aplicados na realidade de cada caso escolhido. De cada um dos exemplos estudados foram extraídas diferentes considerações que irão direcionar a concepção da arquitetura do projeto proposto. Deste modo, atingiu-se o objetivo de criar um referencial teórico para a etapa seguinte.

4 INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

O presente capítulo possui como principal objetivo analisar e caracterizar a realidade na qual o projeto será inserido. Através de levantamento de dados, visitas locais e entrevistas, será constituído um diagnóstico do existente, determinando suas potencialidades e deficiências. A apresentação desta realidade acontecerá da escala maior para a menor, partindo do estado do Paraná, passando pela cidade de Curitiba e chegando ao edifício no bairro São Francisco, como mostra a figura a seguir.



FIGURA 68 – Localização do Sítio escolhido

FONTE: IPPUC (2008)

Ao longo das análises realizadas será justificada a escolha por este local de intervenção. Desta forma, serão expostas as referências necessárias para embasar o desenvolvimento do projeto do Albergue da Juventude.

4.1 O ESTADO DO PARANÁ

O estado do Paraná está situado na região Sul do Brasil e possui limites com os estados de São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, com a Argentina e o Paraguai e com o Oceano Atlântico. De acordo com dados de 2007 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população do Paraná era de 10.284.503 habitantes, fazendo deste o sexto estado mais populoso do país. É

constituído por 399 municípios, sendo o maior deles o de Curitiba, a capital do Paraná, localizada na porção leste do estado.

O Paraná é o quinto estado mais rico do Brasil. Uma das atividades que contribui cada vez mais para isto é a do turismo, em constante expansão. Este fato pode ser percebido através da tabela a seguir, que mostra as principais estatísticas do turismo no Paraná entre os anos de 2000 e 2006, período em que o fluxo de turistas aumentou 29%. Contudo, apesar do seu considerável crescimento, o turismo no estado ainda é incipiente se comparado a outros destinos brasileiros como as praias do Nordeste do Brasil e de Santa Catarina, as capitais Rio de Janeiro e São Paulo etc.

TABELA 1. Estimativas do Estado do Paraná

| Variáveis | Anos | | | | | |
|------------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 |
| Fluxo de turistas | 5 670 614 | 5 552 244 | 6 210 930 | 6 708 641 | 7 350 912 | 7 319 475 |
| Permanência média (dias) | 3,9 | 3,6 | 3,8 | 3,3 | 3,7 | 3,8 |
| Gasto médio/dia (U\$) | 37,80 | 45,00 | 47,80 | 47,50 | 60,00 | 61,60 |
| Receita gerada (U\$ por mil) | 835 961 | 899 463 | 1 124 000 | 1 067 915 | 1462 828 | 1 508 961 |

FONTES: SETU PR (2007)

Um importante setor de serviços envolvido diretamente com as atividades turísticas é o de hospedagem. No Paraná, de acordo com a SETU PR (Secretaria de Estado do Turismo do Paraná), a maior parte dos meios de hospedagem é classificada como hoteleira. Poucas são as extra-hoteleiras, categoria que inclui os Albergues da Juventude. No estado todo existe apenas oito estabelecimentos deste tipo, credenciados pela FBAJ, sendo dois em Curitiba, dois em Foz do Iguaçu, um em Guaratuba, um na Ilha do Mel, um em Matinhos e um em Paranaguá, todos associados à APRAJ (Associação Paranaense dos Albergues da Juventude).

O Paraná possui muitos atrativos turísticos, dentro das mais diversas segmentações do setor. Os parques nacionais, com destaque ao Parque Nacional do Iguaçu, são bastante visitados por turistas de todo o mundo. O litoral também é bastante procurado, principalmente por visitantes do próprio estado e de estados vizinhos. Já o norte do estado atrai muitos turistas com a realização de festas e eventos periódicos. O turismo cultural também é praticado na capital, um dos

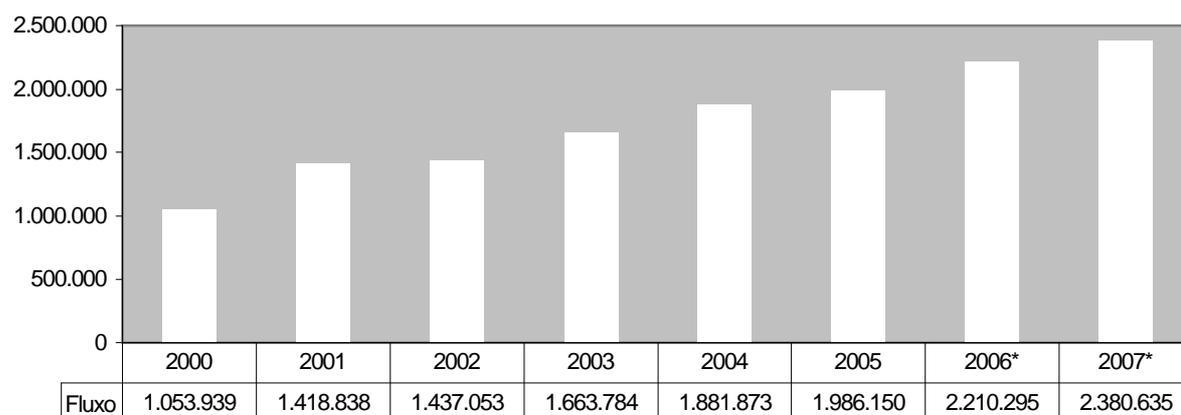
principais destinos do estado, onde as atividades turísticas se apresentam com variadas opções. Estes e outros aspectos da cidade de Curitiba considerados relevantes para este trabalho serão apresentados em seguida.

4.2 A CIDADE DE CURITIBA

A capital do Paraná localiza-se no primeiro planalto paranaense, na porção leste do estado. O município é dividido em nove administrações regionais, as quais englobam os 75 bairros de Curitiba. Sua população no ano de 2007 era de 1.797.408 habitantes, segundo dados de 2007 do IBGE. O município é a cidade-pólo da RMC (Região Metropolitana de Curitiba), constituída hoje por 26 municípios que totalizam uma população de 3.172.357 habitantes, a oitava mais populosa do país, estatística também apontada pelo IBGE em 2007. Atualmente, a cidade é um centro econômico de destaque nacional, configurando-se como o quarto município com o maior PIB do Brasil e o primeiro da Região Sul. Um dos setores que contribui para esta realidade é o das atividades turísticas, em constante expansão na cidade.

A capital paranaense possui um grande potencial turístico, seja pela sua arquitetura e configurações urbanísticas, pelos seus parques e praças ou ainda pela sua infra-estrutura. O turismo configura-se hoje como um importante setor no contexto socioeconômico e cultural de Curitiba, que foi eleita em 2007 como a quarta melhor cidade brasileira para viagens e atividades turísticas pela revista Viagem e Turismo, segundo a Wikipédia (2008). A capital ainda recebeu o título de melhor destino cultural e melhor custo-benefício para turismo da Região Sul, pela revista Veja em 2008. A cidade vem se consolidando cada vez mais como um centro turístico com grande atratividade, o que pode ser percebido no GRÁFICO 1, que mostra o considerável aumento do fluxo de turistas na capital desde o ano de 2000.

GRÁFICO 1 . Fluxo de turistas em Curitiba por ano



FONTE: SETU PR (2005)

* estimativas

Segundo dados da SETU PR, 49,8% dos turistas que visitaram Curitiba em 2004 vieram sozinhos e 90,1% viajaram sem os serviços de agências turísticas, características dos usuários dos Albergues da Juventude. Outro aspecto em comum entre os alberguistas é a utilização do ônibus em suas viagens turísticas. De acordo com o IPPUC (2004), em 2002, o principal meio de transporte utilizado pelos turistas para chegar em Curitiba foi o ônibus (38,9%), seguido do automóvel (31%) e do avião (29,4%).

A realização da viagem à cidade foi motivada principalmente pelos negócios. Em segundo lugar, estão as visitas a parentes/amigos e em terceiro o lazer, o que pode ser analisado na TABELA 2.

TABELA 2. Motivo da viagem dos turistas em visita a Curitiba

| Motivo da viagem | Percentual dos turistas em visita a Curitiba nos Anos (%) | | | | | | | | |
|---------------------|---|------|------|------|------|------|------|------|------|
| | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 2000 | 2001 | 2002 |
| Compras | 3,4 | 1,2 | 1,3 | 1,1 | 0,5 | 0,8 | 0,9 | - | 0,2 |
| Eventos | - | - | - | - | - | - | 6,7 | 12,3 | 9,3 |
| Negócios | 37,3 | 38,2 | 31,5 | 38,8 | 37,1 | 35,5 | 32,7 | 44,5 | 38,2 |
| Visita familiar | - | 30,2 | 27,6 | 30,0 | 32,3 | 27,2 | 36,8 | 22,2 | 25,1 |
| Tratamento de Saúde | - | - | - | 8,3 | 8,1 | 7,5 | 6,2 | 9,8 | 5,3 |
| Turismo / Lazer | 30,2 | 15,1 | 23,2 | 16,1 | 12,6 | 15,5 | 16,7 | 9,2 | 21,3 |

FONTE: IPPUC (2004)

Ainda segundo o IPPUC (2004), os turistas motivados pelo lazer permanecem em média 4,8 dias na cidade, estatística que pode ser considerada para os usuários dos Albergues da Juventude. Outro importante dado refere-se à procedência dos turistas que visitam Curitiba. Através da TABELA 3 pode-se constatar que a maioria destes são provenientes do Brasil e do próprio estado do Paraná. Os que chegam do exterior ainda são poucos, mas percebe-se um crescente aumento dos mesmos.

TABELA 3. Turistas em visita a Curitiba segundo pólos emissores

| Pólos Emissores | Percentual dos turistas em visita a Curitiba nos Anos (%) | | | | | | | | |
|-------------------|---|------|------|------|------|------|------|------|------|
| | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 2000 | 2001 | 2002 |
| BRASIL | 87,6 | 96,4 | 95,9 | 97,5 | 97,0 | 94,3 | 94,3 | 96,3 | 95,2 |
| Paraná | 26,3 | 21,6 | 23,0 | 21,1 | 28,6 | 25,6 | 31,5 | 36,0 | 31,5 |
| Rio de Janeiro | 8,6 | 7,3 | 7,3 | 6,8 | 4,8 | 6,4 | 5,7 | 6,0 | 5,5 |
| Rio Grande do Sul | 8,2 | 7,9 | 5,5 | 6,0 | 6,4 | 6,9 | 6,4 | 6,1 | 6,0 |
| Santa Catarina | 16,8 | 18,2 | 17,6 | 19,5 | 19,6 | 17,6 | 11,7 | 14,8 | 15,3 |
| São Paulo | 16,8 | 18,2 | 17,6 | 19,5 | 19,6 | 17,6 | 11,7 | 14,8 | 15,3 |
| Outros estados | - | 10,3 | 12,8 | 12,0 | 7,0 | 7,8 | 10,4 | 8,2 | 8,7 |
| EXTERIOR | 2,3 | 3,6 | 4,1 | 2,5 | 3,0 | 4,0 | 5,8 | 3,7 | 4,8 |
| Alemanha | 0,4 | 0,2 | 0,5 | 0,2 | 0,3 | 0,4 | 0,6 | 0,5 | 0,5 |
| Argentina | 1,3 | 1,1 | 1,0 | 0,8 | 0,85 | 1,0 | 1,0 | 0,4 | 0,6 |
| Estados Unidos | 0,2 | 0,2 | 0,6 | 0,2 | 0,1 | 0,4 | 0,8 | 0,6 | 0,6 |
| Outros países | 0,4 | 2,1 | 2,0 | 1,3 | 2,2 | 3,4 | 3,4 | 2,2 | 3,1 |

FONTE: IPPUC (2004)

Segundo a SETU (2008), a maior parte dos meios de hospedagem de Curitiba, assim como nos outros municípios do Paraná, é hoteleira, voltada aos turistas de massa e aos viajantes a negócios. As hospedagens extra-hoteleiras são poucas, sendo que a maioria delas, devido principalmente ao baixo custo da diária, não oferece um serviço considerado adequado a seus usuários. Por isso há uma demanda crescente por este tipo de meio de hospedagem na cidade, no qual o Albergue da Juventude se enquadra. Atualmente, segundo a APRAJ, existem apenas dois estabelecimentos credenciados pela IYHF em Curitiba: o Curitiba Eco

Hostel, apresentado anteriormente como Estudo de Caso Local, e o Roma Hostel, localizado na região central da cidade.

Além de equipamentos e infra-estrutura urbana, Curitiba oferece a seus visitantes vários atrativos, os quais, segundo Almeida (2007), podem ser divididos em naturais, como os parques e praças, e culturais. Estes últimos relacionam-se com o turismo cultural, e são representados por vários elementos, como o Setor Histórico da cidade, bem como pelos espaços culturais (museus, casas de cultura, teatros etc.) e eventos. De acordo com a entrevista realizada com Karla Lemos, diretora da APRAJ, os Albergues da Juventude de Curitiba são muito procurados pelos turistas culturais, e ficam lotados em época de eventos na cidade, como os Festivais de Música e de Teatro, as feiras e festas típicas, a apresentação de Natal do HSBC etc.

Os atrativos culturais concentram-se principalmente na área central de Curitiba e são muito procurados pelos turistas. Além de sua importância histórico-cultural, a região possui função comercial e de serviços e concentra terminais de transporte coletivo, que possibilitam sua ligação com os demais bairros de Curitiba. Segundo Siviero (2005), é devido a estes fatores que o fluxo tanto de moradores da cidade como de turistas é intenso nesta área da cidade. É ali que se encontra um dos bairros mais tradicionais de Curitiba, o São Francisco, que será apresentado em seguida.

4.3 O BAIRRO SÃO FRANCISCO

O Bairro São Francisco está localizado na região central da cidade de Curitiba, na Regional Matriz, e faz divisa com os bairros Bom Retiro (norte), Centro (sul), Mercês (oeste) e Centro Cívico (leste). Configura-se hoje como um dos principais pontos turísticos da cidade, uma vez que concentra a memória e a criatividade do povo curitibano e muitos atrativos culturais que movimentam as ruas e calçadas do bairro durante todo o dia.

Foi nesta região que se deu o início do desenvolvimento da cidade. Segundo Fenianos (1998), em 1693, quando oficialmente era fundada a Vila de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais, hoje Curitiba, a região do São Francisco já possuía alguns moradores. Até meados do século XIX, a cidade cresceu

lentamente, quando a partir da década de 1870 passou a receber muitos imigrantes europeus. Entre eles vieram os alemães, que se instalaram principalmente no bairro São Francisco, expressando sua cultura através da arquitetura, que até hoje configura a paisagem da região.

O bairro recebia cada vez mais moradores e visitantes, muitos dos quais atraídos pela bela vista que dali tinham da cidade e das condições ambientais favoráveis da região. No início do século XX, o coração do São Francisco, o Largo da Ordem, já se configurava como um importante ponto de encontro entre os curitibanos, que ali vendiam alimentos e deixavam seus cavalos e outros animais no famoso bebedouro existente até hoje. Na década de 1970, ainda conforme Fenianos (1998), ocorreram importantes transformações no bairro: em 1971, devido ao seu valor histórico-cultural, a região do Largo da Ordem foi definida como Setor Especial de Preservação Cultural – Setor Histórico. Já em 1980, o setor histórico passou por um processo de revitalização, quando muitos dos antigos edifícios passaram a abrigar restaurantes, bares, ateliês de arte e casas de cultura.

Hoje o bairro São Francisco configura-se como um dos mais tradicionais da cidade, com grande atratividade turística e cultural. Sua população em 2007, segundo estimativas apresentadas pelo IPPUC, era de 6.607 habitantes, representando 0,37% da população de Curitiba. Através da TABELA 4, pode-se notar que esta porcentagem diminuiu desde o ano de 2000, o que indica que a população do bairro não aumentou de acordo com a proporção da cidade toda.

TABELA 4. Dados populacionais do Bairro São Francisco

| Bairro | Área (ha) | População (habitantes) | | | | Taxa Média de Crescimento Anual – 2000 a 2007* | Densidade Demográfica (hab/ha) | |
|---------------|-----------|------------------------|------|-----------|------|--|--------------------------------|-------|
| | | 2000 | | 2007* | | | 2000 | 2007* |
| | | Absoluto | % | Absoluto | % | | | |
| São Francisco | 136,3 | 6 435 | 0,41 | 6 607 | 0,37 | 0,38 | 47,21 | 48,48 |
| Curitiba | 43217,0 | 1 587 315 | 100 | 1 775 840 | 100 | 1,62 | 36,73 | 41,09 |

* estimativa

FONTE: IPPUC (2004).

Ainda conforme o IPPUC (2004), são 2.533 os domicílios no bairro, representando apenas 0,53 % do total de Curitiba. Percebe-se que o bairro é

caracterizado predominantemente pelos setores de serviço e comércio, como é mostrado na tabela a seguir.

TABELA 5. Estabelecimentos ativos por setor de atividade econômica – 2005

| Bairro | Setores de Atividades Econômicas | | | | Total |
|---------------|----------------------------------|----------|----------|--------|---------|
| | Indústria | Comércio | Serviços | Outros | |
| São Francisco | 119 | 568 | 1 100 | 367 | 2 154 |
| Curitiba | 11 764 | 48 417 | 49 396 | 19 684 | 129 261 |

FONTE: IPPUC (2004).

O bairro apresenta-se como um local de grande diversidade e agitação cultural, gerando grande atratividade tanto para os moradores da cidade quanto para os turistas. O público pode contar com bares, restaurantes, feiras, espaços culturais, além da própria paisagem do bairro, que revela parte do passado e do presente de Curitiba (ver FIGURAS 69 e 70).



FIGURA 69 – Vista aérea do bairro São Francisco

FONTE: IPPUC (2008)



FIGURA 70 – Feirinha do Largo da Ordem

FONTE: IPPUC (2008)

Entretanto, contrapondo com este cenário de grande potencial da região, existe o lado abandonado e degradado do São Francisco. A recente expansão urbana descontrolada e a especulação imobiliária concorreram para o abandono de parte do patrimônio arquitetônico da região, principalmente de edificações privadas de pequeno porte, de acordo com Ultramari (2007). Sem uso, estes edifícios sofreram e ainda sofrem um processo de degradação física, como indica Lyra (2005): “casa abandonada, ruína anunciada”.

Com o objetivo de resgatar a identidade e a história do povo curitibano, percebe-se a preocupação recente em preservar o patrimônio da cidade, que levou à delimitação e revitalização do Setor Histórico, ao tombamento de edifícios, a classificação das UIPs (Unidades de Interesse de Preservação) e a criação de programas municipais (Revivendo Curitiba, Cores da Cidade, Marco Zero etc). A legislação brasileira, através do Estatuto da Cidade, e a Prefeitura Municipal de Curitiba incentivam a reutilização de edifícios subutilizados, que passam a cumprir sua função social. Segundo Ribeiro (2005), a adaptação às necessidades atuais e o uso adequado das antigas edificações possibilitam transmitir sua importância à sociedade, valorizando o imóvel e, de forma mais ampla, requalificando seu entorno imediato e a cidade.

Além das questões culturais que envolvem estes edifícios, devem ser consideradas também as socioeconômicas. Através da reciclagem, é possível aproveitar a infra-estrutura e os equipamentos urbanos já existentes, que no caso da região central de Curitiba são bastante desenvolvidos. Hoje, em todo o país, percebe-se a escassez de recursos naturais e de combustível, o alto custo dos materiais de construção e a necessidade da economia de matéria-prima, tornando a reciclagem quase que obrigatória.

Portanto, devido a estes aspectos analisados, optou-se pela proposta de implantação de um Albergue da Juventude a partir da reciclagem de um edifício atualmente sem uso, localizado em um terreno no bairro São Francisco, o qual será apresentado a seguir.

4.3 O SÍTIO E SEU ENTORNO IMEDIATO

O bairro e a opção pela proposta da reciclagem juntamente com os conceitos expostos nos capítulos anteriores delimitaram a escolha do edifício subutilizado juntamente com seu terreno. O lote, indicação fiscal 11.015.007, localiza-se na rua Presidente Carlos Cavalcanti, esquina com a rua Duque de Caxias, como mostram as figuras a seguir.



FIGURA 71 – Localização do Sítio escolhido
 FONTE: IPPUC (2008) e Google Earth (2008)



FIGURA 72 – Vista da rua Pres. Carlos Cavalcanti
 FONTE: a autora (2008)



FIGURA 73 – Vista da rua Duque de Caxias
 FONTE: a autora (2008)

O lote possui uma área de 350,30 m² e um formato praticamente retangular, sendo que sua testada principal (rua Presidente Carlos Cavalcanti) apresenta 11,76 m e sua lateral (rua Duque de Caxias) 29,79 m. Este sítio foi escolhido a partir de determinadas análises consideradas importantes para o desenvolvimento do projeto proposto, como:

Acesso e mobilidade

O público do Albergue da Juventude proposto acessaria a cidade principalmente por meio rodoviário, através de ônibus, desembarcando assim na rodoferroviária de Curitiba. Dali até o estabelecimento se deslocariam, em sua maioria, com transporte coletivo. No entorno imediato do sítio existe uma grande quantidade de pontos de embarque e desembarque da RIT (Rede Integrada de Transporte), inclusive da Linha Expresso, facilitando o acesso ao estabelecimento (ver FIGURA 74). Os que utilizam o meio aéreo ou automóveis também chegariam facilmente no Albergue da Juventude localizado na região central, a qual possui sinalização suficiente.

Os turistas podem conhecer a cidade de diversos modos. O principal deles seria através da RIT, que além das linhas convencionais, oferece a Linha Turismo, que passa por 25 pontos turísticos de Curitiba (ver FIGURA 75). Outra opção seria o deslocamento de bicicleta ou a pé, por meio das ciclovias que ligam os principais parques da cidade. Aos pedestres ainda há a opção do passeio pelos diversos calçadões da área central de Curitiba, como o da Rua XV e o Largo da Ordem.

Os fluxos são muito intensos nesta região. Na rua Carlos Cavalcanti são os veículos que predominam e a na rua Duque de Caxias os pedestres, já que esta possui ligação direta com o Largo da Ordem.



FIGURA 74 – Linhas e pontos da RIT no entorno do sítio escolhido

FONTE: IPPUC (2008)

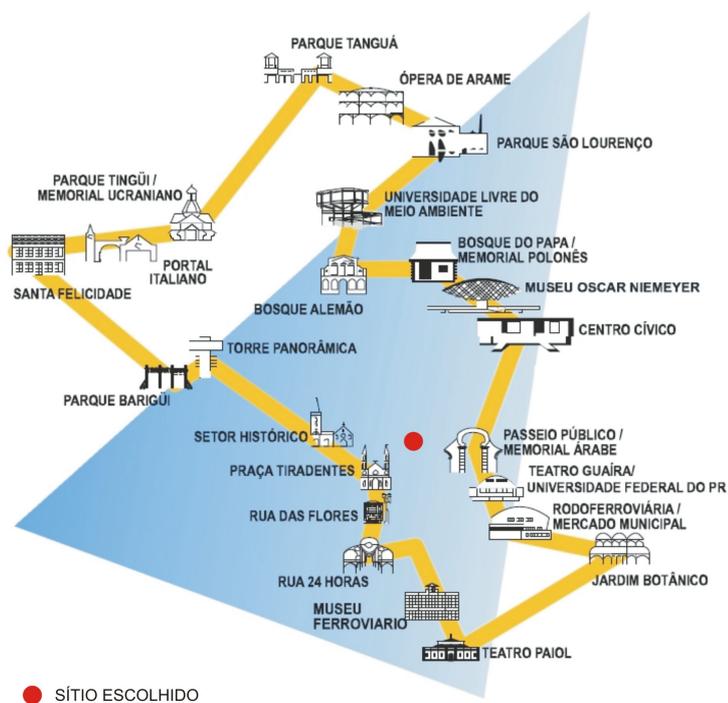


FIGURA 75 – Itinerário da Linha Turismo de Curitiba
 FONTE: URBS (2008)

Usos do entorno imediato

Na esquina em frente ao sítio encontra-se a sede do Siemaco (Sindicato dos Empregados em Empresas de Asseio e Conservação do Estado do Paraná), na esquina diagonal está o tradicional Clube Concórdia e na esquina ao lado localiza-se uma propriedade particular.

O entorno mais abrangente do Albergue da Juventude proposto apresenta uma grande diversidade de usos, sendo em sua maioria de comércio e serviço. A proximidade com o Setor Histórico e o Largo da Ordem proporciona aos alberguistas o contato com muitos espaços culturais, galerias de arte, feiras tradicionais, bares e restaurantes, além da paisagem histórica do local. Nas redondezas do estabelecimento há ainda muitos parques e praças, como o Passeio Público, a Praça João Cândido, a Praça Tiradentes etc (ver FIGURA 76). Percebe-se também uma grande quantidade de estacionamentos comerciais existentes na região, que podem vir a suprir uma possível necessidade dos futuros alberguistas.

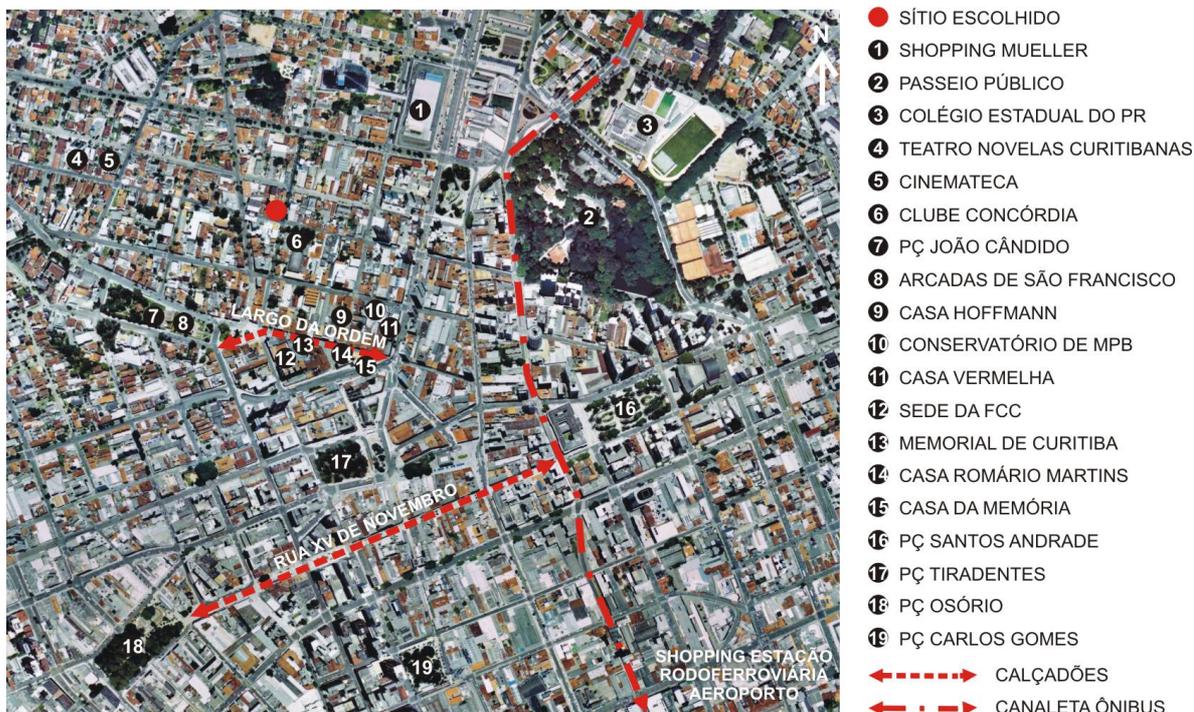


FIGURA 76 – Principais pontos do entorno imediato

FONTE: IPPUC/FCC (2008)

Legislação

O lote em questão situa-se em uma ZR4 (Zona Residencial 4), determinada pela Lei de Zoneamento de Curitiba. Segundo a guia amarela emitida pela SMU (Secretaria Municipal do Urbanismo), os usos permitidos são:

- § Habitação coletiva
- § Habitação transitória 1
- § Comercial (posto de abastecimento e serviços)

Desta forma, os usos permitidos atendem ao programa do projeto proposto. Sob aquisição de potencial construtivo de acordo com a lei municipal 9802/2000, uma vez que a edificação existente é classificada como UIP, os parâmetros construtivos são:

- § Coeficiente de aproveitamento: 2,5
- § Altura máxima: 8 pavimentos
- § Afastamento das divisas: facultado no pavimento térreo e H/6 atendido mínimo de 2,50 m para os demais pavimentos.

Contudo, segundo entrevista realizada com o arquiteto do IPPUC Gerson Staehler, a legislação é bastante flexível para o caso das UIPs, uma vez que o principal objetivo é incentivar o uso das edificações antigas.

Infra-estrutura

O lote é provido de infra-estrutura considerada satisfatória, com iluminação pública, rede de esgoto, coleta de lixo. As caixas das ruas Presidente Carlos Cavalcanti (prioritária 1) e Duque de Caxias (normal) são asfaltadas e possuem passeios de paralelepípedos. No trecho em questão, a primeira via não é arborizada e a segunda possui arborização de pequeno porte.

Aspectos ambientais

Um importante fator analisado é a orientação solar do terreno. A testada principal está voltada para o sul, possibilitando ali o desenvolvimento de espaços sociais e comuns. A testada ao norte possui contato quase que direto com um edifício residencial, de três pavimentos, que sombreia parte do lote em questão. À oeste existem edifícios com gabarito igual ou inferior à edificação existente, sendo que o de gabarito superior encontra-se relativamente afastado da divisa do lote. A testada ao leste é bastante favorecida em relação à orientação solar, já que a largura inteira da via a separa do edifício vizinho, que é térreo. Desta forma, estas duas fachadas (leste e oeste) poderiam ser aproveitadas para os dormitórios propostos, que contariam com mais privacidade.

O lote não apresenta cobertura vegetal, uma vez que sua área descoberta era praticamente toda pavimentada. Em relação à topografia, o terreno apresenta seu ponto mais alto no alinhamento predial da rua Presidente Carlos Cavalcanti, e o mais baixo na diagonal deste, na rua Duque de Caxias. A diferença entre eles é de aproximadamente 2 metros, sendo que o térreo do edifício existente está todo alinhado pela cota mais alta (ver FIGURAS 97 a 102).

Os ruídos são mais intensos na rua Presidente Carlos Cavalcanti, durante o dia, onde o movimento de veículos é maior. No período da noite este local pode ser considerado silencioso.

4.5 O EDIFÍCIO EXISTENTE

A edificação é considerada uma UIP pela CAPC (Comissão de Avaliação do Patrimônio Cultural), devido a seu valor histórico-cultural para a sociedade curitibana. Sendo assim, sua preservação adequada pode concorrer para reduções no IPTU ou incentivos construtivos através da Lei do Solo Criado. Esta lei municipal (6.337/1982), segundo o IPPUC (2008), permite a comercialização do direito de construir: a preservação do patrimônio confere um aumento do potencial construtivo, que pode ser utilizado no próprio terreno ou em outros, de acordo com a Lei de Uso do Solo. Este recurso é muito utilizado com o objetivo de preservar o patrimônio histórico, podendo ser aplicado no caso do projeto proposto.

O edifício existente no lote descrito encontra-se alinhado com ambos os alinhamentos prediais, sem recuos (ver FIGURA 77). Sua fachada principal, voltada pra rua Presidente Carlos Cavalcanti, possui 11,76 m de largura e a lateral, da rua Duque de Caxias, 11,73 m. A edificação é constituída por 2 pavimentos (térreo e superior) e um sótão habitável, que totalizam uma área construída de 395,67 m². Sua implantação na parte frontal do lote disponibiliza uma grande área vazia nos fundos, a qual poderá ser utilizada para as futuras intervenções necessárias (ver FIGURA 78).



FIGURA 77 – Vista geral do edifício
FONTE: a autora (2008)



FIGURA 78 – Vista dos fundos do lote
FONTE: a autora (2008)

O edifício foi classificado como de estilo eclético pela CAPC, pois apresenta influências arquitetônicas de origens diversas, em grande parte trazidas pelos imigrantes europeus. É caracterizado pelo tratamento decorativo das fachadas,

típico do período do início do século XX, quando Curitiba era o centro econômico dos ciclos do mate e da madeira, de acordo com Sutil (1996). A edificação foi construída em alvenaria de tijolo, com fundações de alvenaria de pedra. Segundo entrevista realizada com o arquiteto do IPPUC Gerson Staehler, a cobertura original do sobrado, em duas águas, foi feita com estrutura de madeira e telhas germânicas. A cumeeira é paralela à fachada principal, por onde se acessava o edifício.

As colunatas e as aberturas seguem um determinado ritmo, compondo as fachadas, nas quais predominam pinturas nas cores cor-de-rosa claro e branco. A fachada principal ainda possui uma sacada à esquerda, com guarda-corpo ornamentado de ferro, típico da época de sua construção. As esquadrias, provavelmente originais, são de madeira. Contudo, a maior parte dos vãos encontra-se vedada por alvenaria de tijolo (ver FIGURAS 79 e 80).



FIGURA 79 – Fachada principal do edifício
FONTE: a autora (2008)



FIGURA 80 – Fachada lateral do edifício
FONTE: a autora (2008)

Tanto o muro da rua Duque de Caxias quanto a fachada posterior do edifício exibem marcas de elementos arquitetônicos outrora existentes, como os vãos hoje vedados e as marcas deixadas por uma possível cobertura (ver FIGURAS 81 e 82). Segundo o arquiteto Staehler, por falta de registros específicos, não é possível determinar as características das construções que existiam nos fundos do terreno. Desta forma, considera-se para a realização do projeto proposto apenas a edificação atualmente existente.



FIGURA 81 – Vista do muro a partir do lote
 FONTE: IPPUC – Patrimônio Histórico (2007)



FIGURA 82 – Vista da fachada posterior do edifício
 FONTE: IPPUC - Patrimônio Histórico (2007)

No interior do edifício percebe-se outras características importantes, como a estrutura do piso em madeira que, de acordo com Staehler, era revestido por assoalho, em sua maioria. Hoje tanto o pavimento superior quanto o sótão do sobrado não possuem pisos. A falta de conservação também fez com que a escada se deteriorasse por completo. Não se sabe ao certo onde esta se localizava, mas a partir da análise da planta e de marcas existentes nas paredes, é possível presumir que era construída no centro da edificação.

Apesar de seu valor cultural, infelizmente existem pouquíssimos registros sobre a edificação. Segundo registros do setor de Patrimônio Histórico do IPPUC, a história do edifício iniciou-se em 1931, ano de sua construção. Através da análise da planta juntamente com o professor da UFPR José La Pastina Filho, supõe-se que o edifício foi construído com o objetivo de abrigar comércio no térreo e moradia nos demais pavimentos. Ao longo de sua existência, os proprietários e os usos foram mudando, contudo as funções habitacionais e de serviço predominaram, como: alfaiataria, serviço de consertos gerais, chaveiro e pensão. Este último uso foi registrado pela Folha da Imprensa, em reportagem realizada em 1993, que relatou o perigo a que as 16 famílias que ali viviam estavam expostas, pois o edifício estaria deteriorado e ameaçado de incêndio devido à fiação elétrica exposta. Segundo Staehler, desde o ano 2002 o imóvel está abandonado e sem uso, não cumprindo sua função social, estabelecida pelo Estatuto da Cidade. Parte da história do edifício pode ser percebida através das imagens a seguir.



FIGURA 83 – Edifício em 1979 (chaveiro e alfaiataria)
 FONTE: Acervo da Casa da Memória (1979)



FIGURA 84 – Edifício em 1986 (alfaiataria)
 FONTE: IPPUC - Patrimônio Histórico (1986)

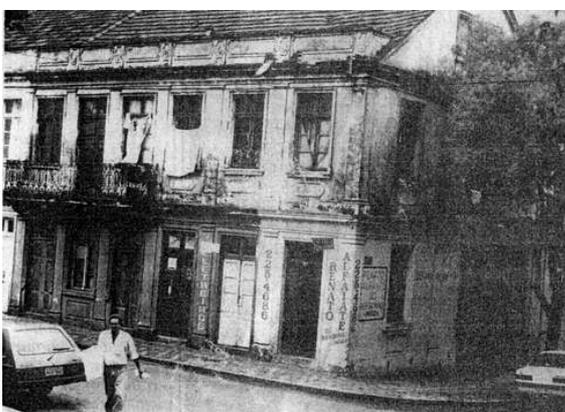


FIGURA 85 – Edifício em 1993 (pensão)
 FONTE: IPPUC – Patrimônio Histórico (1993)



FIGURA 86 – Edifício em 2000 (alfaiataria)
 FONTE: Acervo da Casa da Memória (2000)



FIGURA 87 – Edifício em 2002 – (sem uso)
 FONTE: IPPUC – Patrimônio Histórico (2002)



FIGURA 88 – Edifício em 2002 (sem uso)
 FONTE: IPPUC – Patrimônio Histórico (2002)

Hoje o edifício encontra-se em péssimo estado de conservação e subutilizado. Percebem-se problemas comuns a edificações nesta situação, como: umidade, eflorescências, infiltrações, rachaduras, fissuras, pichações, descaracterização dos elementos arquitetônicos, vegetação parasitária etc, como

podem ser vistos nas figuras a seguir. Sua deterioração é evidente, exigindo ações no sentido de preservar este imóvel de valor cultural e resgatar sua história.



FIGURA 89 – Muro da rua Duque de Caxias
FONTE: Arquiteto Luciano Freitas (2007)



FIGURA 90 – Esquadria fachada principal
FONTE: Arquiteto Luciano Freitas (2007)



FIGURA 91 – Fachada posterior
FONTE: Arquiteto Luciano Freitas (2007)



FIGURA 92 – Detalhe sacada
FONTE: Arquiteto Luciano Freitas (2007)



FIGURA 93 – Interior do edifício
FONTE: IPPUC - Patrimônio Histórico (2007)



FIGURA 94 – Interior do edifício
FONTE: Arquiteto Luciano Freitas (2007)



FIGURA 95 – Interior do edifício

FONTE: IPPUC - Patrimônio Histórico (2007)



FIGURA 96 – Vista do pavimento superior

FONTE: Arquiteto Luciano Freitas (2007)

Desde 2007 vem sendo desenvolvido um projeto de restauro pelo arquiteto Luciano Freitas para o atual proprietário, o Siemaco. Parte das atividades do sindicato, que hoje se concentram no edifício situado à frente, será abrigada no sobrado em questão. O levantamento arquitetônico do edifício em seu estado atual, nas figuras a seguir, foi elaborado a partir deste projeto de restauro e das imagens disponibilizados por Luciano Freitas e pelo Setor de Patrimônio Histórico do IPPUC.

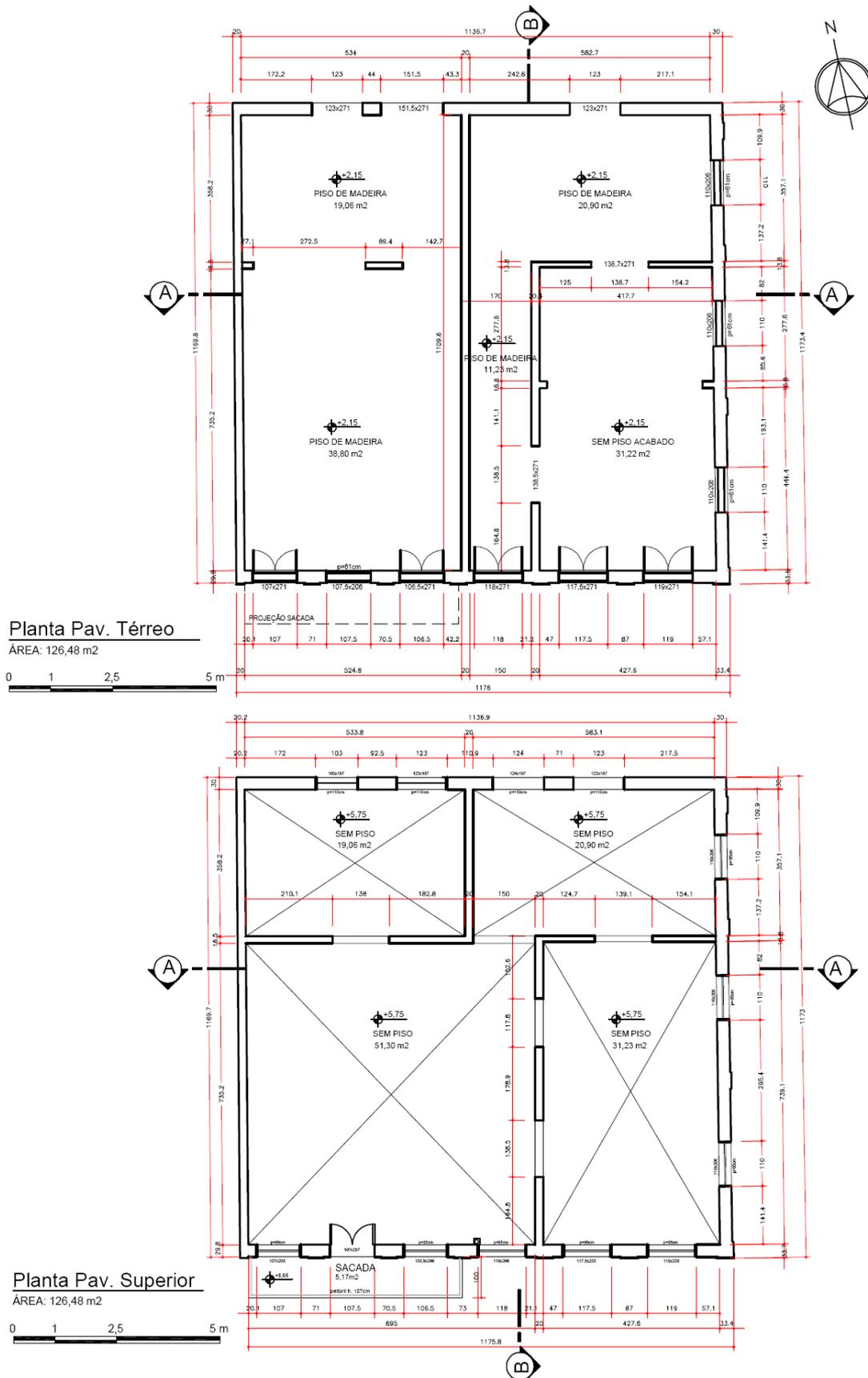


FIGURA 98 – Plantas do Térreo e do Pavimento Superior do edifício existente
 FONTE: a autora (2008)

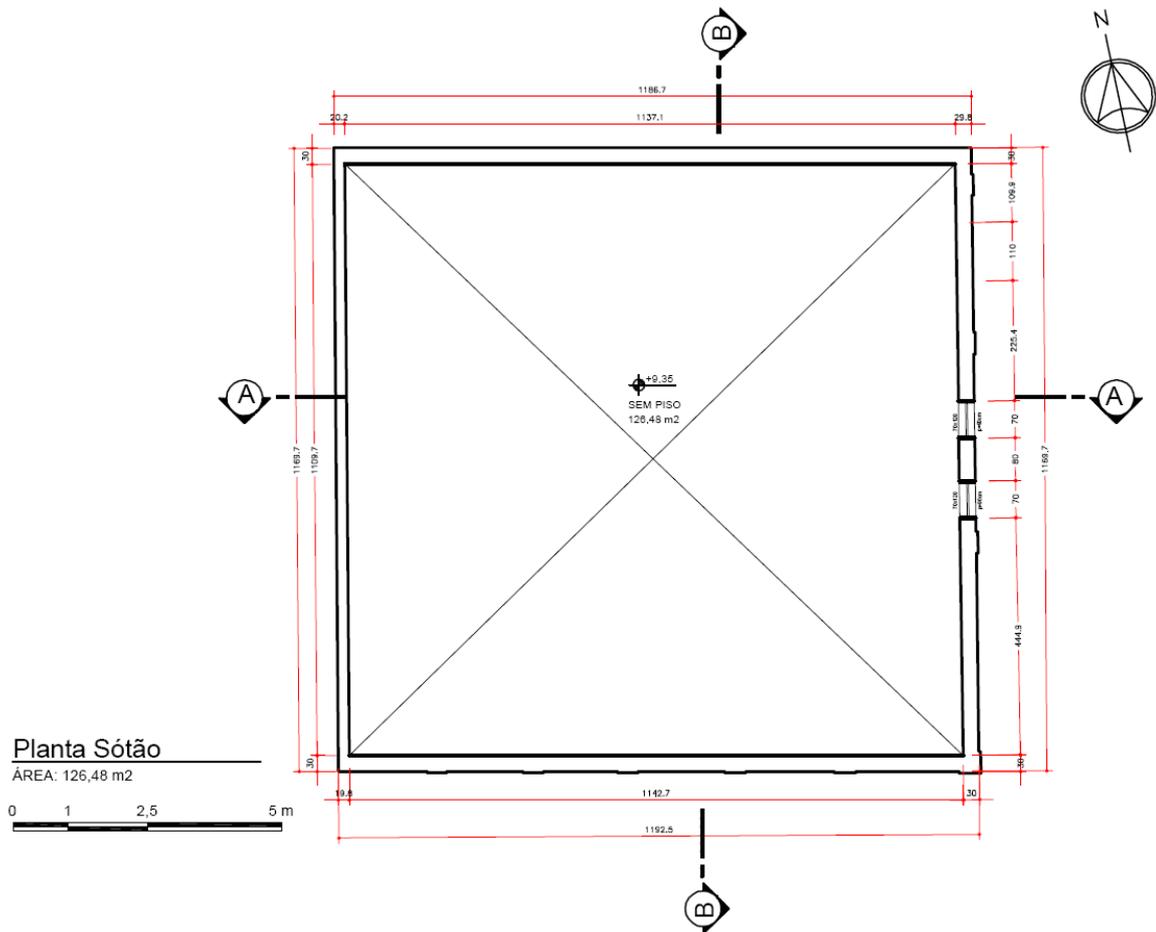
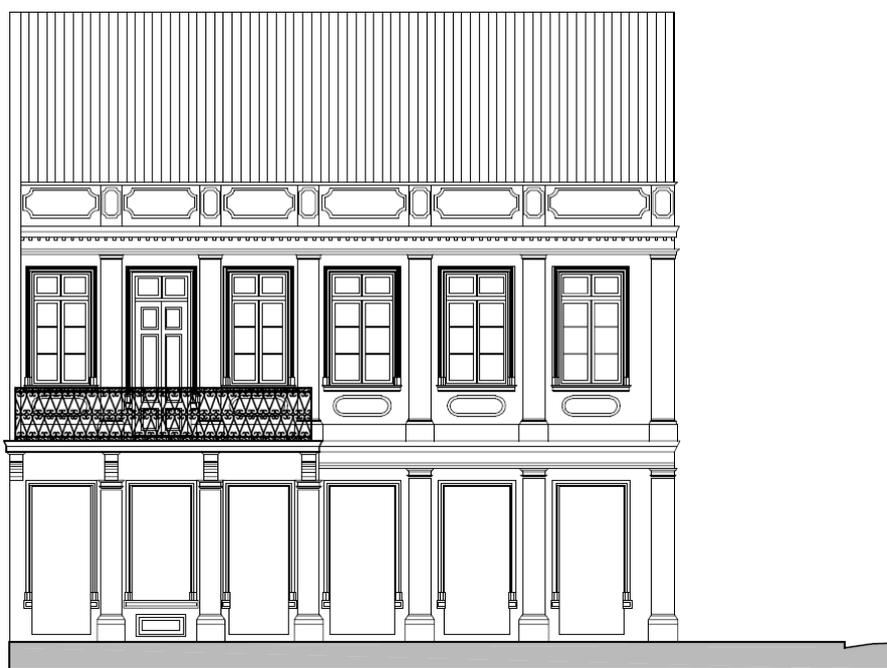


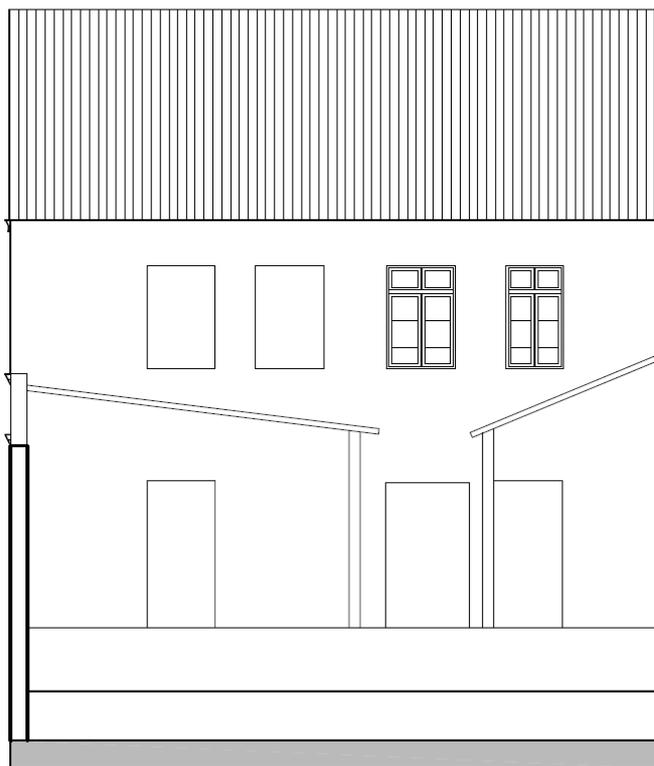
FIGURA 99 – Planta do Sótão e Corte AA do edifício existente

FONTE: a autora (2008)



VISTA RUA PRES. CARLOS CAVALCANTI

0 1 2,5 5 m



VISTA POSTERIOR

0 1 2,5 5 m

FIGURA 101 – Vista rua Presidente Carlos Cavalcanti e Vista Posterior do edifício existente
FONTE: a autora (2008)

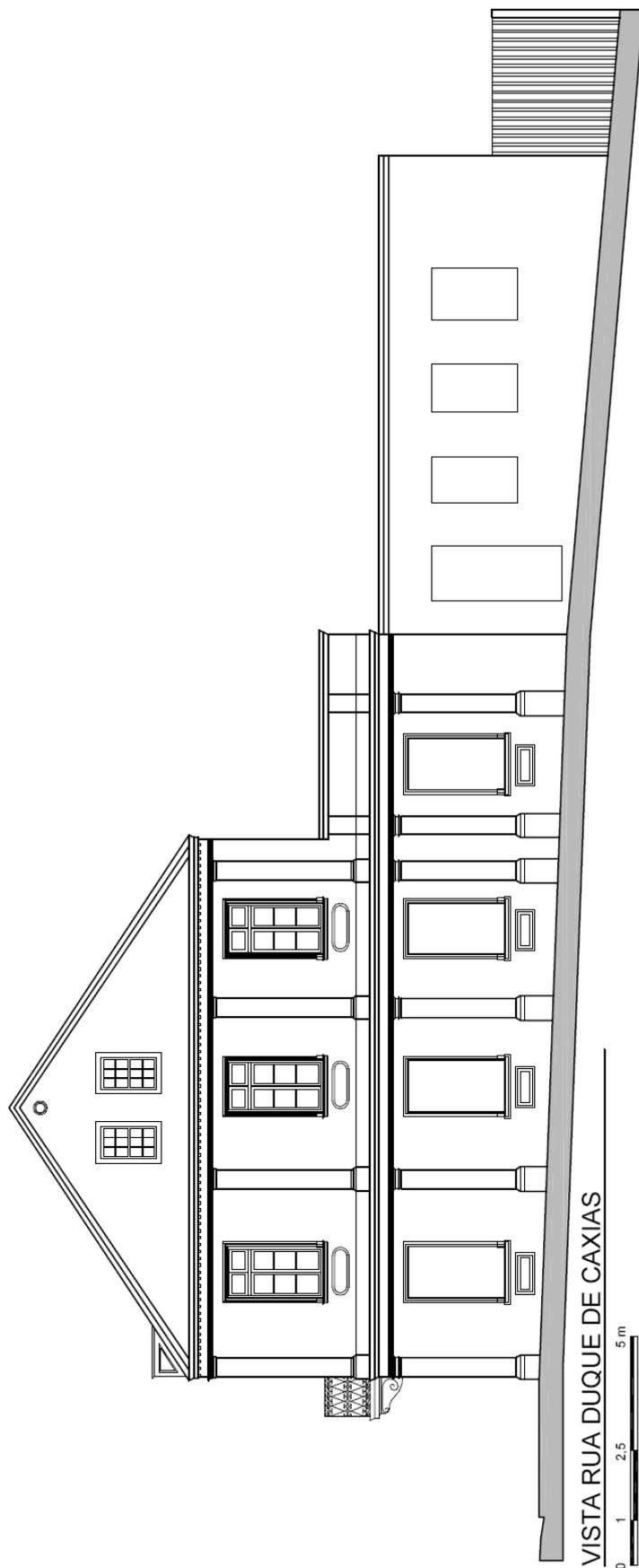


FIGURA 102 – Vista rua Duque de Caxias do edifício existente

FONTE: a autora (2008)

4.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo teve como principal objetivo complementar e finalizar o referencial necessário para a etapa seguinte, da concepção do projeto, através do diagnóstico da realidade em questão. A partir da escala regional até o edifício escolhido, foram analisados importantes aspectos que deverão direcionar o desenvolvimento do projeto, principalmente os que envolvem os conceitos apresentados no segundo capítulo. Desta forma, juntamente com os dois capítulos anteriores, foi elaborada a base que irá orientar o projeto do Albergue da Juventude a ser realizado, cujas diretrizes serão lançadas no capítulo a seguir.

5 DIRETRIZES GERAIS DE PROJETO

Este capítulo apresentará as diretrizes de projeto, resultantes dos conceitos e análises contidos nos capítulos anteriores. Primeiramente será exposta a justificativa do projeto, seguida da proposta e princípios gerais a serem desenvolvidos no projeto. Também será apresentado um programa de necessidades e pré-dimensionamento, organizado através de um organograma setorizado. Os itens a serem expostos a seguir constituirão as premissas para a próxima etapa do Trabalho Final de Graduação: a concepção do projeto arquitetônico do Albergue da Juventude.

5.1 JUSTIFICATIVA DO PROJETO

A possibilidade de conhecer, aprender ou se divertir e relaxar através do turismo é fascinante ao homem contemporâneo. A globalização e as mudanças referentes ao trabalho (férias e remuneração) concorreram para o aumento do desejo e o gosto pelas viagens de lazer, impulsionando o setor turístico. Assim, a atividade possui hoje grande importância socioeconômica tanto no cenário mundial quanto no nacional.

Percebe-se que a atividade turística está em constante crescimento e em processo de segmentação, dividindo-se de acordo com os tipos de usuários e os motivos da realização da viagem. Como foi visto nos capítulos anteriores deste trabalho, um dos segmentos promissores é o turismo alternativo, praticado principalmente pelos jovens. A maior parte deste público viaja em busca do intercâmbio cultural através de novas experiências e aprendizados. É neste contexto que se insere o Albergue da Juventude e a rede IYHF que, com sua filosofia única, conquista cada dia mais adeptos, despertando o sentido da cidadania, do respeito e o engajamento social em seus usuários através de um turismo responsável, valorizando as cidades e sua cultura.

Tendo em vista os aspectos apresentados nos capítulos 2, 3 e 4 deste trabalho, propõe-se a implantação de um novo Albergue da Juventude associado à IYHF na cidade de Curitiba, no bairro São Francisco, a partir da reciclagem de um

edifício hoje abandonado e do projeto de um bloco anexo. As diretrizes e premissas do projeto a ser desenvolvido serão apresentadas a seguir.

5.2 A PROPOSTA

A partir das questões analisadas nos capítulos anteriores, propõe-se a implantação de um Albergue da Juventude filiado à rede IYHF, através da FBAJ. Diante da realidade de Curitiba e do bairro São Francisco apresentada, optou-se pela reciclagem de um antigo edifício atualmente sem uso que abrigaria esta nova atividade. A proposta visa a criação de um meio de hospedagem alternativo urbano, cujo principal objetivo é o encontro e o intercâmbio cultural entre pessoas do mundo inteiro. Todos são bem-vindos ao Albergue da Juventude, sem restrições. Contudo, o público alvo é formado por jovens alberguistas, principalmente turistas culturais e mochileiros, previamente caracterizados no capítulo 2.

A premissa principal do projeto arquitetônico que será proposto é a criação de um espaço apropriado para o desenvolvimento da filosofia alberguista. Já que uma das partes do conjunto do Albergue da Juventude em questão trata-se de um edifício antigo, será adotado o processo da reciclagem que, a partir da inserção de elementos contemporâneos à edificação existente e de adaptações necessárias, deve buscar a autenticidade da obra. O objetivo é resgatar este patrimônio histórico-cultural, onde a memória e o tempo presente serão evidentes e exibidos através da arquitetura. Para a implantação adequada do novo Albergue da Juventude, propõe-se ainda a criação de um novo bloco anexo ao existente, visando à soma de valores ao conjunto e sua adaptação às necessidades atuais. A idéia é que este novo complexo colabore para a requalificação do entorno próximo onde será inserido.

O projeto do Albergue da Juventude será concebido a partir das questões analisadas nos três capítulos anteriores e deverá abranger todas as disciplinas estudadas no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná, com foco no Projeto de Arquitetura. Os três princípios de *Vitruvius* serão aplicados no projeto, que deve conciliar aspectos funcionais, técnicos, estéticos e econômicos. Além disso, os aspectos ambientais também serão determinantes, a fim de conceber um edifício com menor impacto ambiental possível. As normas municipais e nacionais relacionadas ao projeto devem ser fatores condicionantes, como a NBR

9050, que dispõe sobre a “Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos” e o Decreto nº 212/2007, que apresenta o “Regulamento de Edificações do Município de Curitiba”. Uma vez que a proposta é a associação à rede IYHF, as normas da FBAJ também devem embasar o projeto do Albergue da Juventude. Todos estes princípios devem resultar na concepção de um conjunto harmonioso e adequado para receber as atividades de um Albergue da Juventude, onde o novo e o antigo sejam bem evidentes, juntamente com o caráter do estabelecimento.

5.3 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

A partir destas considerações e das análises apresentadas nos capítulos anteriores, principalmente dos estudos de caso e das normas e princípios da FBAJ, propõe-se um edifício que atenda as necessidades de um Albergue da Juventude. Desta forma, elaborou-se um programa de necessidades e pré-dimensionamento preliminar a seguir:

1. Setor de Administração

| AMBIENTE | ÁREA MÍNIMA |
|---------------------|-------------------------|
| Recepção | 5 m ² |
| Escritório gerência | 8 m ² |
| TOTAL | 13 m² |

Tanto a recepção quanto o escritório da gerência foram dimensionados para que um funcionário do Albergue da Juventude proposto trabalhe confortavelmente nestes ambientes.

2. Setor Social

| AMBIENTE | ÁREA MÍNIMA |
|----------------------------|--------------------------|
| Hall de entrada | 20 m ² |
| Sala de Estar | 40 m ² |
| Café | 40 m ² |
| Cozinha Comunitária / Copa | 30 m ² |
| Lavanderia Comunitária | 6 m ² |
| TOTAL | 136 m² |

O café, administrado pelo próprio Albergue da Juventude, possuirá uso compartilhado. Durante a parte da manhã será utilizado para servir o café da manhã aos hóspedes e, durante o resto do dia, será aberto ao público em geral. Tanto a lavanderia quanto a cozinha comunitária poderão ser usadas pelos próprios alberguistas.

3. Setor dos Dormitórios

| AMBIENTE | ÁREA MÍNIMA |
|---|---|
| Quartos coletivos femininos (06 leitos cada) | 3 x 20 m ² = 60 m ² |
| Quartos coletivos masculinos (06 leitos cada) | 3 x 20 m ² = 60 m ² |
| Quartos de família (04 leitos cada) | 4 x 14 m ² = 56 m ² |
| Quartos de casal (02 leitos cada) | 4 x 8 m ² = 32 m ² |
| IS coletivo feminino | 15 m ² |
| IS coletivo masculino | 15 m ² |
| IS privativos de família | 4 x 3,50 m ² = 14 m ² |
| IS privativos de casal | 4 x 3,50 m ² = 14 m ² |
| TOTAL | 266 m² |

O setor dos dormitórios possuirá 60 leitos, distribuídos em 14 quartos. Esta quantidade, segundo as normas apresentadas pela FBAJ, irá garantir a viabilidade econômica do estabelecimento.

4. Setor de Serviços e Apoio

| AMBIENTE | ÁREA MÍNIMA |
|---------------------------------------|--|
| Cozinha do Café | 20 m ² |
| Alojamento para funcionário residente | 20 m ² |
| Vestiário para funcionários | 4 m ² |
| IS Café | 2 x 2,50 m ² = 5 m ² |
| Lavanderia | 10 m ² |
| Depósito / Almojarifado | 8 m ² |
| Rouparia | 4 m ² |
| TOTAL | 71 m² |

Área total do Albergue da Juventude

| AMBIENTE | ÁREA MÍNIMA |
|---------------------------|----------------------------|
| Setor de Administração | 13 m ² |
| Setor Social | 136 m ² |
| Setor dos Dormitórios | 266 m ² |
| Setor de Serviços e Apoio | 71 m ² |
| Total áreas parciais | 486 m ² |
| Circulação (25%) | 121,50 m ² |
| TOTAL | 607,5 m² |

5.4 ORGANOGRAMA E SETORIZAÇÃO

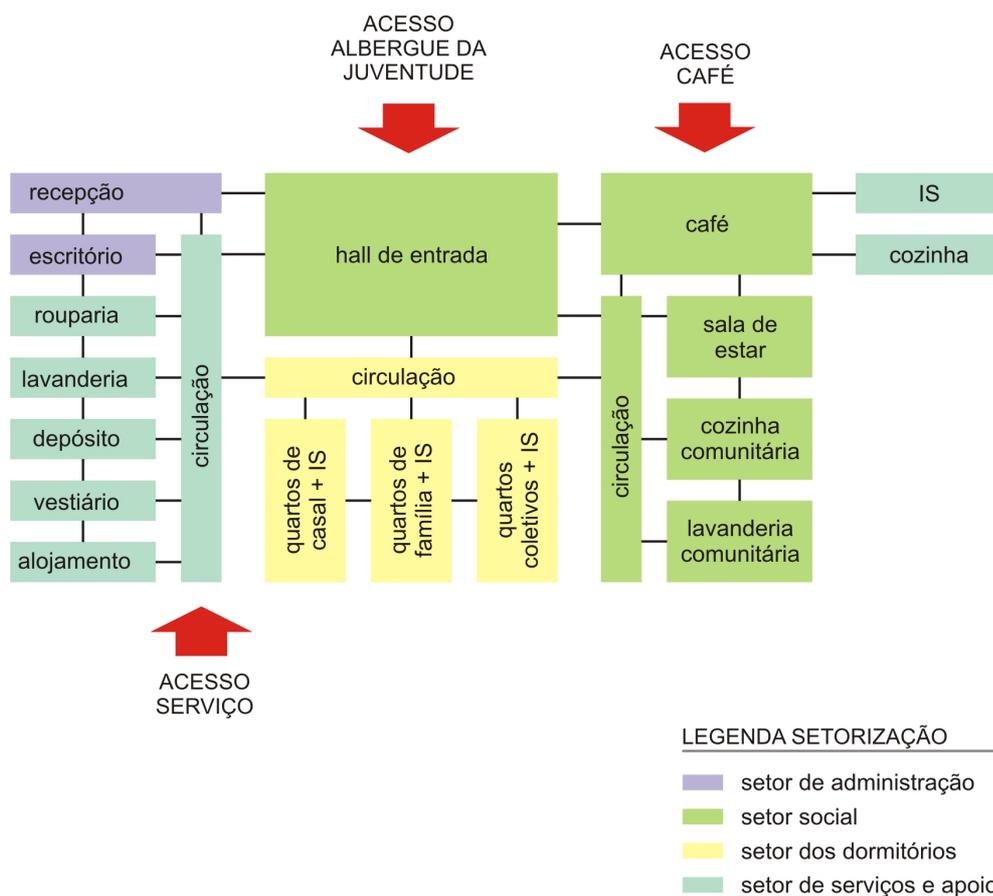


FIGURA 103 – Organograma e Setorização do projeto do Albergue da Juventude

FONTE: a autora (2008)

5.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo foi justificada a importância do projeto proposto no contexto anteriormente estudado. Apresentou-se a proposta e as principais diretrizes para o projeto, elaborados com base em toda a pesquisa desenvolvida. Portanto, este capítulo representou a finalização e o resultado deste trabalho, embasando a concepção do projeto arquitetônico do Albergue da Juventude que será realizado em uma próxima etapa.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho foi desenvolvido com finalidade de estabelecer diretrizes para a segunda etapa do Trabalho Final de Graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná. A análise e compreensão de aspectos relacionados ao tema Albergue da Juventude, à reciclagem na arquitetura e a interpretação da realidade do local de inserção escolhido foram indispensáveis para embasar o projeto arquitetônico a ser proposto em seguida.

Com objetivo de entender o que são e como funcionam os Albergues da Juventude, primeiramente foi necessário compreender a questão do turismo e da hospedagem. Aspectos conceituais e históricos, a realidade brasileira, os segmentos do turismo e as classificações dos meios de hospedagem, bem como seus usuários, foram abordados para que se atingisse o tema escolhido. Assim, a partir destas questões, foi estudado o movimento alberguista, sua importância para a sociedade e demais aspectos relevantes para a compreensão dos Albergues da Juventude. Deste modo, foi possível perceber as principais necessidades de seus usuários, bem como os elementos que devem ser considerados ao se projetar ou adaptar um edifício para receber a função de Albergue da Juventude de forma adequada.

Um outro ponto essencial deste trabalho foi a reflexão sobre a reciclagem na arquitetura, cujos princípios e teorias irão direcionar as intervenções no edifício antigo e a proposta do novo bloco, que devem ser realizados visando a preservação do patrimônio histórico e a requalificação da área em que será implantado. Os estudos de caso, descritos e analisados a partir do tripé fundamental da arquitetura de Vitruvius, também foram muito importantes para compreender a arquitetura das edificações compatíveis com as dos Albergues da Juventude. A percepção global dos edifícios, as relações entre suas partes e seus aspectos positivos e negativos contribuíram para referenciar o projeto que será realizado. Para isto, também mostraram-se necessárias a análise e a compreensão do contexto no qual será inserido o Albergue da Juventude. Desta forma, partiu-se do estudo desde a escala regional até a específica, a do edifício existente.

A partir destes conhecimentos adquiridos, foi realizada a parte final deste trabalho, no qual são apresentadas as premissas gerais para o projeto que será concebido. As metas, as expectativas e o programa de necessidades bem como um organograma preliminar foram determinados a partir de todos os dados levantados e

analisados nesta pesquisa. Assim, considera-se que a finalização deste trabalho possibilita o início dos estudos para o projeto arquitetônico do Albergue da Juventude.

REFERÊNCIAS

ALBERGUE DAS LARANJEIRAS. Disponível em <www.laranjeirashostel.com.br>, acessado em 06 de abril de 2008.

ALMEIDA, Regina Araújo de. *Cultura e Turismo*. São Paulo: IPSIS, 2007 (EMBRATUR).

ALMEIDA, Regina Araújo de. *Aprendiz de lazer e turismo*. São Paulo: IPSIS, 2007 (EMBRATUR)

ANDRADE, José Vicente de. *Turismo: fundamentos e dimensões*. São Paulo: Ática, 2001.

ANDRADE, N; BRITO, P.L; JORGE, W.E. *Hotel: planejamento e projeto*. São Paulo: SENAC, 2001.

ASSOCIAÇÃO PARANAENSE DE ALBERGUES DA JUVENTUDE. Disponível em <<http://www.alberguespr.com.br/>>, acessado em 25 de março de 2008.

Associação Paulista dos Albergues da Juventude. Disponível em <www.alberguesp.com.br>, acessado em 07 de março de 2008.

BOITO, Camillo. *Os Restauradores*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

CASTELLI, Geraldo. *Administração Hoteleira*. Caxias do Sul: EDUCS, 1992.

CASTRO, Cleusa de. *Permanências, transformações e simultaneidades em arquitetura*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRS, 2002.

CHIOZZINE, Daniel. *Turismo cultural e educação patrimonial mais próximos*. Reportagem da Revista Eletrônica do IPHAN, edição 3, janeiro/ fevereiro 2006. Disponível em <www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=147>, acessado em 06 de abril de 2008.

CURITIBA ECO HOSTEL. Disponível em <www.curitibaecohostel.com.br>, acessado em 27 de abril de 2008.

ESMANHOTTO, Mônica. Albergue da Juventude em Paranaguá. Trabalho de Graduação. Curitiba: UFPR, 2002.

FANUCCI, Francisco. *Francisco Fanucci, Marcelo Ferraz: Brasil Arquitetura*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

Federação Brasileira dos Albergues da Juventude. Disponível em <www.hostel.org.br>, acessado em 27 de fevereiro de 2008.

FENIANOS, Eduardo Emílio. *São Francisco – uma história de monumentos*. Curitiba: UniverCidade, 1998.

FREIRE, Doia; PEREIRA, Lígia Leite. *História oral, Memória e Turismo Cultural*. In: MURTA, S. M; ALBANO, C. *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Território Brasilis, 2002.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. Disponível em <www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br>, acessado em 05 de junho de 2008.

GIARETTA, Maria José. *Turismo da Juventude*. São Paulo: Manole, 2003.

GIARETTA, Maria José; FARIA, Ana Paula Macaуда. *Manual de Abertura e Operação de Albergues da Juventude*. São Paulo: FBAJ, 2006.

Hostelling International. Disponível em <www.hihostels.com>, acessado em 07 de março de 2008.

INDIGO HOTEL. Disponível em <www.indigopatagonia.com.br>, acessado em 16 de maio de 2008.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <www.ibge.gov.br>, acessado em 22 de maio de 2008.

IPHAN. *Cartas Patrimoniais*. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br>>, acessado em 17 de abril de 2008.

Instituto de Planejamento e Pesquisa de Curitiba. Disponível em <www.ippuc.org.br>, acessado em 12 de abril de 2008.

Instituto de Planejamento e Pesquisa de Curitiba. *Curitiba em Dados 2004*. Curitiba: IPPUC, 2004.

LA PASTINA FILHO, José. *A reciclagem de edifícios históricos para uso museológico*. Artigo apresentado no curso “A pesquisa interdisciplinar: a nova museologia”. Curitiba, 1989.

LYRA, Cyro Corrêa. *Casa vazia, ruína anuncia*. Dissertação de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. *Patrimônio cultural e identidade: Significado e sentido do lugar turístico*. Artigo publicado no Portal de Turismo, disponível em <www.proximodestino.com.br/index.php?option=com_noticias&task=view&id=224&tipo=artigo>, acessado em 05 de abril de 2008. Fortaleza: UNIFOR, 2007.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Disponível em <www.turismo.gov.br>, acessado em 02 de abril de 2008.

MINISTÉRIO DO TURISMO. *Turismo Cultural: orientações básicas*. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina. *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Território Brasilis, 2002.

POPP, Elisabeth Vitória. *Hotelaria e Hospitalidade*. São Paulo: IPSIS, 2007.
*EMBRATUR

RIBEIRO, Olympio Augusto. *Arquitetura: restauração e reciclagem*. Disponível em <www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc128/mc128.asp>. São Paulo: Vitruvius, 2005.

SAYEGH, Simone. *Por fora, por dentro*. AU – arquitetura & urbanismo, nº 159, 2007.

SECRETARIA DO ESTADO DO TURISMO DO PARANÁ. Disponível em <<http://www.pr.gov.br/turismo>>, acessado em 05 de março de 2008.

SERAPIÃO, Fernando. *Brasil arquitetura – museu em Salvador*. ProjetoDesign, nº 319, 2006.

SETE43ARQUITETURA. Disponível em <www.sete43arquitetura.com.br>, acessado em 27 de maio de 2008.

SILVA, Patrícia Garrido Nery da. *O programa Bahia Qualitur sob a ótica da qualificação profissional e da gestão organizacional em meios de hospedagem de pequeno porte: um estudo de caso no Albergue das Laranjeiras*. Dissertação de Graduação. Salvador: Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia, 2005.

SIVIERO, Ana Paula. *Os elementos do espaço turístico urbano no processo de planejamento: uma análise da área central de Curitiba – PR*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2005.

SUTIL, Marcelo Saldanha. *O espelho e a miragem: ecletismo, moradia e modernidade na Curitiba do início do século*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 1996.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *Turismo básico*. São Paulo: SENAC, 2001.

ULTRAMARI, Clóvis. *Quatro vertentes*. Gazeta do Povo, Curitiba, edição impressa em 13/03/2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. *Normas para Apresentação de Documentos Científicos*. Curitiba: UFPR, 2007.

URBS - URBANIZAÇÃO DE CURITIBA. Disponível em <www.urbs.curitiba.pr.gov.br>, acessado em 05 de junho de 2008.

VIOLLET-LE-DUC, Eugéne Emmanuel. *Restauração*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006.

WIKIPÉDIA. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org>>, acessado em 23 de maio de 2008.